

**Erasmu Carlos Gomes de Holanda**

**A SALVAÇÃO DO HOMEM NA OBRA *ADVERSUS HAERESSES* DE SANTO  
IRINEU: UM CONFRONTO DE MENTALIDADES**

**A visão de Irineu e do Gnosticismo sobre o significado do ser humano**

**Dissertação de Mestrado em Teologia**

**Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Barros**

**Apoio CAPES-PROSUP**

**Belo Horizonte - MG  
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2012**

**ErasmO Carlos Gomes de Holanda**

**A SALVAÇÃO DO HOMEM NA OBRA *ADVERSUS HAERESES* DE SANTO  
IRINEU: UM CONFRONTO DE MENTALIDADES**

**A visão de Irineu e do Gnosticismo sobre o significado do ser humano**

Dissertação apresentada ao  
Departamento de Teologia da Faculdade  
Jesuíta de Filosofia e Teologia, como  
requisito parcial para obtenção do título  
de Mestre em Teologia.

**Área de concentração:** Teologia  
Sistemática

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Cesar Barros

**Belo Horizonte - MG  
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2012**

Holanda, Erasmo Carlos Gomes de

A salvação do homem na obra *Adversus Haereses* de Santo Irineu: um confronto de mentalidades: a visão de Irineu e do gnosticismo sobre o significado do ser humano / Erasmo Carlos Gomes de Holanda. - Belo Horizonte, 2012.

105 p.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Barros

Dissertação (mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Salvação (Teologia). 2. Homem (Teologia cristã). 3. Gnosticismo. 4. Irineu, Santo. *Adversus haereses*. I. Barros, Paulo César. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 234


**ERASMO CARLOS GOMES DE HOLANDA**

**“A SALVAÇÃO DO HOMEM NA OBRA *ADVERSUS HAERESES* DE SANTO IRINEU: UM CONFRONTO DE MENTALIDADES. A visão de Irineu e do Gnosticismo sobre o significado do ser humano.”**

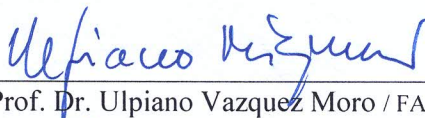
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 12 de junho de 2012.

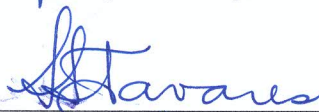
**COMISSÃO EXAMINADORA:**



Prof. Dr. Paulo César Barros / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Ulpiano Vazquez Moro / FAJE



Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares / Inst. Teológico Franciscano - Petrópolis - RJ (Visitante)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho *in memoriam* de minha mãe Fátima Gomes de Holanda e de meu fundador Pe. Caetano Minnetti de Tillesse por me ensinarem com suas vidas que sou chamado a uma vocação maior em Cristo Jesus. Ao meu herói José Engling que com sua vida nos ensina que o homem é chamado a um progresso contínuo em Cristo Jesus. Engling nos mostra com o seu testemunho que o ser humano configurado a Cristo pode ir além na sua existência, apesar dos limites existenciais. Que você, meu amigo, em breve, receba a honra dos altares.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado seu Filho Jesus e nele me revelar o seu plano de amor para a minha existência.

À minha comunidade religiosa em Vespasiano, por me ensinarem a viver a fraternidade evangélica e a exercer o ministério de superiorato.

Ao meu superior geral Pe. Francisco Helton Reis Maia.

Ao Pe. Fabrício Damasceno Cruz e ao Pe. Rogério França Lopes e ainda ao Pe. Lauro Freire por acreditarem na minha vocação.

Às irmãs do ramo feminino do meu instituto, em especial: Aíla, Márcia, Rita Gomes, Rita Paixão por me incentivarem na vida acadêmica.

Aos meus amigos na caminhada Pe. Harley Caldeira Mourão, Pe. Ademilson Luiz Ferreira, ao Jorge e a Teca.

À equipe da biblioteca e à minha amada Paróquia São José por ser a prova viva de que o cristão pode ser elevado a um progresso contínuo em Cristo Jesus.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar como Irineu, ao desenvolver a sua doutrina da salvação, pensa o ser humano dentro dela. O trabalho demonstra o contexto histórico em que o autor estava inserido e a situação da Igreja particular de Lião. Também veremos as influências de fé na vida de Irineu e as fontes do seu método teológico e como ele o desenvolve a partir de tais fontes. Também apresentaremos o desenvolvimento histórico do movimento gnóstico, bem como seus principais líderes. Depois, em seguida, vamos expor a doutrina gnóstica sobre a salvação e o homem. Ao longo da exposição, procuraremos perceber as particularidades deste movimento e os pontos divergentes de sua doutrina com o cristianismo. Em seguida, apresentaremos a doutrina da salvação desenvolvida por Irineu e a compreensão que vai tendo do homem dentro de sua doutrina. Ao longo da exposição sobre Irineu, perceberemos que o nosso autor concebe o homem como um ser único na história destinado a um futuro maravilhoso. A salvação, para nosso autor, se concretiza na encarnação e tem seu ponto alto na morte e ressurreição de Jesus. A vinda do Verbo ao mundo vem recapitular todas as coisas e elevar o homem a um progresso único que culmina na ressurreição.

**Palavras-Chave:** Deus. Homem. Salvação. Gnosticismo. Encarnação. Verbo. Jesus Cristo.

## **ABSTRACT**

The present work aims at showing how Master Irineu, in the development of his Doctrine of Salvation thinks the human being inside it. The research show the historical context in which our author was inserted and some of the situation of the particular Church of Lyon. We will also observe the influences of faith on the life of Irineu and the sources of his theological method, as well as how he develops it from those sources. We will also present some o the historical development of the Gnostic movement, as well as its sources. Later, we will explain the Gnostic doctrine of salvation and man. Throughout the exposition, we will try to realize the particularities of that movement and the divergent points of that doctrine with Christianity. Then, we will present the Doctrine of Salvation developed by Irineu and the comprehension that man achieves inside that doctrine. Throughout the exposition on Irineu we realize that the author conceives man a unique being on history, due to a wonderful future. Salvation, for the author, is realized on the incarnation and has its climax on death and resurrection of Jesus. The coming of the Verb to the world recapitulates all things and elevates the man to a unique progress and culminates on resurrection.

**Key-words:** God, man, salvation, Gnosticism, incarnation, Verb, Jesus Christ



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
------------	---

### CAPITULO I

1 - IRINEU, PASTOR E PROFETA DE SEU TEMPO	13
1.1 - Uma Igreja jovem e fervorosa: a comunidade cristã de Lião	13
1.1.1 - A cidade de Lião, a jóia do Império Romano	13
1.1.2 - O cristianismo e os líoneses	15
1.1.3 - O martírio	16
1.2 - Quem foi o bispo Irineu?	22
1.2.1 - Irineu, o presbítero	22
1.2.2 - Irineu, o bispo	23
1.2.3 - Irineu frente aos problemas de seu tempo	24
1.3 - Irineu o teólogo	28
1.3.1 - Influências sofridas por Irineu	28
1.3.2 - Escritura e Tradição: as fontes do pensamento de Irineu	29
1.3.3 - A construção do método teológico de Santo Irineu	30

### CAPITULO II

2 - GNOSTICISMO: UM MOVIMENTO DE MUITAS IDEIAS	36
2.1 - O gnosticismo, surgimento histórico e principais correntes	36
2.2 - Marcião e Valentim, duas figuras-chave para a expansão do gnosticismo	43
2.2.1 - O mestre Marcião	43
2.2.2 - Valentim	45
2.3 - O gnosticismo e sua compreensão acerca da criação, de Deus, do homem e da matéria	45
2.3.1 - Deus e a criação vistos e compreendidos pelos gnósticos e Valentim	45
2.3.2 - A matéria e sua compreensão por parte dos gnósticos e Valentim	57
2.3.3 - O ser humano visto e compreendido a partir do gnosticismo	61

### CAPITULO III

3 - UMA VISÃO OTIMISTA DO HOMEM E DO MUNDO: A SOTERIOLOGIA E A ANTROPOLOGIA IRINEANA	69
3.1 - Deus autor do homem e da matéria	69

<b>3.1.1 - O homem e a matéria obra criadora de Deus</b>	<b>70</b>
<b>3.1.2 - As duas mãos do Pai na criação: o Verbo e o Espírito</b>	<b>76</b>
<b>3.2 - O Verbo, significado de sua encarnação</b>	<b>79</b>
<b>3.2.1 - Por que o Verbo se fez carne?</b>	<b>79</b>
<b>3.2.2 - O homem e sua salvação: a recapitulação do homem pelo Verbo</b>	<b>85</b>
<b>3.3 - A concretização da salvação</b>	<b>91</b>
<b>3.3.1 - A salvação no hoje do homem: comentário das parábolas usadas por Irineu (uma exegese de cunho soteriológico)</b>	<b>91</b>
<b>3.3.2 - O homem e sua vocação escatológica</b>	<b>95</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>101</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>107</b>

## INTRODUÇÃO

Alguém poderia perguntar o que queremos ao apresentar esse teólogo do século II, ou, ainda, o que o pensamento desse pai tem a nos dizer hoje. Ora, ao folhearmos as páginas de *Contra as Heresias*, de Irineu, notamos a riqueza de sua doutrina e de seu ensinamento. Observamos, ao longo de suas obras, que a sua doutrina da salvação possui características que privilegia o ser humano. Teremos como objetivo, nas páginas deste trabalho, mostrar como Irineu concebe o homem dentro da soteriologia por ele desenvolvida. Também, ao mesmo tempo, vamos apresentar o pensamento do movimento gnóstico acerca do ser humano. Perceberemos, ao adentrar o confuso mundo gnóstico, o quanto o pensamento deste movimento, embora bem intencionado, tinha uma ideia divergente a respeito do homem do cristianismo vivido e refletido por Irineu em sua obra. Para o nosso autor, como veremos em nosso trabalho, o homem estava destinado à salvação desde a criação e por isso é chamado a um progresso único na história do mundo.

Para realizarmos a nossa pesquisa, tivemos de consultar a obra de Irineu *Contra as Heresias*. Esta obra, publicada em uma edição crítica francesa em cinco volumes, teve de ser lida várias vezes por nós para entendermos o que o nosso autor tanto tinha a dizer acerca da sua doutrina sobre a salvação e para compreendermos o complicado mundo gnóstico.

Ao lermos Irineu, percebemos limites no próprio autor ao expor sua doutrina, como também a de seus inimigos. Algumas vezes, nos perdíamos no complicado mundo gnóstico sem entender muito de quem ou do que o nosso autor queria falar. Muitas vezes, ao longo deste trabalho, recorreremos aos escritos gnósticos e algumas vezes a alguns estudiosos do próprio gnosticismo. Estávamos bem cientes de que o nosso trabalho não era sobre o gnosticismo. Porém, para entender a teologia de Irineu, era necessário entender quais eram as questões a que ele queria responder em seu tempo. Pois sabemos que Irineu escreve sua grande obra *Contra as Heresias* querendo responder a certa compreensão da doutrina cristã, tanto por parte dos gnósticos como de outros grupos heterodoxos. É também sabido por nós que tais interpretações da doutrina cristã por parte desses grupos muitas vezes fugiam do conteúdo básico da fé já existente no seio da comunidade cristã. Irineu, inserido neste contexto, se vê obrigado a refletir sobre esses questionamentos feitos à fé cristã. E, à luz da tradição das primeiras comunidades e da Sagrada Escritura,

procura responder a tais problemas. Ao respondê-los, vai desenvolvendo a sua teologia, que nada menos é, a nosso ver, do que uma reflexão pormenorizada de toda a fé e doutrina cristãs. E, nesta reflexão, a sua doutrina da salvação, ou seja, a maneira como compreende a salvação, coloca ênfase no ser humano.

É refletindo sobre a doutrina soteriológica de Irineu que tentaremos perceber como o nosso santo concebe o homem e o seu destino. Também perceberemos, ao longo de nosso trabalho, que a maneira como Irineu trata o ser humano, à luz da fé cristã, parece responder ou iluminar muitos problemas, tanto de ordem religiosa, sociológica, moral ou filosófica, relacionados ao ser humano na atualidade. Vamos compreendendo que a doutrina de Irineu não parece ser tão distante de nós como aparenta. Ao contrário, existem muitas semelhanças entre os nossos problemas e os do tempo de Irineu.

Uma vez expondo o que nos motivou a pesquisar Irineu, podemos apresentar o longo e árduo caminho percorrido por nós para entendermos melhor o seu pensamento. A primeira coisa que fizemos foi apresentar o contexto histórico no qual Irineu estava inserido. Qualquer indivíduo sofre as influências culturais, sociais e religiosas no ambiente em que está inserido, sendo que tais características marcam profundamente o modo de pensar e de agir de qualquer um. Irineu não foge à regra, tampouco é exceção. Irineu é um homem de seu tempo e é profundamente marcado pelas questões eclesiais, morais e sociais existentes ao seu redor.

Por este motivo, no primeiro capítulo de nosso trabalho, vamos apresentar o contexto histórico de Irineu e a situação da igreja de seu tempo. Assim, o leitor vai observar que Lião era uma das cidades importantes do Império Romano. Embora fosse uma pequena cidade da região gaulesa, durante algum tempo, com o passar dos anos, tornou-se um importante centro comercial, político e religioso nos séculos I e II. Por ser tão importante no Império, esta cidade tornou-se rota de vários grupos imigratórios e foi por meio desses grupos que o cristianismo chegou a Lião; juntamente com eles, Santo Irineu. Vale lembrar que Irineu deve ter sofrido influências profundas da igreja de Lião, pois esta igreja era conhecida, como veremos em nosso primeiro capítulo, em todo o mundo cristão antigo pelo testemunho e pelo fervor de seus mártires. Também veremos que Irineu, pouco a pouco, ganhou respaldo nesta jovem igreja, pois as *Cartas dos Mártires* foram enviadas por meio dele ao bispo de Roma. Diante de tanta consideração por parte dos cristãos de Lião, não é anormal que Irineu tenha sido eleito sucessor do famoso

bispo de Lião, Fotino. Também vamos descobrir, ao longo deste capítulo, que Irineu desenvolve um método próprio na sua teologia que depois vai ser utilizado por muitos pais na antiguidade cristã.

No segundo capítulo de nosso trabalho, vamos apresentar o movimento gnóstico em suas origens e desenvolvimento histórico. Pretendemos neste capítulo apresentar a doutrina gnóstica e a sua compreensão do ser humano. Iniciaremos falando dos grandes líderes do gnosticismo e de sua compreensão particular do mundo, de Deus, da criação e do ser humano. Daremos ênfase, algumas vezes, a Valentim e a seu movimento, embora, muitas vezes, os ensinamentos de Valentim e de outros mestres gnósticos citados por nós ao longo do trabalho seja praticamente o mesmo, sendo que, vez por outra, apareça alguma divergência. Ao apresentarmos tais mestres com suas ideias, notaremos que o conteúdo desses ensinamentos era completamente diferente do conteúdo da fé apresentado por Irineu e as primeiras comunidades cristãs. Veremos que a criação, para tais grupos, é por vezes compreendida como fruto de uma confusão divina, e que por vezes é obra de uma série de princípios divinos desiguais. Desta forma, o homem e a matéria são vistos como uma degradação deste movimento divino. Daí o motivo de a encarnação ser completamente rejeitada por este movimento. Pois, partindo desta perspectiva, é impossível para os adeptos do gnosticismo acreditarem que um ser divino pudesse encarnar-se.

Também perceberemos a amplitude do movimento gnóstico e as várias concepções teológicas existentes dentro dele. Ainda veremos as influências do pensamento grego e de várias filosofias de cunho religioso oriental que tanto contribuíram para a formação deste movimento. Observaremos, ao longo do mesmo capítulo, que no gnosticismo nem todos os homens estão destinados à salvação, o que diverge completamente do pensamento cristão. Assim, ao longo do segundo capítulo, vamos entendendo que, embora o movimento gnóstico pareça, ao pesquisador, moderno e fascinante por sua reflexão filosófica e teológica, pois procura responder a algumas questões do homem daquela época, ele diverge radicalmente do cristianismo não somente no tocante à sua compreensão do ser humano como também por se afastar do núcleo central da fé cristã. Desta forma, vamos compreendendo o problema que o gnosticismo tornou-se para o cristianismo nascente e porque o bispo Irineu se opôs radicalmente a este movimento e às suas ideias.

No terceiro capítulo, vamos apresentar a doutrina da salvação desenvolvida por Santo Irineu em sua obra *Contra as Heresias*. Nesta obra, Irineu apresenta a doutrina da salvação com todas as suas implicações para o homem. Podemos notar, ao longo do capítulo, que Irineu desenvolve, de tal forma, dentro da sua doutrina soteriológica, uma visão positiva do homem. Aliás, muitas das coisas por ele ditas lembram os pensadores humanistas de nossos tempos. Irineu tem uma visão do ser humano que muito tem a nos dizer na atualidade. O interessante é perceber que o homem diferente do gnosticismo não é fruto de uma queda por parte de algum elemento da divindade, tampouco é uma obra indesejada por Deus. Ao acompanharmos Irineu no desenvolvimento da sua doutrina teológica, notamos que ele constrói o seu método teológico com precisão. Ao mesmo tempo, ao desenvolver tal método, vai respondendo às questões dos Livros I e II de *Contra as Heresias* levantadas pelos gnósticos.

Irineu, em seu zelo pastoral, escreve para ajudar a sua comunidade a ter uma reta compreensão da doutrina ensinada pelos apóstolos e transmitida às comunidades cristãs. Ao longo do terceiro capítulo, veremos que a Criação, a encarnação do Verbo, a ressurreição de Jesus e a sua segunda vinda são caminhos que apontam um projeto salvífico concreto. E esse projeto de salvação é um convite de Deus a todos os homens. No decorrer deste capítulo, veremos como esse projeto se desenvolverá concretamente na vida do ser humano. Descobriremos como o homem é convidado a participar deste projeto maravilhoso de Deus na história. E ainda a que vocação específica o homem está destinado desde a origem do mundo e como deve assumir este projeto.

## CAPÍTULO I

### 1. IRINEU, PASTOR E PROFETA DE SEU TEMPO

No presente capítulo, contextualizamos o tempo de Irineu e expomos a situação política que Lião experimentava no Império Romano. Também conhecemos um pouco da igreja de Lião e percebemos como a vida de fé dos seus fiéis era fervorosa. Depois apresentamos a figura de Irineu em seu papel de pastor frente aos desafios lançados à sua igreja e, por fim, um pouco do seu método teológico e as fontes do mesmo.

#### 1.1 Uma igreja jovem e fervorosa: a comunidade cristã de Lião

Nosso objetivo nas linhas que se seguem é tentar explorar o contexto histórico da cidade de Lião, e ao mesmo tempo perceber como o cristianismo aos poucos foi se situando naquela cidade gaulesa, e o impacto das perseguições contra os cristãos daquela igreja particular.

##### 1.1.1 A cidade de Lião, a joia do Império Romano na Gália

Esta cidade situada na Gália,<sup>1</sup> colonizada pelos romanos, com seus habitantes, no decorrer dos anos, vai adquirir uma visibilidade enorme naquela região. Tanto que, como veremos adiante, vai se tornar um importante centro comercial naqueles lados do Império. Tais informações, a nosso ver, são significativas, pois nos ajudam a compreender a igreja da qual Irineu viria a ser bispo posteriormente, bem como as virtudes e desafios encontrados nela.

No século II, a Gália estava dividida em quatro províncias, a saber: uma que ficava no sudeste indo até os Alpes, outra do mediterrâneo até Lião, outra em uma região chamada Narbonne. Juntas elas formavam a chamada Gália romana. E ainda havia a chamada Gália cabeluda (ou Gália comatosa)<sup>2</sup> que consistia naquelas regiões conquistadas por César. Depois de algum tempo, o imperador Augustus

---

<sup>1</sup> A região que chamamos de Gália compreende as atuais França e Bélgica.

<sup>2</sup> Esta seria a Província da Gália que se considerava bárbara e que não se deixou subjugar pelo Império Romano.

dividia a Gália em três grandes regiões distintas: a lionesa, a aquitânea e a belga. Vale lembrar que cada região era governada por um representante do imperador. Como eram costume no Império, os países conquistados, apesar de terem o seu modo de vida respeitado, aos poucos eram levados a uma “romanização”.<sup>3</sup> O modo de vida romano era assumido aos poucos pelos povos conquistados tanto do ponto de vista moral como, às vezes, religioso.<sup>4</sup>

A princípio, a pequena cidade de Lião dependia da cidade de Narbonne. Esta cidade, nos inícios da colonização naquela região, era mais desenvolvida tanto economicamente como do ponto de vista político. Com o passar dos anos, com a divisão feita por Augustus, Lião torna-se uma capital importante do Império Romano. A cidade torna-se tão importante do ponto de vista político e econômico que, segundo os arqueólogos, as ruínas de seus prédios públicos e comerciais confirmaram na atualidade o que foi ela no passado. Os arqueólogos, em suas escavações, encontraram um teatro e, próximo a ele, um centro comercial de grande importância. A partir de tais pesquisas e escavações, foram encontrados monumentos em honra do Imperador Augustus e da cidade de Roma<sup>5</sup>. Aquela capital teve tanta visibilidade devido à sua situação social, política e econômica, que a fez sofrer nesse período uma enorme confluência de estrangeiros. Esses imigrantes eram, em sua maioria, do Oriente, com suas famílias abastadas; em geral, comerciantes que foram tentar a vida naquela cidade. Esses imigrantes vieram de várias cidades do Oriente, tais como: Esmirna, Pérgamo, Filadélfia e outras.

Além desses estrangeiros vindos da parte Oriental do Império, Lião recebeu muitos imigrantes vindos da capital e de cidades próximas. Devido ao clima e a outras semelhanças regionais, a terra gaulesa foi invadida pelos italianos. Eram vilas inteiras habitadas por colonos italianos. A presença dos habitantes da capital do Império e adjacências foi tão grande que em pouco tempo aquela província perdeu os aspectos da cultura gaulesa. A Gália, com o passar do tempo, perdeu, assim, seus aspectos regionais para se tornar a própria Itália, segundo alguns testemunhos de então.<sup>6</sup> Os impactos da dominação romana na região foram sentidos não

---

<sup>3</sup> Os habitantes das terras conquistadas eram aos poucos aculturados nos costumes do Império.

<sup>4</sup> É sabido que os romanos respeitavam as práticas religiosas dos povos dominados.

<sup>5</sup> GRIFFE, Élie. *La Gaule Chrétienne a L' époque Romaine – Des Origines Chrétiennes a La fin du IV Siècle*. Paris: Letouzey et Ané, 1964, pág. 18.

<sup>6</sup> GRIFFE, op. cit., p. 20.



somente no aspecto cultural e econômico, mas também no campo religioso. Vale lembrar que, com a expansão do Império, os deuses adorados na capital eram levados para as províncias. Da mesma forma, as regiões orientais e outros países conquistados tinham seus cultos respeitados e até por vezes incorporados ao panteão dos deuses. Como demonstra Koester em seus estudos sobre o Novo Testamento:

Em geral, porém, a religião romana estava aberta a outros cultos e poderes religiosos até então desconhecidos e sua inclusão na religião oficial, ou pelos menos a destinação de um espaço para um altar ou um templo na cidade era uma atitude considerada apropriada e tomada com o objetivo de assegurar as mercês desses novos deuses. A religião romana era sincretista já em sua forma mais antiga conhecida. Elementos etruscos (os haruspícia e a tríade das divindades supremas, Júpiter, Juno e Minerva) haviam sido aceitos praticamente desde o princípio. Entre os deuses gregos, Apolo era cultuado já no século V a.C. Asclépio (Aesculapius) foi introduzido em Roma em 293 a.C. com o objetivo de eliminar uma praga.<sup>7</sup>

A partir da afirmação acima, percebemos que o Império Romano estava aberto a vários tipos de culto, desde que não fossem ameaça ao sistema político vigente. Havia, assim, uma incorporação dos cultos locais à religiosidade romana e uma propagação dos antigos deuses nos territórios conquistados. Na própria cidade de Lião e em outras cidades desta província, tais como: Marselha, Toulouse, Narbonne e Nîmes, nós encontramos capitólios em honra da tríade romana: Júpiter, Juno e Minerva. Assim como o resto do Império, a Gália, e especificamente a cidade de Lião, foram invadidas por esses cultos vindos do Oriente. Encontramos, por toda aquela região, os cultos a Cibele, Ísis e o deus persa Mitra. Lião, Marselha, Nîmes e Arles tornaram-se importantes centros destes cultos. Esses cultos chegaram à região com imigrantes e soldados do exército romano vindos do Oriente. Vale lembrar que outros cultos a deuses menos conhecidos como Osíris (deus sol) foram encontrados na Gália devido a grupos migratórios vindos do Egito e da Ásia Menor.

### **1.1.2 O cristianismo e os lioneses**

Com o fluxo migratório em direção a Lião, é provável que o cristianismo ali tenha chegado com os imigrantes vindos da Ásia Menor. Também é sabido que a

---

<sup>7</sup> KOESTER, Helmed. *Introdução ao Novo Testamento – 1: Cultura e religião do período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 367.

primeira Igreja conhecida no Ocidente, depois de Roma, foi a Igreja de Lião, que, segundo documentos históricos, foi fundada por volta do ano 150 d.C. Somos ainda levados a crer que os seus fundadores eram missionários vindos das várias regiões da Ásia Menor, que chegaram juntos aos imigrantes<sup>8</sup>. De acordo com Griffe, os fundadores da Igreja de Lião ainda pertenciam particularmente à Igreja de Esmirna. Segundo a antiga tradição, esses missionários foram discípulos de São João Evangelista a quem se atribui a fundação da Igreja de Esmirna.

Temos ainda notícias dos cristãos de Lião devido a um documento importante dessa Igreja, a chamada *Carta dos Mártires*. Tal documento, dirigido às Igrejas da Ásia Menor e depois à Igreja de Roma, trouxe o relato dos tormentos sofridos pelos cristãos lioneses por causa da sua fé em Jesus Cristo. Esse documento e a obra de Eusébio informaram-nos que o bispo daquela Igreja se chamava Fotino. Segundo o testemunho de tais documentos, esse bispo teria vindo da Ásia Menor. O mesmo teria tido contato com pessoas que teriam convivido com os apóstolos e sua cidade de origem seria Esmirna. Foi preso durante a perseguição infligida aos cristãos lioneses e morreu no cárcere com a idade de noventa anos.

Os cristãos lioneses, embora formassem uma Igreja jovem, destacavam-se pelo seu fervor religioso. Com certeza, a jovem Igreja atraiu sobre si os olhares de todo o mundo cristão antigo tanto pelo fervor citado acima como pela fraternidade existente em suas fileiras. Na Igreja de Lião, se congregavam indivíduos de todas as classes sociais que juntos ansiavam pelo mesmo ideal. Segundo a prática do cristianismo da época, essa jovem Igreja recrutou os seus membros primeiramente entre os mais humildes<sup>9</sup>. Apesar disso, essa Igreja possuía, em suas fileiras, membros de famílias abastadas, nobres e fervorosas matronas romanas. Foi o testemunho de fé desses nobres que chamou a atenção tanto do mundo pagão como do mundo cristão primitivo para a jovem Igreja de Lião. No item a seguir, trataremos do martírio na Igreja de Lião e do suposto impacto que isso deve ter causado em toda a Igreja antiga e, quem sabe, na vida do próprio Irineu. Acreditamos que o martírio desses cristãos deve ter impressionado e marcado a vida e a fé do presbítero Irineu, visto que ele foi portador das cartas em que são relatados os sofrimentos suportados pelos cristãos daquela jovem Igreja.

---

<sup>8</sup> GRIFFE, op. cit., p. 25.

<sup>9</sup> GRIFFE, op. cit., p. 32.

### 1.1.3 O martírio

Antes de entrarmos na temática do martírio na Igreja lionesa, é bom que tenhamos em mente a situação do cristianismo no Império Romano em geral. É necessário ainda lembrarmos que, no começo do cristianismo, o movimento cristão era visto pelos romanos como mais uma seita advinda do judaísmo. Logo, as autoridades não se incomodaram muito com a nova crença. Somente depois de algum tempo foi que o cristianismo passou a ser visto como uma religião diferente pelas autoridades políticas de então. Os cristãos eram vistos com estranheza pelo mundo greco-romano por causa do seu modo de vida e costumes, o que logo chamou a atenção dos cidadãos do Império. Com certeza, a primeira coisa que saltava aos olhos dos romanos em geral era a descrença dos cristãos nos deuses pagãos, daí a acusação de ateísmo.<sup>10</sup> Outra coisa escandalosa para os romanos era a vida fraterna no seio das primeiras comunidades do cristianismo primevo. Em um mundo por vezes individualista e rigidamente hierárquico, a vida em comum entre cidadãos de diversas classes (livres, escravos, homens, mulheres e crianças) causava espanto naquele mundo.<sup>11</sup> Também a atitude de recusa ao culto do Imperador era motivo de escândalo e perplexidade para os de fora. Ao mesmo tempo, o cristianismo tornara-se uma religião ilícita. Ele, diferente dos outros cultos presentes no Império, não tinha permissão para funcionar. Qualquer agremiação no Império, religiosa ou não, que não tivesse permissão do governo (uma licença oficial) para funcionar não era permitida. O fato de um cidadão participar de uma associação ilícita por si só já era considerado crime. Pois a existência de tais agremiações, segundo a mentalidade das autoridades, era interpretada como uma ameaça ao sistema político de então.

Pelos motivos citados acima, os cristãos tanto em Lião como no resto do mundo greco-romano estavam expostos a uma situação de perigo iminente. A primeira perseguição oficial ao cristianismo da qual temos notícias aconteceu no ano de 64 d.C. sob o comando de Nero. Os cristãos foram o “bode expiatório” usado por ele para tirar a sua culpa pelo incêndio de Roma.<sup>12</sup> Além de serem acusados deste

---

<sup>10</sup> JEDIN, Hubert. *Manual de Historia de La Iglesia*. Barcelona: Herder, 1980. p. 242 -243.

<sup>11</sup> *Padres Apologistas: Carta a Diogneto* (Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo) São Paulo: Paulus, 1995. Patrística Vol. 2. p. 22-23.

<sup>12</sup> DANIÉLOU, Jean – MARROU, Henri. *Nova História da Igreja – Dos Primórdios a São Gregório Magno*. Vol. I. Petrópolis: Vozes Limitada, 1966. p. 101-102.

terrível crime, foram ainda acusados de misantropia.<sup>13</sup> Esse conceito refere-se a um determinado grupo humano que tem usos e costumes diferentes dos da maioria das sociedades. Tal grupo é marginalizado por seguir uma ordem de valores próprios. Para a mentalidade grega é impensável um grupo humano que tenha outra forma de humanismo que não seja a sua. Daí a acusação de ódio ao gênero humano. Percebemos, a partir disso, que o povo cristão era assim vitimado tanto por perseguições movidas pelos órgãos governamentais como ainda pelas massas insatisfeitas. Aqui se pergunta: quem eram essas massas? Entendemos por massas insatisfeitas o povo em geral que não tinha muito acesso à cultura e aos meios acadêmicos. Eram os mais pobres dessas sociedades, tais como: pescadores, artesãos, escravos, comerciantes e todos os indivíduos que formavam as camadas mais baixas da sociedade romana de então.

Muitas vezes, diante de certas calamidades públicas, as massas acreditavam que eram castigos dos deuses. Em geral elas eram consideradas castigo devido a alguma falta de devoção para com essas divindades. Então, aqueles que não prestavam culto aos deuses eram considerados os grandes culpados da fúria deles em relação à humanidade. Logo, os cristãos, que não acreditavam nesses cultos, eram os culpados por essas calamidades. Por isso, vez por outra os cristãos eram vítimas de perseguições locais movidas por populares.<sup>14</sup> O modo de vida dos cristãos povoava a mente dos pagãos com as fantasias mais absurdas, gerando diversos boatos a respeito deles.<sup>15</sup> O resultado de tais boatos era a antipatia geral que, por vezes, os cristãos acabavam atraindo para si. Por essa razão, os cristãos se encontravam em um estado de vulnerabilidade que foge a nossa lógica atual. A todo o momento, como já afirmamos anteriormente, eles estavam sujeitos a todo tipo de perseguição e calúnia.

Diante de tudo que foi descrito acima, podemos nos perguntar: qual era a situação dos cristãos de Lião diante de tanta hostilidade? Em Lião, como no restante do Império, a situação não era tão diferente. No caso particular de Lião, os cristãos se viam perseguidos, sobretudo, pelos devotos da deusa Cibele.<sup>16</sup> Lião era, naquela

---

<sup>13</sup> Ibidem.

<sup>14</sup> Vale lembrar que além das perseguições movidas pelas autoridades governamentais existiam as perseguições locais movidas por membros de freguesias particulares. Tais perseguições quase sempre eram movidas pelos motivos acima citados.

<sup>15</sup> Os cristãos eram acusados desde rituais antropofágicos, no caso particular dos cristãos de Lião, como vermos a seguir, e de orgias e até incesto.

<sup>16</sup> GRIFFE, op. cit., p. 35.

época, um importante centro desse culto na Gália. Com certeza, a condenação do culto aos ídolos por parte dos cristãos deveria causar inúmeros choques com os devotos da deusa. Devido a tais conflitos, como no restante do mundo pagão, não demorou, para que os cristãos sofressem várias acusações absurdas por parte dos devotos mais fervorosos da deusa, como veremos a seguir. Vale lembrar que certos santuários em honra de alguns deuses como Cibele se constituíam em atividade rentável para o comércio local.<sup>17</sup> Daí o choque com os cristãos, pois esses também atrapalhavam o desenvolvimento econômico destes centros religiosos e comerciais. Dentre as acusações absurdas de que os cristãos eram vítimas em Lião, figurava particularmente a de antropofagia, ou seja, diziam que, durante o culto, eles devoravam seus filhos.<sup>18</sup> Tudo isso suscitou por vezes o ódio dos lioneses contra os cristãos.<sup>19</sup> Durante o período da perseguição, os membros daquela Igreja sofreram as piores e mais desumanas torturas de que possamos ter ideia. Através da *Carta aos Mártires* e da obra de Eusébio, podemos conhecer os suplícios suportados pelos membros daquela Igreja por causa da sua fé.

Eusébio de Cesareia, em sua *História Eclesiástica*, vai dar testemunho acerca dos mártires de Lião. O antigo historiador cita tais relatos a partir de um documento já mencionado por nós anteriormente, chamado *Carta dos Mártires*, que foi enviado às Igrejas da Ásia e à Igreja de Roma através do presbítero Irineu. Eis as palavras do próprio Eusébio com relação a esta fonte utilizada por ele para falar dos mártires de Lião em sua obra:

As ilustres Igrejas destas cidades me enviaram um relatório acerca de seus mártires às Igrejas da Ásia e da Frígia, registramos do seguinte modo os eventos nelas ocorridos. Reproduzirei textualmente suas palavras. “Os servos de Cristo, peregrinos em Vienne e Lião na Gália, aos irmãos da Ásia e da Frígia, possuidores, como nós, da mesma fé e idêntica esperança na redenção. Paz, graça e glória, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, Nosso Senhor”. Em seguida, após algumas palavras de introdução, iniciam a narração da maneira seguinte: “não somos capazes de traduzir exatamente, nem é possível expressar por escrito a enorme tribulação que nos adveio, a veemente cólera dos pagãos contra os santos, os sofrimentos todos a que foram submetidos os bem aventurados mártires.”<sup>20</sup>

<sup>17</sup> GRIFFE, op. cit., p. 36.

<sup>18</sup> Tal acusação já existia em todo o Império Romano contra os cristãos. Parece que em Lião isso era mais forte. Segundo Eusébio, em sua obra, através das palavras do mártir Átalo: “Vede. Devorar homens é o que fazeis. Nós, porém, não somos antropófagos e não praticamos crime algum”. Poderemos encontrar este texto na seguinte obra: EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica* (tradução monjas beneditinas do mosteiro de Santa Maria Mãe de Cristo) São Paulo: Paulus, 2000 (Patrística Vol. 15) . p. 232.

<sup>19</sup> GRIFFE, op. cit., p. 37-38.

<sup>20</sup> EUSÉBIO, op. cit., p. 220- 221.

As palavras acima demonstram o tamanho das provações sofridas pela Igreja de Lião. Dessa forma, percebemos que o martírio foi uma realidade enfrentada pelos cristãos gauleses. Realidade essa que se abateu sobre eles, por vezes, com extremos de crueldade. Percebemos essa realidade cruel pelo testemunho dado por Eusébio em seus escritos, através da descrição dos tormentos aplicados aos mártires, lembrando que nosso historiador cita tais relatos a partir de uma fonte escrita por testemunhas desses acontecimentos. Alguns nomes são citados por ele, como: Sancto (diácono de Vienne), Maturó (neófito), Blandina (mulher de estatura frágil) e Átalo. O autor, no seu relato, nos dá uma descrição detalhada desses atos públicos e da crueldade deles.<sup>21</sup>

Baseando-nos ainda no relato de Eusébio, falaremos agora um pouco do testemunho desses membros da Igreja lionesa. O nosso historiador conta-nos que Sancto, Maturó, Blandina e Átalo foram jogados às feras. É bom recordar que ser jogado às feras ou ser posto em combate nas arenas era uma das muitas modalidades de suplícios aplicados aos cristãos em todo o Império Romano. Dessa forma, salta aos olhos dos leitores que percorrem as páginas escritas por Eusébio a violência a que os cristãos eram submetidos.<sup>22</sup> Ele nos cita o caso de Maturó e Sancto. Esses dois cristãos foram conduzidos, segundo esse relato, a um anfiteatro onde passaram por toda espécie de sofrimento e de humilhação possíveis. Eles tiveram como castigo último, por causa da sua perseverança na fé em Jesus Cristo, a obrigação de se assentarem em uma cadeira (de ferro) em brasa. Não satisfeitos com a sua firmeza, os seus algozes os estrangularam.<sup>23</sup> Dentre esses relatos emocionantes a respeito da coragem dos cristãos de Lião, o mais belo de todos é o de Blandina, como vemos nas linhas seguintes.

Segundo Eusébio de Cesareia, o exemplo de Blandina é apresentado como um testemunho de fé e coragem. A descrição de Blandina é de uma mulher frágil, mas vigorosa em sua fé; ao que tudo indica deveria ser serva na casa de alguma

---

<sup>21</sup> Não podemos esquecer que na Igreja antiga as atas dos mártires eram por vezes repletas de gêneros literários. Tais gêneros por vezes queriam exaltar a coragem dos crentes. Por isso, o exagero e até mesmo a fantasia que aparecem em certos martírios. Por esse motivo, aos olhos do leitor moderno, a estranheza de certos relatos. Para aprofundar melhor, recomendamos a leitura das páginas de DANIELOU, op. cit., p. 139-141.

<sup>22</sup> Mesmo que existam certos exageros nestes relatos, eles não deixam de dar testemunho dessa violência aplicada contra o povo cristão.

<sup>23</sup> EUSÉBIO, op. cit., p. 222.

nobre matrona naquela cidade.<sup>24</sup> Mesmo em meio aos piores tormentos, ela exortava os outros cristãos a permanecerem firmes em sua fé, conforme nos mostra Eusébio:

Quanto a Blandina, suspensa a um poste, estava exposta a ser devorada pelas feras lançadas contra ela. Ao vê-la suspensa numa espécie de cruz, rezando em alta voz, os lutadores aumentavam sua coragem. Neste combate, contemplavam com os olhos corporais, em sua irmã, aquele que fora por eles crucificado. Era um modo de persuadir, aos fiéis que têm parte eternamente com o Deus vivo os que sofrem pela glorificação de Cristo.<sup>25</sup>

Eusébio ainda conta em sua narração que Blandina, juntamente com outros cristãos, foi levada várias vezes para assistir aos suplícios aplicados aos outros membros da comunidade para se desanimar na sua constância. Apesar de todos os sofrimentos que lhe foram infligidos, Blandina perseverou até a morte, exortando os outros cristãos a permanecerem firmes na sua fé, mesmo apesar dos tormentos que sofriam.<sup>26</sup> E quanto a Átalo, o outro cristão citado por nós entre os mártires de Lião? Sobre esse corajoso crente, Eusébio afirma que ele, após ser interrogado pelas autoridades, continuou afirmando que era cristão, enfurecendo ainda mais a multidão. Após vários suplícios e vexações morais, foi queimado em uma cadeira de ferro, defendendo os cristãos das acusações que lhes foram infligidas.<sup>27</sup> Por meio desses relatos feitos por nosso autor supracitado percebemos como era o fervor da Igreja lionesa.

Somos informados por Eusébio que Irineu ficou responsável por levar a chamada *Carta dos Mártires*, que continha o testemunho desses cristãos mortos por causa de sua fé, para a Igreja de Roma. Com certeza, o contato de Irineu com esses testemunhos deve tê-lo impressionado bastante. Sem sombra de dúvidas, esse presbítero recebeu na sua vida de fé uma influência enorme a partir do testemunho de fé dessa Igreja, embora ele não cite diretamente esses mártires em seus escritos. Quando Irineu escreveu *Adversus Haereses*, ele desejava preservar a fé recebida da Igreja, testemunhada às vezes com a própria vida. Daí, a nosso ver, a influência desses cristãos na vida de fé do apologeta de Esmirna.

---

<sup>24</sup> EUSÉBIO, op. cit., p. 224.

<sup>25</sup> EUSÉBIO, op. cit., p. 229.

<sup>26</sup> EUSÉBIO, op. cit., p. 233.

<sup>27</sup> EUSÉBIO, op. cit., p. 232.

## 1.2 Quem foi o bispo Irineu?

Neste presente item, detemo-nos na figura de Irineu, seu ministério presbiteral e episcopal, bem como sua postura frente aos problemas e desafios que se apresentavam à Igreja de seu tempo.

### 1.2.1 Irineu, o presbítero

Temos algumas informações sobre o ministério presbiteral de Irineu a partir das obras de Eusébio de Cesareia.<sup>28</sup> Não sabemos ao certo sobre sua data de nascimento ou sobre quem foram seus pais. Alguns estudiosos de Irineu apontam seu nascimento em torno de 130 ou 140 d.C.<sup>29</sup> Com certeza, ele deve ter nascido na cidade de Esmirna, na Ásia Menor, atualmente Izmir (Turquia). Através de algumas informações autobiográficas que o santo deixa escapar, de vez em quando, ao longo de sua obra, percebemos que fora educado em um lar cristão. Também deixa escapar na sua obra seu contato com o bispo Policarpo de Esmirna, o que é testemunhado por Eusébio.<sup>30</sup> A partir disso, infere-se que provavelmente tenha sido batizado ainda jovem. Ainda a partir dos relatos do historiador de Cesareia, sabe-se que na sua juventude teve contato com outras figuras importantes da Igreja da Ásia Menor por meio de seus testemunhos. Dentre elas, ganha destaque a figura de Inácio de Antioquia. Provavelmente ele teve contato com o seu testemunho, bem como com os seus ensinamentos por meio de cristãos que estiveram na prisão junto com ele.

Percebemos, assim, que os ensinamentos desses homens devem ter influenciado por demais a fé de Irineu e o seu modo de pensar, presente de forma especial em sua apologia. Mas, se Irineu é da Ásia Menor, como veio parar em Lião? Como já afirmamos anteriormente, Lião, devido à sua influência política, social, comercial e até religiosa (culto a Cibele), passou a receber um grande fluxo migratório vindo de toda a Ásia Menor e Oriente. Foi por meio de tais fluxos migratórios que os primeiros missionários chegaram até Lião. No meio de um desses grupos, Irineu deve ter chegado até aquela cidade. Não sabemos ao certo quais

<sup>28</sup> Em nossa pesquisa desconhecemos outra fonte histórica fora os escritos de Eusébio que nos informe sobre o ministério de Irineu na Igreja de Lião.

<sup>29</sup> SINGLES, Donna. *A Glória de Deus é o homem vivo: a profissão de fé de Santo Irineu*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 16.

<sup>30</sup> EUSÉBIO, op. cit., p. 187.



foram as razões que motivaram Irineu a ir até aquela cidade gaulesa. Provavelmente foi em Lião que Irineu exerceu seu ministério, como nos informa Eusébio:

Os mesmos mártires recomendaram também a Irineu, sacerdote da comunidade de Lião, ao bispo de Roma que acabamos de mencionar, dando a respeito dele muitos testemunhos conforme demonstram suas próprias palavras: suplicamos a Deus que agora e sempre nele te regozijes, pai Eleutério. Encarregamos de te entregar essas cartas nosso irmão e companheiro, Irineu, pedindo que o estimes enquanto zelador do testamento de Cristo. Se soubéssemos que a posição social traz justiça para alguém, nós o apresentariamos por primeiro enquanto sacerdote da Igreja, o que de fato ele é.<sup>31</sup>

Percebemos, a partir das informações acima, que Irineu era um presbítero influente no seio da Igreja lionesa. Tal influência era exercida não tanto por causa da distinção ministerial, mas, sobretudo, devido ao seu testemunho e zelo pelo Evangelho. Tal testemunho levava os membros de sua Igreja a lhe confiar as cartas dos mártires e a recomendar-lhe ao bispo de Roma como um presbítero e cristão autêntico. Acreditamos, como já citamos anteriormente, que o contato de Irineu com Policarpo, com o testemunho de Inácio e dos mártires de Lião, devem ter impactado a sua vida de fé. Notamos, nos escritos de Irineu, essa fidelidade à tradição transmitida pelos apóstolos à Igreja nascente. Pois, como percebemos nos relatos de Eusébio e nas pesquisas de Griffe, a Igreja de Lião era fiel a Cristo e às verdades de fé transmitidas àquela comunidade pela tradição recebida dos apóstolos e levada até eles pelos missionários vindos de Esmirna. Concluimos que essa fidelidade também vivida por Irineu foi o que o levou ao Episcopado.

### **1.2.2 Irineu, o bispo**

Como constamos anteriormente, Irineu era respeitado e gozava da confiança da comunidade cristã de Lião. Por esse motivo, foi após a morte do bispo Fotino que Irineu veio lhe suceder na direção daquela Igreja. No entanto, sabemos poucas coisas sobre o episcopado do bispo Irineu. A maior parte das informações que temos vem do historiador Eusébio, já citado por nós ao longo deste trabalho. O que sabemos é que Irineu foi o segundo bispo de Lião e o sucessor de Fotino, além de ficar conhecido por governar uma das Igrejas mais famosas do Ocidente depois de

---

<sup>31</sup> EUSÉBIO, op. cit., p. 238.

Roma. Os seus escritos apologéticos tornaram-no ainda mais conhecido. Esses esboçam não somente o seu cuidado pastoral para com a sua Igreja particular, mas com toda a catolicidade de então. Nas próximas linhas, explicitamos o papel do bispo de Lião frente aos problemas pastorais de seu tempo e o seu zelo por toda a Igreja.

### **1.2.3 Irineu frente aos problemas de seu tempo**

O que mais chama a atenção sobre o bispo de Lião é a sua inserção nos problemas de seu tempo. Irineu não era um homem alienado ou voltado apenas para os problemas de sua Igreja particular. Ele tinha consciência dos problemas que afligiam toda a Igreja de seu tempo. Sempre estava ciente das dificuldades das outras Igrejas e era consultado pelos pastores de seu tempo a respeito dos problemas eclesiais por eles enfrentados. Como nos relata Eusébio:

E Irineu bem merecia tal nome, pois era pacificador pelo nome e pela conduta, visto que exortava e servia de intermediário em prol da paz entre as Igrejas. Entretinha-se epistolarmente não apenas com Vítor, mas ainda com grande número de vários chefes de Igrejas, sobre questões levantadas por eles.<sup>32</sup>

Percebemos, por meio das informações acima, o cuidado e a preocupação de Irineu para com o resto da Igreja. Sem dúvida, Irineu exerceu um papel importante na manutenção da unidade da Igreja de seu tempo. A respeito disso, contamos mais uma vez com as informações de *História Eclesiástica*. Houve na Ásia uma dissensão com relação à comemoração da data da Páscoa do Senhor. Ora, a Igreja da Ásia sempre foi acostumada a celebrar a Páscoa de acordo com o calendário judaico. Segundo esse calendário, a festa da ressurreição deveria acontecer após o dia 14 de *Nisan* com o surgimento da primeira lua. Esses cristãos, além disso, tinham uma disciplina própria com relação ao jejum.<sup>33</sup> Acontece que o bispo de Roma, sabendo disso, resolveu excomungar as Igrejas da Ásia Menor e as comunidades vizinhas que seguiam a mesma disciplina. Vítor acusava essas Igrejas de heresia e, por não entender bem seus usos e costumes, não as via em comunhão com o resto da Igreja, daí a excomunhão aplicada a elas. Porém, muitos bispos não concordaram

---

<sup>32</sup> EUSÉBIO, op. cit., p. 272.

<sup>33</sup> EUSÉBIO, op. cit., p. 271.

com essa decisão absurda. Assim, muitos deles intervieram de maneira decisiva para evitar um cisma. Dentre eles, Irineu teve um papel importante. Ele se destacou na situação por causa da sua eloquência e respeito pela Igreja de Roma e às outras Igrejas envolvidas na questão. O seu testemunho a respeito das tradições existentes na Igreja da Ásia foi de suma importância.

Irineu escreveu ao bispo de Roma em nome da sua Igreja, apresentando nesta carta a diferença existente entre os jejuns e as tradições das Igrejas da Ásia Menor com relação à Igreja de Roma e as outras Igrejas do Ocidente. Por meio de seus argumentos, procurou demonstrar que, antes de Vítor, os seus antecessores (Aniceto, Pio, Higino, Telésforo e Xisto) tinham ciência dessas tradições. Embora eles não as praticassem, respeitavam-nas. Irineu citou o exemplo de Policarpo de Esmirna e Aniceto (Roma), explicou como eles chegaram a um acordo comum em relação aos usos e costumes litúrgicos em suas Igrejas e como Policarpo havia recebido essa tradição litúrgica diretamente do Evangelista São João. Irineu foi, assim, conhecido como um pacificador, como alguém a ser consultado em querelas doutrinárias. A partir de tudo que foi exposto, salta aos nossos olhos a preocupação de Irineu pela unidade da Igreja. Unidade essa que não é uniformidade. Irineu, embora reconhecesse a legitimidade dos usos litúrgicos da Igreja da Ásia, acreditou que os usos litúrgicos da sua comunidade eram corretos. Mas manteve o respeito pelas Igrejas asiáticas e até demonstrou a origem dos costumes particulares dessas Igrejas.

A partir do que foi acima explicado, cremos que Irineu, ao escrever suas obras, tinha em mente o seguinte intuito: defender a fé transmitida e manter a unidade da Igreja. Por isso, combateu as heresias, porque elas, além de ameaçarem o patrimônio da fé, ferem a unidade da comunidade cristã. Essas heresias (gnosticismo, marcionismo, montanismo e outras) alastraram-se por todo o mundo antigo, percorrendo toda a Gália e chegando até Lião. Esses grupos de hereges chegaram a Lião causando confusão em meio aos fiéis e conquistando os menos esclarecidos na fé. Assim, causaram divisão na Igreja, ferindo a sua unidade. Dessa forma, percebemos que para Irineu a fidelidade à tradição transmitida mantém a unidade da Igreja. Vejamos as palavras do próprio Irineu para confirmar o que dissemos acima:

Assim, embora espalhada pelo mundo em diversas línguas, a Tradição é uma e idêntica. As Igrejas espalhadas pela Alemanha não ensinam uma tradição diferente das Igrejas da Ibéria, nem as dos celtas, nem as do Oriente, nem as do Egito, nem as da Líbia, nem aquelas que estão no centro do mundo; mas como o sol, criatura de Deus, é em todo o mundo um só, assim a luz da pregação da verdade brilha em todo o lugar e ilumina todos os homens que querem conhecer a verdade.<sup>34</sup>

Irineu percebia essa unidade da Igreja como uma realidade muito mais rica do que podemos imaginar. Essa relação entre tradição e unidade era garantia de critérios para a pluralidade eclesial existente naquele tempo. Não que a pluralidade eclesial de então fosse ruim. Porém, no meio dessa pluralidade presente no cristianismo primitivo, existiam alguns movimentos no seu seio que negavam valores básicos da Boa Nova cristã. Esses movimentos queriam ter legitimidade frente à comunidade cristã e tinham acerca de si mesmos a ideia de que eram uma Igreja cristã. E o pior de tudo isso é que acreditavam ser a legítima Igreja de Cristo. Os outros cristãos, na sua visão, estavam completamente equivocados na sua fé. Aqui está o grande problema relacionado com as heresias na Igreja antiga.

Como bem sabemos, a palavra heresia (*Haireses*), vinda do grego, queria indicar o objeto de uma escolha intelectual por parte de algum indivíduo, ou seja, a opção intelectual por determinada escola filosófica. Somente depois de algum tempo foi que o apóstolo Paulo, em suas cartas (1 Cor 11, 18-19; Gl 5, 20), e, logo em seguida, Santo Irineu, entenderam por heresia um sistema de doutrinas diferentes daquela transmitida pelos apóstolos à comunidade.<sup>35</sup> Percebemos, a partir daqui, os primeiros problemas gerados pela heresia e seus partidários. E quais foram especificamente esses problemas? Os problemas gerados pela heresia foram dois: primeiro, a heresia tornou-se aos poucos uma ameaça à unidade da Igreja, como vemos a seguir; e o segundo perigo encontrou-se no fato de pensar a fé cristã longe daquilo que é seu núcleo central, melhor dizendo, fazer teologia sem beber da tradição ou, mais grave ainda, afirmar uma fé cristã diferente daquilo que foi revelado por Jesus e experimentado pela comunidade cristã. Foi interpelado por esses desafios que Irineu escreveu sua obra.

O bispo de Lião percebeu esses grupos como uma grande ameaça à unidade da Igreja e ao patrimônio da fé. Esses grupos, em sua maioria os gnósticos,

<sup>34</sup> IRÉNÉE DE LYON. *Contre les Hérésies*- Rousseau, Livre I Rousseau, Adelin et Doutreleau, Louis. Paris: Les Éditions du Cerf, 1979. p. 159-161. Sources Chrétiennes n.263.

<sup>35</sup> GROSSI, V. Heresia - herético in: Di Bernardino, Angelo. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 665.

liderados por vários mestres, cresceram e multiplicaram-se. Ao mesmo tempo, Irineu percebeu a inconsistência desses grupos, tanto por causa de suas divisões internas como pelo seu conteúdo doutrinal. A negação de pontos básicos da doutrina cristã nascente (embora ainda não houvesse concílios para sistematizá-la) como a encarnação,<sup>36</sup> a redenção<sup>37</sup> e outros pontos que faziam parte do anúncio querigmático eram uma verdadeira ameaça àquelas jovens Igrejas, tanto do ponto de vista doutrinal quanto do eclesial. Os gnósticos, com seus sistemas filosóficos variados e suas ideias contraditórias, diziam serem os donos da autêntica doutrina ensinada por Cristo. Diante desse desafio pastoral que era o gnosticismo, com seus sistemas filosóficos e sua agressividade, foi que Irineu se pôs a escrever. Irineu, ao escrever sua obra, procurou apresentar a Tradição dos Apóstolos que lhe foi ensinada e desejou advertir o seu rebanho acerca do erro e da mentira trazidos pela novidade gnóstica.

Ao escrever contra os hereges, Irineu se colocou em um verdadeiro serviço de pesquisa. Ele aprofundou seus conhecimentos nos escritos desses grupos, procurando conhecer seus mestres. Nas obras desses mestres, tentou perceber seus erros e as contradições existentes em seus ensinamentos. Apresentou tais ensinamentos *ipsis litteris* para provar a desarmonia entre eles e as Escrituras. Demonstrou claramente que as doutrinas dos mestres da gnose estão em total desacordo com aquilo que foi transmitido pelos apóstolos à Igreja por meio da Tradição. Frente a tudo isso que foi exposto acima, fica claro que Irineu era um homem preocupado com os problemas que se colocavam diante da Igreja de seu tempo. Percebemos que, a partir desses desafios, Irineu elaborou um método teológico próprio como veremos nas linhas a seguir.

### 1.3 Irineu, o teólogo

No presente item, vamos expor a maneira como Irineu desenvolve o seu método teológico, quais as influências que recebeu ao elaborá-lo e as fontes por ele utilizadas.

---

<sup>36</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 101-107, Vol. I.

<sup>37</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 303-305, Vol. I.

### 1.3.1 Influências sofridas por Irineu

Irineu não se considerava um grande intelectual ou um grande conhecedor das culturas, como afirma nas linhas que se seguem:

Não exijas de nós, que vivemos entre os celtas, e que na maioria do tempo usamos a língua bárbara na arte do discurso, que nunca aprendemos nem a habilidade do escritor em que nunca nos exercitamos e nem a elegância dos termos, e nem a arte de convencer, que por nós é ignorada. Mas, na verdade, com toda a simplicidade e candura, aceitarás com amor o que com amor foi escrito e o desenvolverás por conta própria. Depois de receber de nós como semente e princípio, vai fazê-lo frutificar abundantemente pela grande capacidade do teu intelecto o que por nós foi dito em poucas palavras e insuficientemente te demos a conhecer, apresentarás aos que estão contigo.<sup>38</sup>

Apesar dessa afirmação, percebemos em suas obras um pouco de influência do pensamento grego, tanto na sua forma de escrever como na maneira com que construiu o seu discurso. Na opinião de alguns, Irineu havia deixado sua família para receber algum tipo de formação intelectual na capital do Império; lá talvez tenha convivido com Justino.<sup>39</sup> Certa ou não essa teoria, por ela percebemos que em Irineu existiam traços de uma educação greco-romana. Em sua obra, Irineu demonstrou conhecimento da cultura e literatura greco-romana ao citar alguns personagens conhecidos desses meios literários de sua época, como Homero, Ulisses, Menelau, Agamenom e o famoso Hércules.<sup>40</sup> Tais influências desse meio cultural são percebidas no restante da sua obra.<sup>41</sup>

Além dessas contribuições recebidas do meio cultural em que estava inserido, por nós já mencionadas, Irineu recebeu influências dos bispos da Ásia, em especial Policarpo e Inácio, e ainda parece ter sido marcado pelo testemunho dos mártires de Lião. Foi com esses homens que Irineu aprendeu o seu fazer teológico, deixando-se influenciar fortemente por eles. Outro personagem que parece ter exercido influência sobre Irineu foi Papias. Papias era bispo de Hierápolis e teria sido amigo de Policarpo. Não é certo que Irineu o tenha conhecido, mas é certo que a sua obra tenha exercido grande influência sobre o modo de pensar desse teólogo.<sup>42</sup> Santo

<sup>38</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 25-26, Vol. I.

<sup>39</sup> SINGLES, op. cit., p. 14.

<sup>40</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 147-151, Vol. I.

<sup>41</sup> O modo como Irineu escreve sua obra vai demonstrando as influências da cultura greco-romana. Por falta de espaço e por não ser nosso objetivo, para um maior aprofundamento sobre o tema, recomendamos as seguintes páginas de GRIFFE p. 58-63.

<sup>42</sup> DUFOURCQ, Albert. *Saint Irénée*. Paris: Librairie Victor Lecoffre, 1904. p. 60-61.

Irineu teve contato com a sua obra intitulada *Explicação sobre as palavras do Senhor*. A obra é um pequeno comentário sobre as palavras de Jesus nos evangelhos. Santo Irineu citou essa obra no quinto livro *Contra as Heresias* para mostrar a veracidade dos Evangelhos.

A partir de tudo o que foi dito acima, percebemos as várias influências sofridas por Irineu e que aparecem no seu fazer teológico. Também acreditamos que tais influências foram decisivas na escolha das fontes utilizadas para o seu método, das quais falamos nas linhas que se seguem.

### **1.3.2 Escritura e Tradição: as fontes do pensamento de Irineu**

Irineu usou duas fontes básicas para a construção do seu pensamento: a Tradição e as Escrituras. Diante disso, podemos nos perguntar: o que Irineu entende por Tradição? Tradição, para Santo Irineu, era a transmissão dos conteúdos básicos da fé a todos os cristãos, através dos apóstolos e seus sucessores. A garantia dessa transmissão acontecia por meio da sucessão apostólica. As Igrejas fundadas pelos apóstolos transmitiam às outras Igrejas essas verdades. Assim, existia fidelidade à *Regula Fidei* que está presente no Símbolo.<sup>43</sup> Ora, quando falamos de Símbolo, referimo-nos ao Credo apostólico professado pelas Igrejas em todo o mundo primitivo. Como já citamos anteriormente, é essa Tradição que mantém a unidade da Igreja e a conserva fiel aos ensinamentos de Cristo. A Igreja, onde se encontra, professa essa fé em Cristo. Por isso, o ministério dos bispos é guardar essa fé recebida dos apóstolos. É essa fidelidade que garante a sucessão apostólica.

Assim como a Tradição, a Escritura foi outra fonte para o pensamento de Santo Irineu. Para nosso teólogo, a Escritura toda é Palavra de Deus. Antigo e Novo Testamento formam uma unidade. Foi nela que Irineu encontrou fundamento para as verdades transmitidas pelos apóstolos. O Antigo Testamento já previa tudo o que se cumpriria em Cristo e na Igreja. Desta forma, Irineu leu e interpretou a Escritura, sobretudo, a partir da história da salvação. A Escritura era a fonte da verdadeira gnose. Qualquer conhecimento da salvação fora dela, ou em contradição com ela, era falso. Da mesma forma, a Tradição para Irineu não estava separada das Escrituras, mas nela encontrava sua razão de ser e o fundamento para as suas

---

<sup>43</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 155-156, Vol. I.

verdades. No item que se segue, vamos aprofundar a importância, o significado e a contribuição dessas duas colunas para o método teológico de Santo Irineu.

### **1.3.3 A construção do método teológico de Santo Irineu**

Santo Irineu, ao escrever sua obra, desenvolveu um método teológico próprio. Nestas linhas, vamos tentar apresentar um pouco desse método. Em primeiro lugar, como já afirmamos anteriormente, a Escritura e a Tradição eram as fontes específicas de seu método. A Escritura foi sempre compreendida à luz da Tradição e a Tradição, a partir da Escritura. Irineu, ao escrever *Contra as Heresias*, usou uma espécie de gênero anti-herético. Ele, de forma minuciosa, expôs o pensamento dos mestres<sup>44</sup> gnósticos tal como eles os concebiam e depois o refutou. Procurou ainda revelar aos seus leitores os aspectos velados do sistema gnóstico. Demonstrou as contradições existentes nesses sistemas e tentou provar a sua irracionalidade. Vamos agora aprofundar um pouco a elaboração desse método a partir das suas duas fontes: Escritura e Tradição. Apresentamos mais detalhadamente como ele entendeu essas duas fontes e como as usou para construir e elaborar seu método anti-herético.

Como havíamos afirmado anteriormente, a Tradição era, para Irineu, a grande mantenedora dos ensinamentos transmitidos por Jesus aos apóstolos e aos seus sucessores. Também era fonte de unidade para a Igreja. Assim, a Igreja, por meio da regra da fé (Credo), garantia que o conteúdo da fé, ou seja, as verdades ensinadas por Jesus e seus apóstolos não se perdessem. Com relação à unidade, a Igreja espalhada pelo mundo inteiro ensinava a mesma verdade, estando ela no Oriente ou na Germânia.<sup>45</sup> Podemos concluir com isso que a Igreja Católica é uma em seus ensinamentos. Por essas razões, uma Igreja que não se encontra em consonância com esses ensinamentos não pode ser considerada autêntica.

Irineu elaborou seu método teológico demonstrando que os erros dos gnósticos e dos outros hereges consistiam em querer ensinar uma verdade diferente daquela ensinada pelos apóstolos e transmitida à Igreja. Alguém que ensina, por exemplo, que a encarnação não houve realmente<sup>46</sup> e que Deus foi criado e não é o

---

<sup>44</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 265, Vol. I.

<sup>45</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 159-161, Vol. I.

<sup>46</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 103-107, Vol. I.



criador<sup>47</sup> não está ensinando de acordo com a regra da fé presente nas Igrejas, que foi transmitida por Jesus e seus apóstolos e depois por seus sucessores. Quem ensina o contrário, por mais que esteja fundamentado intelectualmente, é um pregador de fábulas ou transmite um discurso que nada tem a ver com a fé professada pela Igreja. Dessa forma, a Tradição, mais do que repetição de informações e conteúdos, é um dinamismo vivo que mantém sempre atual a fé da Igreja. Daí Irineu afirmou a necessidade de se permanecer firme na regra da verdade.<sup>48</sup>

Pelos motivos acima citados, os gnósticos e outros grupos que desejavam ser considerados como parte da Igreja do Senhor não podiam ser vistos como membros dela. Esses grupos propagavam ensinamentos que não estavam de acordo com os ensinamentos transmitidos por Jesus aos seus apóstolos e aos sucessores destes. Os gnósticos, em particular, procuravam ensinar tantas novidades, que, segundo eles, eram verdades desconhecidas, que acabavam por se afastar radicalmente da verdade ensinada pelo Senhor e que está presente na Tradição das Igrejas. Assim, por serem adeptos de novidades estranhas à fé das Igrejas, não podiam estar em comunhão com elas. Logo, encontravam-se fora do Corpo Eclesial de Cristo.

Percebemos, a partir da exposição acima, que o método de Irineu se fundamentou nessa Tradição mantida nas Igrejas. Foi bebendo da Tradição e, ao mesmo tempo, estudando os Escritos dos gnósticos que percebeu o desencontro dos ensinamentos destes com a Tradição presente nas comunidades cristãs. Dessa forma, em seu método, apresentou os ensinamentos gnósticos e, em seguida, o ensinamento da Tradição, procurando demonstrar que a doutrina gnóstica fugia desse conteúdo da fé. Por tal contradição, os ensinamentos do gnosticismo, por mais bem fundamentados que parecessem, não deviam ser levados em consideração, pois, se não estavam em consonância com a regra de fé mantida pela Tradição e ensinada pelas Igrejas, não tinham argumento sólido algum. Além da Tradição, que foi a fonte onde Irineu encontrou fundamentos para o seu método teológico, ele utilizou, para a construção do mesmo, uma segunda fonte, que foi a Escritura Sagrada. Para Irineu, as verdades ensinadas pela Tradição estavam presentes na Escritura. Logo, essas duas fontes não estavam separadas, mas

---

<sup>47</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 31-33, Vol. I.

<sup>48</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 309, Vol. II.

unidas. Nas linhas que se seguem, vamos perceber como Irineu usou as Escrituras para fundamentar o seu método.

A Escritura ocupou um lugar central no pensamento de Irineu e, juntamente com a Tradição, foi o fundamento do seu método. Ele acreditava que as Escrituras, Antigo e Novo Testamentos, formavam uma unidade e que, sendo assim, eram fundamentos para a fé em Jesus Cristo.<sup>49</sup> Na opinião de Irineu, todas as verdades anunciadas por Cristo já estavam presentes no Antigo Testamento. Na sua interpretação exegética, as teofanias vividas por Abraão e Moisés já eram manifestações do Filho de Deus. O Filho, junto com o seu Pai, falava a esses homens. Por isso, Moisés, na Páscoa, anunciava figuradamente o filho de Deus.<sup>50</sup>

Em sua obra, Irineu procurava constantemente demonstrar a harmonia entre os dois Testamentos. Para persuadir seus leitores dos erros de Marcião, o autor chegou a demonstrar a união existente entre a lei judaica e a revelação cristã. Para o nosso autor, essa lei era uma preparação para a revelação de Jesus Cristo. Por isso, de forma imperfeita, existia uma união entre a lei de Moisés e a revelação feita por Jesus. Na visão de Irineu, Jesus Cristo aperfeiçoou a lei judaica e não a aboliu. Pode-se perguntar: por que Irineu insistiu nessa afirmação? Com tal afirmação, Irineu procurou demonstrar os erros de Marcião e dos gnósticos em rejeitar o Antigo Testamento. Se eles rejeitavam o Antigo, estavam rejeitando o Novo; logo, rejeitavam as verdades de fé que estão contidas nos dois testamentos. O Deus do Antigo Testamento é o mesmo revelado por Jesus. Por esse motivo, os dois testamentos têm a mesma autoridade em questões de fé.

Dessa forma, Irineu, em seu método, recorreu aos dois Testamentos para fundamentar as verdades ensinadas pela Tradição da Igreja. Os ensinamentos das seitas gnósticas por si já se encontravam no erro por rejeitarem a autoridade das Sagradas Escrituras, por não perceberem a unidade existente nelas. Seus ensinamentos fantasiosos e descontraídos por si só denunciavam o quanto estavam longe da verdade ensinada pelas Escrituras e transmitida pela Tradição. Segundo Vila Nova, no contato de Irineu com as Escrituras, algumas características nessa leitura saltam aos olhos do leitor que corre as páginas de sua obra atentamente. Deixemos Vila Nova nos falar de algumas dessas características:

<sup>49</sup> IRÉNÉE DE LYON. *Contre Les Hérésies* – Livre III . ROUSSEAU, Adelin et DOUTRELEAU, Louis. Paris: Les Éditions du Cerf, 1964. p. 407-412. Sources Chrétiennes n.210.

<sup>50</sup> IRÉNÉE DE LYON. *Contre Les Hérésies* – Livre IV. ROUSSEAU, Adelin et DOUTRELEAU, Louis. Paris: Les Éditions du Cerf, 1965. p. 492-496. Sources Chrétiennes n.100.

A primeira característica geral de uma teologia assim é o contato com a Sagrada Escritura, lida segundo a história salvadora e o caráter eclesial. A verdadeira gnose, segundo Irineu, somente se encontra na Igreja por causa da Tradição apostólica e eclesiástica. Assim, os elementos positivos e especificamente religiosos mantêm a primazia, entre as especulações filosóficas (por exemplo, na apologia da unidade de Deus contra o dualismo) ocupam só um lugar secundário.<sup>51</sup>

Pelas características acima, percebemos que a Escritura, juntamente com a Tradição, eram essenciais para a elaboração do método do santo. Também percebemos que, para Irineu, mais importante do que os ensinamentos filosóficos ou sistemas religiosos com uma base intelectual complicada era a verdade contida na Escritura e na Tradição. Não que fosse um fanático religioso ou um compilador de informações como alguns defensores da gnose em nossos dias sugerem.<sup>52</sup> Ele, sem pretensões, desenvolveu o seu método com o intuito de defender a pureza da fé presente na Igreja por meio dessas duas fontes: Tradição e Escritura. Opôs-se aos gnósticos, como sabemos, simplesmente porque estavam em desacordo e em contradição com aquilo que é o núcleo de fé da Igreja.

Ainda sobre as características do método teológico de Irineu, Vila Nova indicou alguns passos dados por ele, nesse seu método elaborado sem muitas pretensões. A primeira característica desse método, como já vimos, é a leitura da Sagrada Escritura, juntamente com a Tradição, levando em conta toda a história da salvação. A segunda característica é marcada pelo gênero anti-herético, como já explicitado detalhadamente. A terceira consiste em responder aos questionamentos lançados por esses sistemas e as doutrinas vindas deles, como o dualismo, especialmente na criação, a divisão entre os homens em espirituais, psíquicos e carnis<sup>53</sup> e o problema da salvação no gnosticismo. Em resposta a esses problemas suscitados pelos gnósticos, Irineu elaborou uma leitura da história da salvação dando ênfase ao mistério da encarnação, em particular ao ser humano chamado à recapitulação.

<sup>51</sup> VILA NOVA, Evangelista. *História de la Teologia Cristiana – De las origines al siglo IV*. Barcelona: Editorial Herder, 1987. p. 182.

<sup>52</sup> Nos nossos dias, com a descoberta dos apócrifos do Novo Testamento, que são muitas vezes frutos de seitas ligadas ao gnosticismo, surgiram pretensos grupos que, baseando-se nestes escritos e nas religiões de mistério da antiguidade e em escritos ligados ao esoterismo moderno, se intitulam Igreja Gnóstica. Tal movimento se encontra em todo o mundo e até mesmo no Brasil. Os membros desse movimento acusam Irineu de ser um fanático religioso do século II, que teria deturpado os ensinamentos da Gnose para dar plausibilidade à corrente majoritária que existia no cristianismo do segundo século.

<sup>53</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 111-113, Vol. I.

As outras duas características do método de Irineu, segundo Vila Nova, são a demonstração da doutrina cristã e a elaboração de uma teologia, que é ao mesmo tempo antropológica e soteriológica. Apesar do constante uso do gênero anti-herético, que na opinião deste autor é cansativo e prolixo, essas características são ricas.<sup>54</sup> Com relação à demonstração da doutrina cristã, Irineu, de uma forma sóbria e ordenada, demonstrou o ensinamento cristão através das Escrituras por meio das profecias do Antigo Testamento e das passagens do Novo Testamento. E ainda apresentou a pregação e Tradição apostólica a partir do que lhe foi transmitido pelas comunidades cristãs. A quinta característica do método irineano, e a mais inovadora na opinião de Vila Nova, é a elaboração de uma antropologia teológica e uma soteriologia, centradas na história por meio de pontos marcantes no plano da salvação. Tais pontos demonstram a salvação como projeto desejado por Deus para toda a humanidade. Tal plano começou em Adão, teve sua realização plena na pessoa de Jesus Cristo e ganhou visibilidade por meio da Igreja.

A partir de tudo que apresentamos, percebemos que Irineu desenvolveu uma reflexão teológica em seu trabalho ao modo de um grande tratado de Teologia Sistemática. Nesse tratado, foi delineando muitas das linhas teológicas que hoje aparecem nos modernos tratados de teologia. O santo contribuiu com a própria fé da Igreja ao elaborar conteúdos doutrinários que foram as bases da fé da Igreja em muitos Concílios, frente a problemas doutrinários posteriores. Também com a lista da sucessão apostólica apresentada em sua obra, colaborou com a eclesiologia da Igreja tanto em seu tempo como em nossos dias. Para Irineu, no tocante à Igreja, eram os bispos que guardavam a fé, pois os episcopos são os sucessores dos apóstolos e guardiães da doutrina ensinada por eles. E o que garante essa sucessão e a veracidade desses ensinamentos? O que garante tudo isso é o Espírito Santo transmitido por Jesus aos seus apóstolos, ou seja, àqueles que conviveram com ele. E estes, por sua vez, sustentados e movidos pelo mesmo Espírito Santo, transmitiram as verdades de fé aos seus sucessores.<sup>55</sup>

Por tudo o que nós expressamos acima, vimos que Irineu se apresenta como um teólogo que se impõe ao seu tempo e atravessa as fronteiras dos séculos na Igreja. Em meio a tantos avanços teológicos, o seu modo de fazer teologia tornou-se um importante instrumento de discernimento. E por que não dizer um modelo para o

---

<sup>54</sup> VILA NOVA, op. cit., p. 183.

<sup>55</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 22-25, Vol. I.

teólogo de hoje, tão cercado de tantas novidades que por vezes parecem fugir do essencial da fé. Por meio deste capítulo, tentamos apresentar um pouco do contexto histórico no qual Irineu estava mergulhado e o desenvolvimento de seu método teológico. Nos próximos, aprofundamos, de maneira especial, a sua soteriologia e, dentro dela, o homem neste plano da salvação. No segundo capítulo, a visão dos gnósticos a respeito do homem e da sua salvação, e, no terceiro, a contradição dos seus ensinamentos com a fé cristã esboçada por Irineu.

## CAPÍTULO II

### 2. GNOSTICISMO: UM MOVIMENTO DE MUITAS IDEIAS

No presente capítulo, apresentamos, em um primeiro momento, o desenvolvimento histórico do movimento gnóstico e depois as suas principais doutrinas. Em um segundo momento, vamos apresentar as ideias do gnosticismo relacionadas a Deus, à matéria, ao homem e a Cristo. A nossa fonte é a Obra de Santo Irineu. Expomos o gnosticismo e a sua doutrina tal como nos apresenta o bispo de Lião.<sup>56</sup>

#### 2.1 O gnosticismo, surgimento histórico e suas principais correntes

Antes de adentrarmos um pouco nas origens do gnosticismo, é necessário procurarmos entender o significado da palavra *gnose*. A palavra *gnose*, no mundo antigo, referia-se, em primeiro lugar, ao conhecimento de cunho filosófico; *gnose*, traduzida literalmente do grego, significa conhecimento, ou também pode ser traduzida por sabedoria. Posteriormente, foi aplicada ao conhecimento de mistérios divinos reservados aos membros de um determinado grupo de eleitos.<sup>57</sup> Não sabemos ao certo uma data precisa do surgimento do gnosticismo, o que se sabe é que talvez tenha nascido por volta do século primeiro depois de Cristo.<sup>58</sup> Também não se sabe ao certo quem foi seu fundador. Irineu, seguindo as pegadas de outros autores eclesiásticos, afirmou que, segundo uma antiga tradição, o gnosticismo teve sua origem com Simão, o mago, que queria comprar o poder de curar dos apóstolos (At 8,18-20).<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> Embora saibamos que os partidários atuais da chamada Igreja gnóstica acusem Irineu de ter adulterado as informações que tinha acerca do gnosticismo, acreditamos que tal informação é injusta e infundada, pois na década de 40 alguns autores já haviam levantado a questão e, após apurado trabalho de pesquisa, descobriram que além do contato de Irineu com os gnósticos em Lião, ele teria de fato tido acesso aos escritos dos gnósticos, entre eles se destaca o chamado Evangelho Apócrifo de João. Segundo o trabalho de comparação dos textos de Irineu com esse Evangelho, as informações contidas no *Contra os Hereges* corresponde aos ensinamentos contidos no citado apócrifo.

<sup>57</sup> FILORAMO, G. Gnose e gnosticisme in: Di Berardino, Angelo . *Dictionnaire Encyclopedique Du Christianisme Ancien*. Belgique: Les Éditions Du Cerf, 1990. pág 2337 Tome I

<sup>58</sup> Para alguns, o movimento seria ainda mais antigo e vem de tempos indatáveis. O interessante é notar que existiam ramificações do movimento tanto no cristianismo como no judaísmo e até no mundo pagão.

<sup>59</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit., p. 313-315, Vol. I.

No entanto, em nossos dias, sabemos que essa tradição seguida por Irineu não tem muito fundamento e que o gnosticismo, como movimento religioso, já existia antes de Cristo.<sup>60</sup> Ainda podemos nos perguntar: como nasce então o movimento gnóstico? Tal movimento nasce do encontro com as religiões de mistério do Oriente, da religiosidade helênica e, por fim, do encontro com os elementos da religiosidade cristã e também de elementos vindos do judaísmo. Do encontro de tantas correntes religiosas surgiu o gnosticismo que, em sua doutrina, é sincretista e confuso, como veremos a seguir. Foi por esse motivo que o gnosticismo se constituía por si só uma verdadeira ameaça ao cristianismo nascente. Em um mundo por vezes marcado por crises políticas, religiosas e até morais, o gnosticismo, com o seu sistema filosófico complexo, mas ao mesmo tempo atraente, tornava-se um atrativo para muitos espíritos sedentos da verdade.

Tais indivíduos sentiam-se atraídos pela promessa de um conhecimento superior a um grupo seletivo de eleitos. Tal conhecimento queria responder a problemas típicos da existência humana, tais como: felicidade, origem do mal e do mundo e tantos outros questionamentos feitos pelo homem diante do grande mistério da existência. Os gnósticos diziam serem portadores de uma verdade desconhecida que os apóstolos teriam escondido do resto da humanidade. Os mestres do gnosticismo seriam, então, os portadores de tal verdade escondida, destinada somente a um pequeno grupo de eleitos. Esse movimento pregava ainda a existência de três raças distintas, provenientes de três elementos: matéria, conversão e o *pneuma* vindo de Acamot.<sup>61</sup> Segundo ele, a matéria deu origem aos homens carnisais, ou seja, àqueles que não estavam interessados nas obras espirituais e eram, assim, escravos dos prazeres carnisais. Os chamados psíquicos são aqueles homens educados apenas com ensinamentos psíquicos, ou espirituais, que são confirmados pelas suas obras e a sua fé simples, e tais homens são aqueles que pertencem à Igreja. Quanto aos pneumáticos, são eles a raça perfeita, pois possuem o conhecimento perfeito de Deus, porque foram iniciados nos mistérios de Acamot.<sup>62</sup>

Tal postura dos gnósticos, como atestou Irineu, era errônea e sem fundamento, pois, segundo o nosso autor, a postura desses espirituais em nada

---

<sup>60</sup> BIHLMEYER, Karl – TUECHLE, Herman. *História da Igreja- Antiguidade Cristã*. São Paulo: Edições Paulinas, 1963. p. 147-148.

<sup>61</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit., p. 77, Vol. I.

<sup>62</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit., p. 91-93, Vol. I.

condizia com tão elevados ensinamentos. Deixemos que as palavras do próprio Irineu nos falem da vida desses homens tão espirituais:

Assim, entre eles, os perfeitos, são cometidas, sem escrúpulo algum, todas as obras condenadas pelas Escrituras, das quais elas afirmam: aqueles que as praticarem não herdarão o Reino de Deus. Comem indiferentemente as carnes sacrificadas aos ídolos porque pensam que não são manchadas por elas e em toda festa pagã são os primeiros a misturarem-se com os ídolos; nem se abstém de espetáculos sanguinários, odiosos a Deus e aos homens. Alguns, ao submeterem-se insaciavelmente aos prazeres da carne, dizem que aos carnis são dadas coisas da carne e aos espirituais, coisas espirituais. Alguns deles corrompem secretamente as mulheres que aprendem deles esta doutrina. Muitas, seduzidas por eles e que depois se converteram à Igreja de Deus, confessaram, juntamente com outro erro, também este.<sup>63</sup>

A partir das informações acima transmitidas por Irineu,<sup>64</sup> percebemos que os gnósticos advindos de várias seitas causavam, na comunidade cristã, divisão e perplexidade com o seu comportamento e doutrina. Percebemos, então, que a questão não é tão simples como alguns pensam. O grande problema é que o conteúdo doutrinário e a vivência da fé estavam comprometidos profundamente. Os gnósticos, através de uma interpretação alegórica das Sagradas Escrituras, acabavam por vezes fantasiando a doutrina cristã e misturando-a com o zoroastrismo persa e elementos da filosofia grega, tanto platônicos, como pitagóricos e estoicos. Com tal mistura, encontramos um dualismo extremo em seu seio<sup>65</sup> e, ao mesmo tempo, elementos da cosmogonia fenícia e da astrologia babilônica, levando assim a uma deificação dos astros.<sup>66</sup> Tudo isso representava um verdadeiro perigo para a fé cristã, pois a sua doutrina acabava se perdendo em meio a tantas especulações filosófico-religiosas e conceitos básicos como encarnação, redenção, criação, e a própria concepção judaico-cristã de Deus era rejeitada ou simplesmente deturpada.

Observando todas as informações acima, percebemos que os apologistas, como Irineu, ao combaterem o gnosticismo e outros grupos afins, como afirmamos

<sup>63</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 95-97, Vol. I.

<sup>64</sup> Os atuais membros do Gnosticismo moderno e historiadores simpatizantes do movimento na antiguidade lançam contra Irineu a acusação de que, além de ter deturpado o ensinamento gnóstico nos seus escritos, teria ainda lançado falsas acusações contra o comportamento moral dos gnósticos. Segundo o autor da citada obra, Irineu seguia um gênero literário próprio de sua época. Para conhecer a problemática levantada pelos atuais inimigos de Irineu, apontamos as seguintes páginas: HOELLER, Stephan . A. *Gnosticismo- Tradição oculta*. Porto Alegre: Nova Era , 2007. p. 110-113.

<sup>65</sup> No gnosticismo é muito forte a oposição Deus x mundo, luz x trevas, matéria x espírito.

<sup>66</sup> BIHLMEYER, op. cit., p. 148.



no capítulo anterior, queriam preservar o patrimônio essencial da fé que se encontrava ameaçado por esses grupos diversos. O gnosticismo atingiu o seu apogeu expansionista, sobretudo, entre os anos 130 e 180, quando o movimento se espalhara praticamente por todo o mundo antigo. O gnosticismo chegou à Palestina, à Síria, à Antioquia, sendo estas suas primeiras cidadelas, na opinião de estudiosos do assunto, chegando até ao Egito.<sup>67</sup> No Egito, desenvolveu-se de forma impressionante, tendo Alexandria como um grande centro de suas ideias. Com o ingresso de homens cultos em suas fileiras, puderam desenvolver ampla literatura com o fim de divulgar suas ideias.<sup>68</sup> Tal literatura era formada por obras eruditas e edificantes, que iam desde tratados filosóficos, dogmáticos até comentários bíblicos, e mesmo à produção de evangelhos e atos, e ainda de apocalipses e hinos.<sup>69</sup>

É nessa literatura, vasculhando-a atentamente, que percebemos a variedade dos sistemas gnósticos e, muitas vezes, a distância dos seus ensinamentos da doutrina cristã. Hoje sabemos que Irineu, em sua obra, além de basear-se no contato com membros e ex-integrantes do gnosticismo, também consultou vários desses escritos.<sup>70</sup> Segundo estudiosos das fontes irineanas, dentre os muitos escritos consultados por Irineu, um ganha, muitas vezes, as páginas de sua obra: o então chamado *Evangelho Apócrifo de João*.<sup>71</sup> O *Evangelho Apócrifo de João* traz as doutrinas ensinadas pelos valentinianos e outras seitas ligadas ao gnosticismo descritas em *Contra as Heresias*. Os gênios do gnosticismo, além da obra citada, elaboraram centenas de escritos, como afirmamos anteriormente. Tais escritos descreviam a fundo o modo de pensar desses grupos e, ao mesmo tempo, a sua diversidade, pois, à medida que surgiam os diversos grupos dentro do gnosticismo, cada um destes elaborava seus escritos próprios, com a releitura de doutrinas ensinadas pelos antigos mestres ou novas doutrinas ensinadas por novos mestres.

Os apócrifos eram, assim, no tempo de Irineu, uma literatura vasta que circulava nos meios populares. Os ensinamentos contidos neles eram totalmente diferentes daqueles das Escrituras cristãs e, por tal motivo, eram considerados por

<sup>67</sup> HOELLER, op.cit., p. 109.

<sup>68</sup> BIHLMEYER, op. cit., p. 150.

<sup>69</sup> Ibidem.

<sup>70</sup> Para um maior aprofundamento sobre a história das fontes usadas por Irineu, recomendamos a leitura das maravilhosas páginas de SAGNARD François. *La Gnose Valentinienne et Le Témoignage de Saint Irénée*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1947. p. 88-92.

<sup>71</sup> Para uma consulta deste Evangelho, recomendamos a tradução brasileira de TILLESSE, Minette Caetano. *Extra-canônicos do Novo Testamento- Evangelhos*. Fortaleza: Nova Jerusalém, 2003. Volume I.

nosso autor como falsificações da verdade ensinada pelo Senhor.<sup>72</sup> Diante da variedade de tais ensinamentos e, ao mesmo tempo, da sua construção lógica, muitos cristãos e pagãos, sobretudo estes últimos, muito influenciados pela filosofia grega, aderiam com firmeza aos ensinamentos das Escrituras gnósticas. O motivo de tal adesão e sedução proporcionada pelo gnosticismo, a nosso ver, talvez fosse a simplicidade da fé cristã, ou seja, a forma como explicava e entendia seus mistérios. Tais mistérios, como redenção, criação e encarnação, talvez fossem fáceis de entender por crentes fervorosos, mas por espíritos intelectuais vindos do mundo helênico não eram tão fáceis de compreender. Então, podemos concluir que o gnosticismo exercia atração sobre as pessoas, devido à forma como estavam construídos os seus ensinamentos. Embora absurdos do ponto de vista cristão, eram racionalmente bem construídos, do ponto de vista grego.

Os sistemas gnósticos respondiam às ânsias de muitos indivíduos vindos da cultura helênica e também de outros meios culturais. Porém, como já apontamos, constituíam-se em ameaça ao patrimônio de fé das Igrejas cristãs devido à confusão que faziam dos mistérios cristãos. Pois, no meio de tantas especulações de cunho filosófico e, ao mesmo tempo, de tanto sincretismo, os pontos básicos da boa notícia cristã eram renegados ou simplesmente relidos de uma forma equivocada. Irineu, em sua obra, descreveu várias seitas com seus sistemas doutrinários, sendo que a maioria era aparentada com o gnosticismo. Também, em sua obra, deu-nos informações precisas acerca dos mestres desses grupos. Dentre esses mestres do gnosticismo, Irineu forneceu informações sobre certo Menandro que era sucessor de Simão, o mago. Tal mestre, em seus ensinamentos, dizia aos seus discípulos que o mundo havia sido criado por anjos, que existia uma potência superior e que tal potência era o salvador. Ensinava também aos seus discípulos práticas de magia que dizia ser a gnose perfeita e ainda batizava os mesmos em seu nome prometendo-lhes a ressurreição e uma espécie de juventude perene.<sup>73</sup>

Depois disso, citou outros dois mestres do gnosticismo, Saturnino e Basíledes, como dois importantes nomes no mundo gnóstico. Esses dois mestres eram discípulos de Menandro. O primeiro era proveniente de Antioquia, de uma cidade chamada Dafne, e o segundo era proveniente de Alexandria. Em suma, os dois mestres ensinavam as mesmas doutrinas. Embora a explicação fosse, em alguns

<sup>72</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit., p. 19, Vol. I.

<sup>73</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 321, Vol. I.

pontos, diversa, no fundo acreditavam nas mesmas coisas: na existência de um Pai desconhecido e comum a todos, de que os homens e o mundo teriam sido criados pelos anjos, de que Cristo não se encarnou, de que o Deus dos judeus era falso e havia sido destruído por Cristo e ainda tinham desprezo profundo pelo matrimônio.<sup>74</sup> Percebemos, a partir das informações transmitidas por Irineu, o perigo que consistia nos ensinamentos de Basílides e Saturnino para o núcleo central da fé na Igreja nascente de então. Notamos, nestas linhas, a negação de elementos básicos do credo cristão, como a encarnação e a unidade de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

Outro mestre citado por Irineu em sua obra foi Carpócrates. Ele, junto com os dois mestres acima citados, teve grande importância para o mundo gnóstico. Provido de Alexandria, o seu sistema doutrinário era muito marcado por ideias vindas do platonismo.<sup>75</sup> Entre seus ensinamentos, o que tinha a respeito da criação parecia ser o mais confuso. Segundo ele, o mundo não havia sido criado por Deus, mas por anjos inferiores ao Pai ingênito.<sup>76</sup> Jesus, o filho de José, era igual a todos os homens, porém era, ao mesmo tempo, diferente. Jesus se diferenciava dos outros homens porque trazia em seu ser a lembrança de quando estava junto do Pai. O homem Jesus, segundo ele, com sua pureza e força, havia ultrapassado os criadores do mundo e chegado junto do Pai.<sup>77</sup> Todos os homens, segundo os ensinamentos de Carpócrates, tinham as mesmas disposições de Jesus, e, por isso, podiam desprezar os arcontes criadores do mundo e chegar a fazer as mesmas coisas que Jesus fazia. Por isso, Pedro, Paulo e os outros apóstolos eram considerados iguais a Jesus.

Os discípulos de Carpócrates acreditavam terem vindo da mesma esfera de Jesus, por esse motivo eram iguais a ele e podiam até ultrapassá-lo. Ainda, segundo Irineu, eles praticavam a magia, o encantamento e todas as superstições condenadas pela fé cristã.<sup>78</sup> Também acreditavam na transmigração das almas. Assim, acreditavam que a alma deveria viver várias experiências diferentes e, para isso, deveria passar por vários corpos. E interpretavam a prisão descrita em Mt 5,

---

<sup>74</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 323-333, Vol. I.

<sup>75</sup> BIHMEYER, op. cit., pág 153.

<sup>76</sup> O chamado pai ingênito é o mesmo pai desconhecido para Marcião e o mesmo protopai para Valentim, a insistência em um deus desconhecido dentro do gnosticismo é muito comum em todas as seitas ligadas ao gnosticismo.

<sup>77</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 333, Vol. I.

<sup>78</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 337, Vol. I.

25-26 como sendo a do corpo. Aí, encontravam a justificativa para acreditarem na transmigração das almas, pois, segundo tal interpretação, o corpo era essa prisão pela qual todas as almas deveriam passar.<sup>79</sup> Por meio dessas transmigrações feitas em vários corpos, a alma, tendo vencido os prazeres do mundo, elevar-se-ia a Deus, passando pelos anjos criadores do mundo. Dessa forma, todas as almas seriam salvas.

Carpócrates e seus seguidores, com suas doutrinas, apresentavam pontos divergentes com a doutrina cristã, vivida pelas comunidades cristãs do século II. Tais pontos tornaram-se problemáticos, pois os seguidores de Carpócrates, com sua ideia de perfeição, através do esforço pessoal, negavam a necessidade de um salvador, portanto negavam a redenção. Assim, percebemos que tais grupos gnósticos tornaram-se uma verdadeira ameaça ao cristianismo nascente. Eles eram uma ameaça porque negavam o conteúdo básico do credo cristão presente na Regra de Fé apresentada por Irineu, que nada menos era do que a fé da Igreja recebida dos apóstolos. Irineu ainda deixava escapar, como observamos anteriormente, os diversos problemas causados pelos grupos gnósticos no interior da Igreja. Dentre outras coisas, Irineu citou o caso da tal Marcelina que seduziu a muitos dentro da Igreja.<sup>80</sup>

Além de Carpócrates, outro mestre gnóstico citado por Irineu foi Cerinto. Como tantos mestres do gnosticismo, a sua doutrina era confusa e distante do cristianismo. Esse mestre vindo da Ásia ensinava em seus escritos que o mundo não havia sido criado pelo primeiro Deus e sim por uma potência distinta, e outra potência superior deu origem a todas as coisas. Com relação a Jesus de Nazaré, ele não era o filho da Virgem, pois negava tal concepção virginal. Para ele, Jesus era de fato filho biológico de José e Maria. Jesus era um homem eleito, embora fosse igual aos outros. No dia do seu batismo, a pomba que desceu sobre ele era o Cristo que passou, a partir deste dia, a viver nele. Cristo viveu em Jesus para anunciar o pai desconhecido. Na paixão, Cristo saiu e Jesus foi quem sofreu na cruz e depois ressuscitou. Cristo não sofreu nada, por ser totalmente pneumático e ser essa potência desconhecida e acima de todas as coisas.<sup>81</sup>

<sup>79</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 339, Vol. I.

<sup>80</sup> Marcelina teria vivido em Roma na época do Papa Aniceto e teria seduzido a muitos cristãos causando muito mal à Igreja presente naquela cidade.

<sup>81</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 345-347, Vol I.

Irineu, em sua obra, apresentou-nos um sistema variado de seitas e grupos dos mais diversos e confusos. Apresentamos alguns desses grupos para contextualizar o problema do gnosticismo. Embora cada grupo apresente seus ensinamentos de forma diferenciada, no fundo querem expressar a mesma coisa. Segundo alguns estudiosos de Irineu, alguns grupos eram descendentes diretos de Valentim, como os barbelonitas e os ofitas. No item a seguir, apresentamos um pouco dos ensinamentos de Marcião e Valentim, duas figuras importantes para o nosso trabalho.

## **2.2 Marcião e Valentim, duas figuras-chave para a expansão do gnosticismo**

Nos escritos de Irineu, encontramos citados com grande ênfase os nomes de dois mestres gnósticos famosos: Marcião e Valentim. Embora haja polêmicas sobre o primeiro,<sup>82</sup> sem dúvida, ele tem sua importância para nós, apesar de agora em diante expormos principalmente o pensamento de Valentim. A nossa intenção ao apresentarmos tais autores é mostrar como ambos, a nosso ver, influenciaram por demais o gnosticismo e as demais seitas citadas por Irineu em sua obra.

### **2.2.1 O mestre Marcião**

O polêmico Marcião, citado por Irineu diversas vezes em sua obra, era originário da cidade de Roma. Durante muito tempo foi membro dessa Igreja, tendo doado a ela grande parte do seu patrimônio. Após o ano de 144 foi excluído da comunidade cristã devido às suas ideias e teve seus bens devolvidos integralmente. A partir desse acontecimento, fundou a sua própria Igreja.<sup>83</sup> Marcião ficara conhecido na história cristã por seu profundo antissemitismo. Pois, entre outros elementos da sua doutrina, ele negava a revelação do Antigo Testamento e excluía do Cânon das Escrituras, por assim dizer, toda e qualquer referência ao Antigo Testamento, bem como todos os livros do Novo Testamento que na sua visão possuíam elementos judaicos.

---

<sup>82</sup> Hoje em dia é discutido se realmente Marcião e seu movimento podem ser considerados como um ramo do gnosticismo. Para um maior aprofundamento, recomendamos as páginas de Aland B. Marcião e marcionismo in: Di Berardino, Angelo. *Nuovo Dizionario Patristico e de Antichità Cristiane*. Genova: Casa Editrice Marietti, 2007. p. 320-321.

<sup>83</sup> *Ibidem*.

Marcião, assim como os outros mestres gnósticos, acreditava em um deus desconhecido. Motivado por tal crença, ensinava que o Deus do Antigo Testamento não era o Pai de Jesus, nem tampouco o Deus revelado por Jesus de Nazaré era o mesmo Deus do Antigo Testamento. Assim, existiam, para Marcião, dois deuses distintos: o justo e o bom. O Deus do Antigo Testamento era o Deus justo, porque ele era o Deus vingador, castigador e terrível. Quanto ao pai de Jesus, o assim chamado deus desconhecido, era o deus bom, cheio de amor e misericórdia, que enviou seu filho para salvar os homens. Dessa forma, o deus anunciado por Jesus não era o Deus anunciado pela lei e pelos profetas.

Segundo os ensinamentos de Marcião, Jesus tinha apenas tomado a aparência de um homem, tendo se manifestado aos habitantes da Judeia, abolindo todos os ensinamentos e observâncias da lei judaica e do Antigo Testamento. Pois, segundo o seu modo de pensar, essas leis e preceitos foram dados pelo deus que havia criado o mundo, o assim chamado cosmo-criador.<sup>84</sup> Na divisão do Cânon feita por ele, aceitou somente uma parte do Evangelho de Lucas e rejeitou os outros Evangelhos. A mesma atitude tomou com as epístolas de Paulo, aceitando algumas e rejeitando outras. Ainda cortou dos escritos paulinos todas as citações tiradas do Antigo Testamento e toda e qualquer alusão do Antigo Testamento usada por Paulo para falar do Salvador. O marcionismo repetiu em alguns pontos de sua doutrina os ensinamentos dos gnósticos, mas percebemos que, em muito, foi um grupo heterodoxo profundamente antijudaico.

### **2.2.2 Valentim**

O mestre Valentim foi, sem dúvida, o grande nome que ganhou destaque no gnosticismo. Valentim era de origem egípcia e chegou à Roma por volta do ano 140. Após algum tempo, abandonou a fé Cristã e começou a pregar a sua própria doutrina. No período em que Aniceto era bispo de Roma, abandonou aquela cidade, tendo talvez ido para o Chipre. Retornando a Roma, veio a falecer por volta do ano 160.<sup>85</sup> O que se conhece da doutrina de Valentim chegou até nós devido aos heresiólogos, que cuidadosamente nos transmitiram seus ensinamentos.

---

<sup>84</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 351, Vol. I.

<sup>85</sup> GIANOTTO C. Valentin gnóstico In: Di Berardino, Angelo. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. São Paulo: Editora Paulus, 2002. p. 1399.

## **2.3 O gnosticismo e sua compreensão acerca da Criação, de Deus, do homem e da matéria**

Neste item, vamos expor o pensamento gnóstico a respeito da criação, de Deus e da matéria, tentando perceber como os gnósticos pensam o ser humano dentro dessa sua visão de mundo. Entretanto, não expomos todas as escolas gnósticas descritas por Irineu, mas priorizamos o sistema valentiniano, pois a escola de Valentim foi a escola gnóstica mais importante dentro do gnosticismo, tanto que era ela a principal corrente do gnosticismo combatida por Irineu. Vale lembrar que a escola de Valentim tinha vários seguidores. Por essa razão, neste trabalho, seremos obrigados a citar alguns sistemas gnósticos elaborados pelos discípulos de Valentim, já que Irineu, na sua apresentação, muitas vezes não pareceu fazer diferença entre Valentim e seus discípulos e, na maioria das vezes, apresentou os ensinamentos de alguns grupos como se fossem repetição da escola de Valentim ou uma explicação feita pelos seus discípulos.<sup>86</sup>

### **2.3.1 Deus e a Criação vistos e compreendidos pelos gnósticos e por Valentim**

A criação no gnosticismo era uma doutrina confusa e difícil de entender. Expomos, nestas linhas que se seguem, como Valentim e seus seguidores a entenderam. Em primeiro lugar, Irineu nos apresentou em sua obra os primeiros ensinamentos dos gnósticos sobre Deus. Tais ensinamentos eram acerca dos Éons que vivem no pleroma, uma espécie de morada da divindade. Depois, Irineu apresentou como os gnósticos pensavam a criação do mundo. Em princípio, o mundo foi criado por uma espécie de demiurgo<sup>87</sup> com a colaboração da chamada mãe, que era um princípio feminino saído do Pleroma. Porém, o demiurgo não sabia disso. A primeira coisa criada pelo demiurgo foram os quatro elementos: fogo, ar, terra, água, sendo tudo isso a imagem da chamada Tétrada.<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> Aqui somos obrigados a constantemente fazer um trabalho comparativo entre o pensamento de Irineu nos livros I e II. A nosso ver, o livro II parece ser uma explicação das doutrinas ensinadas por Valentim e seus discípulos no livro I.

<sup>87</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 265, Vol, I.

<sup>88</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 267, Vol, I.

Ao refletir sobre Deus e a criação no gnosticismo, surge-nos de imediato a seguinte pergunta: como os gnósticos, nos seus variados sistemas, conseguiram criar, a respeito de Deus e da sua obra criadora, um sistema tão complexo, confuso e ao mesmo tempo fascinante? Pois, quando lemos a descrição feita por Irineu em sua obra sobre o gnosticismo e suas doutrinas, percebemos um sistema teológico bem racionalizado, mas que, ao mesmo tempo, vagueia muito em especulações racionais e acaba por fugir do conteúdo da fé cristã presente na Escritura e na Tradição da Igreja. Como afirmam os estudiosos do gnosticismo, esse movimento recebeu muitas influências no seu modo de pensar e refletir acerca da sua concepção de fé. Ainda outros estudiosos do gnosticismo afirmam que o movimento seria uma espécie de assimilação das ideias gregas e do seu modo de pensar, ou seja, uma helenização do cristianismo nascente e, ao mesmo tempo, uma orientalização<sup>89</sup> do mesmo.

Por causa de tantas influências culturais e religiosas vindas de diversas culturas, percebemos que o pensar teológico do movimento gnóstico teve uma forte base pagã. O próprio Irineu, ao refutar o movimento em sua obra, atestou a influência dos pensadores pagãos e de seus mitos sobre os gnósticos.<sup>90</sup> A partir disso, entendemos porque a forma como os gnósticos pensavam Deus se afasta tanto do ensinamento cristão. A ideia, por exemplo, de um Deus desconhecido tão presente nos ensinamentos de Valentim e Marcião, e, em geral, em todo o movimento gnóstico, era advinda do sistema filosófico e religioso helênico. Os gnósticos, em seus ensinamentos, aprofundaram tal ideia e a construíram de uma forma por vezes confusa e ao mesmo tempo interessante.

Em primeiro lugar, é bom sabermos que, no sistema filosófico grego, os antigos filósofos costumavam negar certos atributos dados pelo homem a Deus como uma forma de preservar a Transcendência de Deus.<sup>91</sup> Essa via de negação queria ainda mostrar que Deus era superior aos outros seres. Partindo dessas demonstrações, concluímos que Deus era completamente desconhecido pelos homens na filosofia platônica. Deus era conhecido pelos homens de maneira limitada. Somente por algumas virtudes presentes no homem, este foi descobrindo

---

<sup>89</sup> RAMELLI . J. Gnosi e Gnosticismo In: Di Berardino, Angelo. *Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*. Genova: Casa Editrice Marietti, 2007. p. 2364-2365.

<sup>90</sup> ORBE, Antonio. *La Teologia dei secoli II e III- Il confronto della grande chiesa con lo gnosticismo*. Roma: Edizione Pimi/ Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1985. p. 22. Vol I

<sup>91</sup> ORBE, op. cit., p. 24.



que Deus é bom. A partir disso, concluímos que Deus era completamente desconhecido, ou seja, o homem não podia conhecê-lo. Nesse âmbito, o gnosticismo apareceu absorvendo tais ideias. No entanto, o movimento gnóstico acreditava ser um caminho divino de salvação, pois ajudava os homens a chegarem ao conhecimento verdadeiro de Deus. Os mestres gnósticos acreditavam que a gnose se constituía em um caminho de conhecimento para chegar até Deus, suscitado na humanidade pelo próprio Deus.<sup>92</sup> Por isso, a gnose não era um conhecimento qualquer, mas um conhecimento salvífico.

Tal conhecimento, para os seus membros, era uma elevação do homem a Deus por meio do conhecimento oculto que foi escondido dos demais mortais e agora era revelado aos homens eleitos.<sup>93</sup> Vale ainda lembrar que o tema da salvação pelo conhecimento era muito presente em todo o mundo pagão grego, não era apenas uma particularidade dos gnósticos. Também os pagãos e as escolas filosóficas ligadas ao platonismo tinham tal ideia, como já percebemos anteriormente. Os gnósticos, influenciados por tais crenças, começaram a pensar Deus de uma forma bem estranha ao cristianismo. Essa mistura de sistemas teológicos pagãos com as premissas cristãs e ainda com as religiões de cunho oriental geraram uma série de problemas ao cristianismo, como veremos a seguir. Por tudo o que foi citado, eis a incompatibilidade entre a fé cristã e o gnosticismo.

Vamos agora, a partir do próprio Irineu, perceber como os gnósticos construíram o seu complicado modo de pensar Deus, para depois entendermos a criação e a sua doutrina em Valentim e em seguidores afins. Como o próprio Irineu atestou, Valentim apenas reproduziu do seu jeito tais ensinamentos.<sup>94</sup> Inicialmente buscamos entender, no livro I de *Contra as Heresias*, a concepção de Deus apresentada pelos gnósticos em geral, para depois entender a concepção de Valentim e de seus seguidores. No livro I de sua obra *Contra as Heresias*,<sup>95</sup> o nosso autor começou nos expondo a constituição do chamado Pleroma. O Pleroma seria uma espécie de campo transcendental, uma habitação da divindade, por assim dizer, e deste lugar é que emanaria toda a existência e, ao mesmo tempo, tudo que existe deveria voltar para ele.

---

<sup>92</sup> ORBE, op. cit., p. 25.

<sup>93</sup> É interessante notar que os movimentos esotéricos atuais e até alguns movimentos religiosos no seio do cristianismo hodierno pregam ideias parecidas.

<sup>94</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 167, Vol. I.

<sup>95</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 90, Vol. I.

É nesse Pleroma, em que a divindade habita, que Irineu nos apresentou o Deus pensado pelos gnósticos. No começo, segundo os mitos gnósticos no Pleroma, habitava um Éon perfeito que seria a origem de todas as coisas que existem. Tal Éon também era conhecido pelos defensores dessa ideia como Protoprincípio, Protopai e Abismo. Esse mesmo Éon, ou Protopai, durante séculos, fez-se desconhecido e incompreensível, e junto dele repousava um princípio feminino chamado Graça e Silêncio.<sup>96</sup> Um dia, esse Éon, por emanção, gerou outro princípio no seio da sua esposa Silêncio e Graça, sendo que essa mesma esposa deu origem a outro Éon, que era o único capaz de entender o Pai na sua grandeza e ao mesmo tempo criador das realidades visíveis. Aqui, nós percebemos no gnosticismo uma distância do ensinamento bíblico sobre Deus, pois a Escritura relata apenas que Deus existia antes de tudo. No gnosticismo, Deus dividia-se em dois princípios (feminino e masculino) e, ao mesmo tempo, gerava outro ser, outro criador. E esse outro ser divino criado gerava ainda mais outro ser, sendo que tal ensinamento está bem distante das Escrituras.<sup>97</sup>

Esse segundo Éon emitido pelo Protopai e gerado pela Graça se chamou Nous e juntamente com ele foi gerado o seu princípio feminino, a Verdade. Segundo os mesmos gnósticos, o Nous, juntamente com a Verdade, gerou mais dois princípios: o Logos e a Zoé, que seriam o pai de todas as coisas que viriam após eles, sendo que esses gerariam o homem e a Igreja.<sup>98</sup> Depois disso, Irineu nos relatou que a união desses princípios ou Éons, querendo glorificar o Pai, fizeram outras emissões em sizígia.<sup>99</sup> Esses Éons, em sizígia, geraram outra série de Éons, cerca de dez, e a Igreja juntamente com o homem, outros doze Éons.<sup>100</sup> Dessa doutrina confusa de Éons, Irineu atestou outra doutrina presente nos seus ensinamentos: a doutrina dos trinta Éons. Esse conjunto de trinta Éons formava o

<sup>96</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 29, Vol. I.

<sup>97</sup> Além do contato com religião e filosofia grega percebemos nestes relatos apresentados por Irineu a influência das religiões de mistério vindas do Oriente. Infelizmente por falta de espaço não podemos fazer um trabalho comparativo nestas páginas dos relatos apresentados por Irineu e os relatos dos apócrifos gnósticos. Recomendamos para um maior aprofundamento as páginas dos seguintes Apócrifos: Evangelho dos Egípcios e Apócrifo de João que se encontram em uma tradução portuguesa feita por TILLESSE, Minette Caetano in: *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza: Nova Jerusalém, 2003. p. 111-127 e 136-146.

<sup>98</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 31, Vol I

<sup>99</sup> As sizíguas seriam casais de Éons gerados pelos Éons superiores, aqueles dois casais acima citados: Nous x Verdade, Logos x Zoé

<sup>100</sup> Os dez Éons produzidos por Logos e Zoé seriam: Abissal, Confusão, Aguerratos, União, Autoproduto, Satisfação, Imóvel, Mistura, Unigênito e Felicidade. Os doze Éons produzidos pela Igreja e o Homem seriam: consolador, fé, Paterno, Esperança, Materno, Caridade, Eterno, Compreensão, Eclesiástico, Bem-aventurança, Desejado e Sofia.

Pleroma que estava dividido em Ogdoâda, Década e Duodécada. Irineu nos apresentou, ainda, nesses relatos, que os gnósticos procuravam fundamentar as suas teorias por meio de uma exegese por vezes forçada dos textos da Escritura.<sup>101</sup> Tal exegese fugia completamente da interpretação da Tradição das comunidades cristãs e por si só era confusa. Percebemos, nessa forma de interpretar a Escritura, uma maneira de os gnósticos legitimarem seus ensinamentos e demonstrarem frente à Igreja a sua “identidade cristã”.

Continuando ainda a explanação sobre a concepção de Deus no Gnosticismo, a construção teológica gnóstica acerca de Deus não para por aqui. Como falamos anteriormente, os gnósticos alimentavam, por influência dos sistemas filosóficos gregos, a crença em um Deus desconhecido. Irineu, na sua exposição sobre o movimento e suas ideias, confirmou tal teoria. Para os gnósticos, o chamado Protopai era conhecido somente por aquele que ele gerou, o Éon conhecido como Nous. Esse Éon era o único a conhecer o Pai na sua essência. Mesmo querendo que os outros Éons participassem da visão que tinha do Pai, não lhe foi permitido isso por Silêncio, que não o deixou conduzir outros Éons a contemplar o Pai.<sup>102</sup> O Pai era, então, esse Deus desconhecido, que era superior a tudo, mesmo àqueles que viviam com ele no Pleroma e aos homens e a todas as realidades criadas. A partir disso, podemos entender porque para os gnósticos era tão importante a iniciação nos seus mistérios, pois através dessa gnose salvífica os homens chegariam à descoberta dessas verdades e até desse Deus desconhecido.

Para entendermos ainda a interpretação de Valentim e de seus discípulos acerca do papel de Cristo, do Espírito Santo e a sua visão a respeito de Deus, é-nos necessário continuar a exposição feita por Irineu dos ensinamentos gnósticos. Na exposição feita por Irineu, ele nos falou de um Éon saído do homem e da Igreja que, ardendo de amor pelo Pai, sofreu uma paixão terrível. Tal Éon era feminino e se chamava Sofia. E em que consistia tal paixão? Tal paixão era esse desejo de estar em união com o Pai e de entendê-lo perfeitamente. Porém, isso não lhe foi possível porque os Éons que guardavam a morada do Pai não lhe permitiram tal procedimento. Convencida dessa impossibilidade, abandonou tal paixão. Segundo outro mito primitivo gnóstico, Sofia caiu em uma profunda tristeza e rezou junto com os outros Éons, e em especial com o Nous, ao Pai. Dessa união com esses Éons

<sup>101</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., pág 35, Vol. I.

<sup>102</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., pág 37, Vol. II.

nasceu a substância material que deu origem à ignorância, à tristeza, ao medo e ao assombro.<sup>103</sup>

Depois da integração, na sizígia, do Éon chamado Sofia, o Unigênito, pela vontade do Pai, emitiu outro par de Éons: o Cristo e o Espírito Santo. Esse par foi emitido a fim de evitar que outros Éons sofressem a mesma paixão que Sofia. Cristo ensinou aos outros Éons tudo a respeito do Pai, que só podia ser entendido por meio do Unigênito. O Espírito Santo, no Pleroma, teria ensinado a todos os outros Éons a dar graças ao Pai. Assim, Cristo e o Espírito Santo complementariam a formação do Pleroma.<sup>104</sup> A partir de tudo que foi exposto, percebemos que Cristo, na concepção gnóstica, não passa de um Éon emissor. Não é estranho, como já vimos, que Carpócrates e outros mestres gnósticos não acreditassem na Encarnação e considerassem Jesus como um homem qualquer. Em tal concepção, Cristo era apenas um Éon, que, em um determinado momento da história, uniu-se ao homem Jesus.

A partir do já dito, percebemos que os gnósticos construíram uma concepção de Deus profundamente enraizada nas ideias platônicas. Dessa forma, Deus era, ao mesmo tempo, distante e rigidamente hierarquizado na sua relação com o restante do Pleroma. Ao criar outros “*pequenos deuses*”, ele emitia sua vida para esses e, ao mesmo tempo, mantinha sua distância dos homens e dos seres que compunham o Pleroma ou sua morada divina. Notamos que Deus, ao criar outros “*deuses*”, ou melhor, usando a linguagem gnóstica, outros Éons que eram diferentes dele, mais superiores aos outros Éons, acabou se dividindo. Temos assim um Deus dividido e ao mesmo tempo repartido, pois, ao emitir cada Éon, ele repartiu um pouco de si. Após descobrirmos como os gnósticos pensavam Deus na sua forma mais primitiva, vamos agora perceber como Valentim e seus discípulos pensavam Deus e interpretavam esses pensamentos gnósticos primitivos.

Valentim e seus discípulos criaram uma forma bem peculiar de pensar Deus. Sem dúvida alguma, era uma interpretação particular a dessa escola, pois o que não faltava ao gnosticismo eram interpretações diversas dos seus ensinamentos. Valentim, segundo Irineu, concebia Deus como uma Díada inefável<sup>105</sup>. Essa chamada Díada inefável emitiu outra Díada, sendo que esta possuía dois elementos:

<sup>103</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., pág 42-43, Vol. II.

<sup>104</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit., p. 45-47, Vol. II.

<sup>105</sup> Essa Díada Inefável é, sem dúvida, o Deus desconhecido.

um chamado Pai e o outro, Verdade.<sup>106</sup> Assim, tal Tétrada produziu como fruto o Logos e a Vida, e depois o Homem e a Igreja. Desse modo, estava formada a assim chamada primeira Ogdoada,<sup>107</sup> sendo que do Logos e da Vida foram geradas mais dez potências e dessas potências uma se afastou, tornando-se, dessa forma, uma potência degredada. Essa potência degredada foi quem fez o resto da obra de fabricação do Logos e da Vida. Para Valentim, existiam ainda dois limites entre o Pleroma e o abismo: um que separava os Éons gerados pelo Pai ingênito e outro que separava a mãe do Pleroma. Dessa forma, a Mãe se encontrava fora do Pleroma.

Essa Mãe que estava fora do Pleroma foi quem gerou o Cristo na visão de Valentim. Portanto, o Cristo, na escola valentiniana, não foi gerado por Éons, como foi pensado na doutrina geral dos gnósticos. Aqui, Valentim, juntamente com sua escola, fez uma interpretação diferente dos mitos e da doutrina gnósticos. Foi por esse motivo que Irineu, ao referir-se aos vários sistemas gnósticos, afirmou que são contraditórios<sup>108</sup> entre eles. Cristo foi ainda produzido pelas lembranças que a Mãe tinha do Pleroma, porém a Mãe estava mergulhada em sombras. Cristo, que era macho, voltou para o Pleroma abandonando tal sombra. A mãe foi, assim, completamente abandonada na sombra pelo filho por ela gerado. Nesse abandono, a Mãe gerou um segundo filho: o Demiurgo. A esse estão submetidas todas as coisas criadas, pois foi ele o criador, como vemos a seguir. Ainda acreditavam que, junto com o Demiurgo, foi gerado um Arconte de Esquerda.<sup>109</sup> Jesus de Nazaré era pensado como uma criatura especial, que ora foi criado por um Éon, que saiu da mãe, outras vezes era pensado como alguém criado pelo Cristo, ou ainda, criado pelos pares Homem e Igreja. O Espírito Santo foi emitido pela Verdade para fecundar Éons. Sabemos muito bem que, no tempo de Irineu, ainda não havia sido formulado o dogma trinitário. No entanto, já existia no seio do cristianismo primitivo uma ideia trinitária da economia da salvação. A salvação estava (e ainda está) articulada pela ação econômica das três pessoas na história. Pensar as três pessoas divinas como criaturas cósmicas independentes e ainda submetidas a um

<sup>106</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit., p. 169, Vol. I.

<sup>107</sup> A Chamada Ogdoada seria para os gnósticos uma potência gerada pelo Pai. Segundo o Evangelho dos Egípcios, o Pai teria gerado três dessas chamadas Ogdoadas no seu seio. Para um maior aprofundamento, recomendamos as páginas da tradução dos apócrifos feita por TILESSE, op. cit., p. 138 -139. Vol. I.

<sup>108</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 167, Vol. I.

<sup>109</sup> O arconte seria uma espécie de ser cósmico inferior ao Demiurgo que parece reger a criação colocando limites a ela.

Deus externo a elas era uma verdadeira contradição com o ensinamento cristão professado pelas comunidades cristãs de então.

Agora que entendemos como os gnósticos, em geral, e a escola de Valentim pensavam Deus, podemos refletir sobre a forma como a criação era pensada por eles. Em primeiro lugar, criação não era obra direta das mãos do Pai (ou Protopai para Valentim). A criação, no ensinamento gnóstico, foi feita pelo Demiurgo. Antes de descrevermos a criação pensada pelos gnósticos, é necessário entendermos o que era o Demiurgo na filosofia platônica. O chamado Demiurgo, para Platão, nada mais era que um Deus-artífice que, imitando o Inteligível (o Princípio superior que age sobre a díade), o assim chamado mundo das ideias, criou o mundo ou o cosmo físico.<sup>110</sup> Para Platão, existia um mundo superior a este nosso mundo, chamado de inteligível. Esse mundo superior era regido por um Princípio (ou Deus, podemos assim chamar) superior que regia esse mundo das ideias (inteligível). O mundo sensível (o nosso mundo) era, assim, cópia desse mundo inteligível,<sup>111</sup> ou superior. Dessa forma, o Demiurgo assumiu o modelo do Princípio superior e criou o nosso mundo à semelhança do mundo das ideias, ou mundo superior.

Esse Demiurgo era um Deus que tinha vontade própria e por desejo seu criou este mundo. Esse Deus gerou, assim, o mundo físico que conhecemos. Alguns estudiosos se perguntam como essa ideia chegou ao mundo gnóstico.<sup>112</sup> Todos nós sabemos, ao longo deste trabalho, que os gnósticos acreditavam em histórias sobre a origem dos tempos. Também sabemos que o sistema gnóstico era uma mistura de ideias gregas, cristãs, hebreias e ainda orientais (por vezes de cunho egípcio ou persa). No que diz respeito às ideias gregas, parece-nos, pela leitura dos escritos de Irineu, que a escola de Platão, com o seu jeito de pensar o mundo, ganhou destaque. O Demiurgo era ainda para os gnósticos simplesmente o Deus do Antigo Testamento,<sup>113</sup> sendo que esse Deus do Antigo Testamento era o mesmo Deus Criador do universo apresentado pelas Escrituras. Como vimos anteriormente, o Deus Criador era um Deus completamente diferente do Deus em que creem os gnósticos. O Deus Criador era apenas um Deus subordinado a esse Deus desconhecido e superior. Era para chegar ao conhecimento desse Deus

<sup>110</sup> REALE, Giovanni, *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. p. 142-143. Vol I.

<sup>111</sup> Assim podemos perceber porque para alguns grupos gnósticos o nosso mundo é cópia de uma infinidade de mundos.

<sup>112</sup> PÉTREMENT, Simone. *Le Dieu Separe – Les Origines Du Gnosticisme*. Paris : Les Éditions Du Cerf, 1984.

<sup>113</sup> PÉTREMENT, op. cit., p. 50.

desconhecido ou Protopai que existia a gnose. Uma vez tendo entendido o Demiurgo na filosofia platônica, podemos prosseguir nossa explanação sobre o modo como os gnósticos concebiam a Criação e que foi apresentado por Irineu em sua obra.

Irineu confirmou em sua obra tudo o que afirmamos acima sobre a criação ser obra do Demiurgo. Deixemos o próprio Irineu nos falar: *“Eu quero expor-te ainda como, segundo eles, foi feita a criação, à imagem das coisas invisíveis, pelo Demiurgo, sem que ele o soubesse, graças à intervenção da Mãe.”*<sup>114</sup> Como constatamos, os gnósticos entraram em choque com tudo o que está contido nas Escrituras sobre a criação. Por isso, Irineu apresentou a sua doutrina com tantos detalhes como lemos nas próximas linhas. Em primeiro lugar, os gnósticos afirmaram que o Demiurgo criou os quatro elementos: fogo, ar, água e terra, sendo tudo isso criado, segundo eles, à imagem da Tétrada Superior. As operações de tais elementos como o calor, o frio, o molhado e o seco eram uma representação da chamada Ogdoada. Dessa Ogdoada derivaram dez potências. Tais potências eram formadas, segundo eles, por sete corpos esféricos que eram chamados de céus e mais um oitavo corpo que chamavam céu, sendo que os dois outros corpos eram o sol e a lua. Tais corpos, segundo o ensinamento gnóstico apresentado por Irineu, eram a imagem visível da década invisível emitida por Logos e Zoé.<sup>115</sup>

Para fundamentar suas ideias, acreditavam que tudo que existia era reflexo do chamado Pleroma. Assim, o Zodíaco era uma indicação da Duodécada e os seus doze signos eram uma representação da Duodécada que era filha do homem e da Igreja.<sup>116</sup> O céu, na sua visão, tinha uma mola que impedia que os signos do zodíaco tivessem o seu movimento normal fazendo com que cada signo, ao dar seu giro, levasse trinta anos. Tal giro, segundo o ensinamento gnóstico, era a imagem do limite que contém a Mãe dentro de si mesma<sup>117</sup>. Ainda acreditavam que o giro da lua em trinta dias indicava a existência dos trinta Éons emitidos no interior do Pleroma.<sup>118</sup> O sol e as horas eram representações ora da Duodécada, ora da

<sup>114</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 265, Vol. I.

<sup>115</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 267, Vol. I.

<sup>116</sup> Não podemos esquecer que homem e Igreja são um par de éons emitidos por Logos e Zoé.

<sup>117</sup> Não esqueçamos que para Valentim e outros gnósticos existe a presença de uma Mãe (Éon feminino) que teria dado origem ao Cristo. Tal mãe ora se encontra no Pleroma ora fora dele.

<sup>118</sup> Não podemos esquecer que o Pleroma era formado por esses trinta Éons no ensinamento geral dos gnósticos.

Triacontada.<sup>119</sup> Ainda acreditavam que o Demiurgo, querendo imitar o Deus superior do Pleroma, reduziu a eternidade em uma série de períodos com numerosos tempos. Segundo eles, tal ato afastou o Demiurgo da verdade, entrando no mundo a mentira. E toda essa divisão da eternidade ou obra das mãos do Demiurgo seria destruída no final dos tempos.<sup>120</sup>

A partir de tudo que foi explanado, percebemos mais uma vez a contradição entre o gnosticismo e a Tradição cristã e a própria Escritura. Separar o Deus do Antigo Testamento do Deus revelado por Jesus é algo inaceitável para a fé cristã. Também, não acreditar que o Deus Criador não seja o mesmo Deus que sempre existiu desde o princípio dos tempos e que foi criado por outro Deus superior a ele é lançar fora toda a teologia do livro do Gênesis. Mesmo que tudo isso fosse uma tentativa de tornar mais racional a mente helênica e sua forma de refletir a doutrina da criação, infelizmente tal explanação foge da doutrina bíblica da criação. Os gnósticos, no seu esforço de tornar a doutrina da criação racional,<sup>121</sup> chegaram até mesmo a querer fazer uma exegese dos textos bíblicos a favor das suas ideias.

Irineu, ao descrever essa concepção geral que os gnósticos tinham da criação, apresentou uma exegese dos primeiros capítulos do Gênesis feita por eles. Segundo tal exegese, as Escrituras, ao afirmarem que Deus, no princípio, fez o céu e a terra, referiam-se à Tétrada. Assim, os quatro elementos seriam a Tétrada. Quando as Escrituras diziam que a terra era invisível e ainda não organizada, os gnósticos viam nisso o aspecto invisível e escondido de Deus. Ao falarem das trevas e do abismo e do Espírito que pairava sobre as águas, viam nisso a segunda Tétrada que veio da primeira.<sup>122</sup> A partir disso, percebemos que para eles a criação nada mais foi do que uma série de emissões feitas pelo Demiurgo. Ou, como vimos,

---

<sup>119</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit., p. 269, Vol. I.

<sup>120</sup> Alguém deve perguntar o porquê de tal exaustiva apresentação dessas ideias confusas do gnosticismo. Para entendermos bem a obra de, ou seja, a doutrina cristã apresentada por ele nos livros IV e V, é necessário entender as questões que ele deseja responder. Por isso, optamos por tal explanação.

<sup>121</sup> É sabido por todos que existia no mundo intelectual Greco-helênico uma verdadeira aversão às Escrituras judaicas e posteriormente às Escrituras Cristãs. Os gregos viam esta literatura com preconceito e como um monte de contos fantasiosos. Temos como exemplo disso Santo Agostinho que, embora sendo posterior a Irineu, afirmava em suas Confissões que percebia as Escrituras e o que elas relatavam como uma grande fantasia. Com certeza, tal concepção vem da ideia de superioridade que o mundo Greco-romano tinha de si mesmo frente às outras culturas. Também é sabido que o antissemitismo era bem acentuado no mundo grego.

<sup>122</sup> Essa segunda Tétrada seria uma missão feita pela Tétrada superior. A segunda Tétrada seria Logos e Zoé. Os gnósticos usam para os mesmos princípios vários nomes assim Logos e Zoé seriam a segunda Tétrada.



a criação no gnosticismo era uma cópia do Pleroma, assim como no platonismo, uma cópia do mundo superior.

Agora que temos uma ideia geral da criação no mundo gnóstico, vamos perceber como Valentim e todos os outros gnósticos conceberam a criação do mundo, ou melhor, como aprofundaram e desenvolveram a sua reflexão sobre a Criação. No livro II, Irineu não explicou detalhadamente a criação pensada por Valentim. Ao contrário do livro I, ele fez uma explanação geral das ideias da criação dentro da doutrina gnóstica e, vez por outra, explicou e atribuiu algum ponto a um determinado mestre. Porém, tal atribuição não significava uma doutrina particular, mas uma confirmação de que tal doutrina era partilhada pelos grandes mestres do gnosticismo. Especificamente em nossa pesquisa, percebemos que ele citou Valentim, ao expor tais doutrinas, para confirmar que ele também partilhava desses mesmos ensinamentos.<sup>123</sup> Continuamos, a seguir, expondo alguns pontos conflitantes dos gnósticos em geral, tanto valentinianos como seitas derivadas da sua escola, apresentadas por Irineu.

Irineu, no livro II, retomou a sua exposição sobre os ensinamentos de Valentim e dos outros gnósticos, começando pela doutrina do Demiurgo. Segundo tal doutrina, como já observamos anteriormente, Deus não foi o criador direto do mundo. O mundo fora criado por uma espécie de Deus inferior, chamado Demiurgo, que criou tudo sem o conhecimento do Deus maior ou Protopai. Valentim e os gnósticos creem que Deus é desconhecido e, no momento em que o Demiurgo criou o mundo, não sabia da existência do mesmo. Segundo essa mentalidade, foi esse Demiurgo o Pai de todas as coisas materiais. Tal doutrina professada por Valentim e por seus seguidores era absurda para Irineu, pois, se a criação foi feita sem o conhecimento de Deus, então Deus não era de forma alguma onisciente como ensinam as Escrituras cristãs.<sup>124</sup> Também tal doutrina professada por Valentim e outros negava a vontade própria de Deus, ou seja, Deus era apenas uma divindade inerte, parada no tempo, sem nenhuma ação sobre a criação.

Deus não teve participação nenhuma na criação do mundo. Além disso, os gnósticos, na sua doutrina confusa sobre a criação, acreditavam ainda que este mundo fora criado pelos anjos. Os anjos teriam criado, segundo tal doutrina, o universo. Assim, a criação era ora atribuída ao Demiurgo, ora atribuída aos anjos.

<sup>123</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 27-29, Vol. II.

<sup>124</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 43-47, Vol. II.

Não existia uma criação feita por vontade de Deus, como já notamos. A criação foi um simples ato feito por divindades inferiores que criaram independentemente de Deus. A criação ainda foi, na visão dos valentinianos e de outros gnósticos, fruto de uma degradação que veio do vazio no Pleroma. Existia um lugar vazio no Pleroma que tinha sido ocupado por emissões de Éons vindas do Demiurgo. A criação, além de ser desconhecida por Deus e feita por outros seres ou divindades, tinha sido feita em um vazio existente no Pleroma.<sup>125</sup>

A partir dessa exposição breve sobre Valentim e os gnósticos, podemos perceber a incompatibilidade do sistema gnóstico com a fé cristã. A primeira contradição está no fato de que Deus não conhece a sua obra criadora. Segundo as Escrituras e a crença das comunidades no tempo de Irineu,<sup>126</sup> Deus é o Criador e Pai de todas as coisas. Se Deus é o Criador e Pai de tudo, seria inadmissível que ele desconhecesse a obra de suas mãos, ou seja, a criação. O universo foi criado por vontade e desejo de Deus e não por vontade de anjos ou do Demiurgo.<sup>127</sup> Se a criação, como afirmavam alguns gnósticos e Valentim, foi feita sem o conhecimento de Deus, então ele não seria mais o Deus supremo. Assim, os ensinamentos gnósticos, embora tivessem a intenção de racionalizar a doutrina da criação, acabavam, por outro lado, fantasiando e desvirtuando o ensinamento cristão sobre a criação. Deus criou livremente e por vontade própria e por meio de seu Verbo.<sup>128</sup> Assim, Deus não precisou da ajuda de ninguém para realizar a sua obra criadora. Deus criou por bondade e amor.

Em suma, o sistema gnóstico compreendia a criação da seguinte forma: o Demiurgo que foi criado pela vontade da mãe,<sup>129</sup> resolveu emitir uma série de Éons que deram origem à criação do mundo, sendo que Deus não sabia da existência da criação. Uma vez conhecendo o pensamento dos gnósticos sobre Deus e a sua ideia da criação, vamos, nos próximos itens, apresentar como os gnósticos pensaram a matéria e o ser humano.

---

<sup>125</sup> Percebemos nesta afirmação absurda dos gnósticos uma exegese forçada dos primeiros capítulos do Genesis, uma forma de explicar que a terra estava vazia e sem forma. Deus é ora confundido com o Pleroma e ora alguém superior que mora em um mundo divino chamado Pleroma. Tal morada, porém, é dividida e formada por vários deuses e seus pares.

<sup>126</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 21-23, Vol. III. Aqui Irineu apresenta a primeira versão do credo apostólico conhecida. Irineu apresenta nesse credo que Deus é Pai todo poderoso criador do céu e da terra.

<sup>127</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 37, Vol. II.

<sup>128</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 39, Vol. II.

<sup>129</sup> Princípio feminino do pleroma.

### **2.3.2 A matéria e sua compreensão por parte dos gnósticos e Valentim**

Como já vimos, para os gnósticos e também para Valentim e seus seguidores, a criação não era obra das mãos de Deus e sim do Demiurgo ou ainda de anjos, para outros grupos gnósticos. No que se refere ao Demiurgo, ele criou o cosmo e tudo que existiu. Porém, o mundo material, segundo diziam os gnósticos mais ligados à doutrina de Valentim, era fruto de uma degradação ou queda; logo, não era algo bom. Tal princípio foi emitido pela mãe sem que o Demiurgo soubesse. Princípio este chamado por eles de Acamot. A seguir, explicamos melhor essa doutrina ensinada pelos gnósticos. Do desprezo pelo material sabemos que logo em seguida vem o desprezo pela carne. Por tal motivo não acreditavam na encarnação do Verbo. Como fizemos nos itens anteriores, vamos descrever como Irineu apresentou a concepção dos gnósticos acerca da matéria.<sup>130</sup>

Segundo a descrição de Irineu, a Sofia, também chamada de Acamot, enquanto estava fora do Pleroma, ficou deixada no escuro e no vazio. Enquanto estava nessa escuridão e vazio, sofria as consequências da sua paixão.<sup>131</sup> Por tal motivo, ela não tinha forma e figura por estar fora do Pleroma. Segundo os gnósticos, sua mãe Sofia era como um aborto. O Cristo tendo tido compaixão dela, estendido sobre a cruz, deu forma à Acamot, segundo a substância e não segundo a gnose.<sup>132</sup> Assim, após ter dado a Acamot (Sofia) uma forma, abandonou-a. E qual o motivo de tal abandono? Tal abandono era para que ela sofresse por causa da paixão que sentia por ter abandonado o Pleroma. Na concepção gnóstica, o fato de a mãe ter abandonado o Pleroma era motivo de grande sofrimento para ela. Ainda, segundo os gnósticos, tal paixão ou sofrimento fazia com que Acamot desejasse coisas melhores, pois ela trazia consigo um pouco da fragrância da imortalidade que Cristo e o Espírito Santo haviam deixado.<sup>133</sup>

<sup>130</sup> Embora tal descrição por vezes seja enfadonha e repetitiva é necessária para podermos entender a soteriologia de Irineu no terceiro capítulo e a partir dela entendermos como o homem é pensado por Irineu.

<sup>131</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 63, Vol. I.

<sup>132</sup> Devemos recordar que Cristo, para os gnósticos, não passa de um Éon superior. Com relação à substância, ele quer mostrar a temporalidade de tal formação: a gnose é o conhecimento divino, ou seja, o corpo ou forma que a Sofia possui não procede do alto, do divino; tal forma ou figura procede de uma essência imperfeita.

<sup>133</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 65, Vol. I.

Percebemos, no mito gnóstico, retalhos do mundo das ideias de Platão e, a partir disso, vamos entendendo o dualismo tão extremo presente no gnosticismo.<sup>134</sup> Como podemos observar até aqui, o Éon Sofia sofreu por estar fora desse mundo ideal e perfeito, e, por tal motivo, encontrou-se no vazio. Segundo o relato de Irineu, desse “mito gnóstico das origens” Acamot (Sofia), ao perceber que havia sido esvaziada e abandonada pelo Cristo, foi à sua procura, mas foi impedida, pelo limite, de atingi-lo. Ao perceber a situação em que se encontrava, sofreu a sua paixão e caiu em grande angústia e tristeza. Pois, além de perceber que não podia chegar até a luz, percebera ainda que poderia perder a vida. Por tudo isso, sofreu a contradição e depois teve outro desejo: voltar ardentemente para aquele que lhe havia dado forma. A partir, então, dessa tristeza de Acamot, teria tido origem toda a essência da matéria.<sup>135</sup> Assim, segundo tal mito das lágrimas e tristeza de Acamot (Sofia), originaram-se todos os elementos corpóreos do mundo.

A partir disso, percebemos o desencontro mais uma vez existente entre a doutrina cristã e o gnosticismo. Além de os gnósticos negarem a criação feita por Deus e atribuírem tal obra ora ao Demiurgo ora a anjos, também não viram o universo corpóreo como obra de Deus e sim como obra de uma divindade menor e exterior ao mundo divino. A partir disso, entendemos a dificuldade dos gnósticos de lidar com a matéria e o corpo e até mesmo de aceitar que o Verbo se fizesse homem. Pois, se a matéria era fruto de tristeza e da contradição, como então o Verbo poderia assumir uma forma degradante (corpo físico e material)? Tendo visto tais ensinamentos e os compreendido, percebemos que, para os gnósticos, era realmente difícil aceitar com um olhar positivo o corpo e o mundo material. Por causa de tal recusa do material ou por tal visão pessimista do mundo, era necessária a iniciação na gnose, visto que para eles tudo isso era um grande mistério a ser ensinado e descoberto por aqueles que eram iniciados no gnosticismo.<sup>136</sup> Realmente este mundo material não poderia ser bom se o concebêssemos conforme a forma de pensar dos gnósticos. A gnose tornava-se, então, caminho de libertação deste mundo material e decaído e passava a ser caminho de volta para a divindade. Por tal motivo, só alguns homens chegariam, segundo eles, à verdade ensinada pela gnose, como veremos a seguir.

<sup>134</sup> Embora em nossos dias haja muita discussão a respeito do dualismo no Platonismo, para alguns, o dualismo que se atribui a Platão seria não dele, mas de discípulos seus.

<sup>135</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 66, Vol. I.

<sup>136</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 67, Vol. I.

Ainda queremos, nesta apresentação sobre a matéria vista e pensada pelos gnósticos, apresentar de forma particularizada a sua concepção sobre o corpo. Para Valentim, o corpo e todos os outros elementos materiais tiveram a mesma origem: Acamot e sua tristeza unida às suas lágrimas, ou seja, a sua paixão. Por tal motivo, o corpo, como todos os outros elementos materiais, não era bom. Porém, os valentinianos, ao falarem do corpo, tinham uma visão muito interessante: segundo eles, quando o Demiurgo criou o homem, ele não o criou do barro. O homem, segundo a sua concepção, foi criado de uma substância invisível e o corpo era apenas uma túnica de pele pela qual se percebia o elemento carnal pelos sentidos.<sup>137</sup> Ou seja, o corpo tinha apenas uma função perceptiva. Ele servia somente para revestir o homem de uma aparência física e nada mais. Segundo Orbe, os gnósticos tinham mais um motivo para não dar importância à criação do homem com o seu corpo, ou seja, de separarem a criação do homem e do corpo.<sup>138</sup> O motivo, segundo ele, seria uma leitura de 1 Cor 15, 50.

Neste pequeno versículo, encontramos a seguinte afirmação: a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem subir, portanto, ao paraíso. Segundo Orbe, na mentalidade gnóstica, o Demiurgo criou somente o Adão espiritual, pois ele era compatível com a vida do Paraíso. A carne, segundo Orbe, era, assim como para muitos cristãos daquela época, fruto do pecado, embora Irineu não apresentasse a carne como fruto do pecado e sim como obra da criação. A nosso ver, a visão negativa do gnosticismo fez surgir, em outras seitas derivadas de Valentim, a ideia do corpo como prisão da alma. Assim, ensinavam os oftas e os setianos e também Saturnino e Basílides.<sup>139</sup> Em especial, Saturnino e Basílides, por seu desprezo ao corpo, não podiam conceber a ideia de que Cristo assumiu um corpo humano e, muito menos, de que foi crucificado, como já vimos. Para esses dois seguidores de Valentim, a salvação era somente para a alma e não para o corpo.<sup>140</sup>

A partir de tudo que foi exposto, percebemos que, para o gnosticismo, a encarnação e a redenção eram impossíveis e desnecessárias, pois que sentido faria o corpo ser salvo se ele era ruim? E repetimos aqui outro argumento usado pela

<sup>137</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 87-89, Vol. I.

<sup>138</sup> ORBE, Antonio. *Antropología de San Ireneo*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos – BAC, 1969. p. 56.

<sup>139</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 329, Vol. II.

<sup>140</sup> Ibidem.

lógica gnóstica: como Cristo, sendo um Éon perfeito, poderia assumir uma carne material fruto de degradação? Para quê redenção (crucifixão e ressurreição) se somente alguns homens pertencentes a uma raça eleita seriam salvos? E salvos pelo conhecimento, por um caminho de ascese pessoal. Percebemos que o ponto concernente à matéria nos levou a uma série de perguntas e descobertas sobre a doutrina gnóstica. No item que se segue, vamos descobrir como os gnósticos entenderam o ser humano.

### ***2.3.3 O ser humano visto e compreendido a partir do gnosticismo***

A compreensão do ser humano dentro do gnosticismo aconteceu a partir da explicação ou ensinamento do mito gnóstico da criação. Assim como os gnósticos pensaram o corpo e a matéria de uma forma bem peculiar, o homem ou a humanidade foram pensados a partir de uma interpretação que era própria do movimento. Na visão gnóstica, como vemos a seguir, os homens não eram iguais e nem tinham o mesmo destino.<sup>141</sup> No pensamento gnóstico, a raça humana não era única, mas estava dividida em três grupos, a saber: pneumáticos, carnis e psíquicos. Ainda na visão deles, esses seres humanos diversos ou grupos da raça humana tiveram sua origem nos três elementos provindos da paixão da Mãe. Tais elementos, dentro do mito gnóstico da criação, foram: a matéria (vinda da paixão), o psíquico (vindo da conversão) e o pneumático (gerado por Acamot). Tais elementos provindos da mãe Acamot foram a origem de toda a raça humana. Sendo que, desses três elementos, somente os homens vindos do elemento criado por Acamot eram perfeitos. Nas próximas linhas, como temos feito em todo este capítulo, expomos a doutrina apresentada por Irineu e que era ensinada pelos gnósticos para, a partir do próprio Irineu, entender a reflexão gnóstica a respeito do ser humano.

Toda compreensão teológica de mundo e homem no gnosticismo veio da explicação da criação, ou das origens e ainda, como gostamos de chamar ao longo deste nosso trabalho, do “mito gnóstico da criação”. Tal “mito” ou explicação da origem do mundo era a chave dos gnósticos para entender os seus ensinamentos e porque somente um pequeno grupo de eleitos estava destinado à salvação antes mesmo do seu nascimento. Anteriormente, ao falarmos da criação e depois da

---

<sup>141</sup> Na visão de Irineu e do Cristianismo, todos os homens estão destinados à salvação e ao progresso, como explicaremos melhor no terceiro capítulo.

origem da matéria, percebemos que Valentim e os gnósticos, em geral, acreditavam que a origem de tudo que era material e carnal foi proveniente da paixão da Mãe Acamot. Segundo o “mito gnóstico” ou a explicação das origens feita pelos gnósticos, depois que Acamot sofreu várias paixões, dedicou-se à formação desses três elementos acima citados.<sup>142</sup>

Ao dedicar-se à formação de tais elementos, Acamot percebeu que não podia formar o elemento pneumático porque era da mesma substância que ele. Aqui percebemos um pouco de contradição, pois ora Irineu diz que, segundo eles, tais elementos acima citados já existiam, ora que foram formados por Acamot. E, ao mesmo tempo, Acamot não podia formar o pneumático por ser da mesma substância. É por tal contradição que algumas vezes encontramos, ao longo de *Contra as Heresias*, a ironia de Irineu com relação a tais ensinamentos.<sup>143</sup> Embora muitos em nossos dias acreditem que Irineu tenha deturpado os ensinamentos gnósticos,<sup>144</sup> acreditamos, percebendo o que se encontra no texto, que Irineu de forma alguma tenha deturpado tais ensinamentos. Irineu não escreveu apenas para entrar na história ou fazer uma obra literária, mas escreveu para responder a um problema pastoral na sua Igreja. E, além de escrever baseando-se nos relatos dos membros da sua Igreja, também consultou as obras usadas pelos gnósticos.<sup>145</sup> Pelo que foi dito no início deste parágrafo, podemos perceber quanta confusão os gnósticos deveriam provocar entre os cristãos de Lião. Além de que tais ideias estavam em total discordância do ensinamento cristão com relação à criação e ao próprio ser humano pensado pela fé cristã e por Irineu.<sup>146</sup>

Continuando a explanação feita por Irineu, a mãe Acamot, ao perceber que não podia criar os pneumáticos, criou a partir do seu movimento de conversão.<sup>147</sup> E então, a partir da substância (elemento psíquico) produzida por ela (no seu

---

<sup>142</sup> Ibidem.

<sup>143</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 69, Vol. I.

<sup>144</sup> Como já comentamos no primeiro capítulo, os partidários da Igreja gnóstica nos dias atuais.

<sup>145</sup> Nos já tratamos deste problema em páginas anteriores. Para um maior aprofundamento, indicamos as páginas de SAGNARD..., op. cit., p. 88- 91. E ainda com relação aos valentinianos, vale a pena conferir as seguintes páginas da mesma obra: p. 94-98. Este autor dedica um capítulo inteiro de sua obra às fontes bibliográficas usadas por Irineu para escrever sua obra, bem como a autenticidade das mesmas e a honestidade de Irineu.

<sup>146</sup> Nos livros IV e V de sua obra, Irineu, ao desenvolver sua reflexão teológica sobre a doutrina da salvação do homem, apresenta uma visão antropológica fascinante do ser humano. Em Irineu, a salvação e a humanização andam juntas. No próximo capítulo deste trabalho, refletiremos sobre a beleza dessa visão.

<sup>147</sup> O movimento de conversão seria a tentativa de volta ao Pleroma feito por Acamot. Segundo os ensinamentos gnósticos, foi desse movimento de conversão que as almas foram geradas.

movimento de conversão), formou o Demiurgo, ou o deus que é pai de todos os que lhe são consubstanciais, os psíquicos que também eram chamados de direita. Depois, a Mãe Acamot formou aqueles que derivavam da paixão da matéria que chamam de esquerda. Percebemos, pelo relato acima, que no gnosticismo não existia um homem criado diretamente por Deus como no Antigo Testamento, mas o ser humano era formado pelo Demiurgo. Como já percebemos em itens anteriores, a criação, a matéria e o homem não eram obra direta de Deus. Os gnósticos, em geral, acreditavam que tudo que existe neste mundo visível foi obra desse Demiurgo, ou ainda, segundo Marcião, obra de anjos. Percebemos aqui outra incompatibilidade com o dado bíblico. Podemos nos perguntar, a partir do próprio relato que nos é apresentado por Irineu: se o pneumático não foi criado por Acamot, qual então a sua origem?

Segundo os ensinamentos gnósticos, a mãe Acamot secretamente depositou no Demiurgo as sementes para que, por ele, fosse gerado tal elemento. O mesmo relato diz que, assim como o Demiurgo ignorou a presença da geração da mãe, ele não percebeu o que a mãe havia semeado no interior do seu sopro: o homem pneumático, por meio de um poder e providência inexprimíveis.<sup>148</sup> Como percebemos, o próprio deus que criou o mundo material desconhecia a mãe. O Deus em que os gnósticos afirmavam crer dividiu-se em várias divindades, que não tinham conhecimento da ação das outras divindades no seu próprio ser. Poderíamos afirmar, a partir disso, que os gnósticos acreditavam em um deus dividido e, ao mesmo tempo, com um princípio masculino e feminino. Não era difícil para eles, então, acreditar em uma humanidade dividida em três raças distintas, provindas da ação de um Ser Divino que, no seu interior, encontrava-se dividido. Os gnósticos acreditavam, assim, na existência de uma raça eleita, ou de uma Igreja verdadeira. O homem que fazia parte dessa raça era alguém que recebeu a alma do Demiurgo, o corpo do barro, a carne da matéria, o homem pneumático da mãe Acamot.<sup>149</sup> Esse homem pneumático era o homem perfeito que foi criado, poderíamos assim o afirmar, para a salvação antes da sua existência, segundo o ensinamento gnóstico.

Percebemos, então, que aí o gnosticismo começou a se pensar como uma religião salvadora, ou caminho de conhecimento salvífico. Foi por meio do conhecimento dos mistérios propostos pela gnose que o homem pneumático podia

<sup>148</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p.89, Vol. I.

<sup>149</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 91, Vol. I.



recordar que tem o elemento pneumático em si. A gnose se mostrou como um caminho de salvação diferente do cristianismo e ao mesmo tempo uma filosofia religiosa única no seu tempo. A gnose, a partir da sua compreensão de Deus, se propôs como um caminho de conhecimento salvífico.<sup>150</sup> Eles acreditavam que, a partir do conhecimento que possuíam de Deus, os homens pneumáticos, ao descobrirem a sua origem, tomariam esse caminho de volta ao Pleroma. Segundo seus ensinamentos, a consumação deste mundo e destas realidades só aconteceria após os mistérios gnósticos serem conhecidos por todos os pneumáticos.<sup>151</sup> Na visão dos gnósticos, eles possuíam o conhecimento perfeito de Deus e eles eram aqueles que foram iniciados nos mistérios da Acamot. Logo, os gnósticos acreditavam serem os homens pneumáticos.

Os gnósticos viam os homens psíquicos como aqueles que estavam ligados à Igreja. Segundo os seus ensinamentos, os psíquicos eram instruídos em ensinamentos psíquicos e não divinos como eles, ou seja, em ensinamentos comuns. Os membros da Igreja, para serem salvos, precisavam praticar as boas obras, enquanto que os gnósticos, ao contrário dos membros da Igreja, já se encontravam salvos, pois eram pneumáticos, devido à natureza que possuíam.<sup>152</sup> Tal opinião acerca de si mesmo, além de pretenciosa, era atraente para um mundo herdeiro de heróis míticos. Os homens que enveredavam pela gnose iam por ela porque acreditavam ser uma raça eleita e escolhida pelos céus. Como sabemos o mundo religioso grego, nos primeiros séculos do cristianismo, encontrava-se em crise. O gnosticismo, ao racionalizar esses mitos religiosos e misturá-los com as religiões vindas do Oriente e ainda com a doutrina cristã e judaica, tornava-se uma proposta atraente.

Embora não seja o objetivo do nosso trabalho estudar a fundo o gnosticismo, não podemos deixar de ficar impressionados com o crescimento dessa crença no mundo antigo e de levantar algumas hipóteses sobre a sua expansão. Embora o mundo grego fosse profundamente religioso, como já citamos, ele encontrava-se em crise. Devido ao racionalismo filosófico, algumas práticas religiosas eram inaceitáveis para os membros da classe pensante. Ao mesmo tempo, as religiões de mistério, vindas do Oriente com os seus segredos (Pérsia e Egito), atraíam muitos

---

<sup>150</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 29, Vol. I.

<sup>151</sup> *Ibidem*.

<sup>152</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 93, Vol. II.

homens desejosos e sedentos da verdade. Também a vida dos primeiros cristãos parecia chamar a atenção de muitos.<sup>153</sup> Uma religião que juntava todas essas propostas e que ainda considerava seus membros como homens superiores aos demais parecia alimentar o gosto de muita gente. O gnosticismo era ainda uma religião que, além de juntar todos esses elementos religiosos, era racional. O cristianismo, com sua fé simples e os seus membros recrutados entre as classes mais pobres do mundo greco-romano, não era muito bem visto e aceito pelos cidadãos do Império com uma mentalidade profundamente hierárquica e racional. Uma religião que oferecesse um caminho que tornasse seus integrantes superiores aos demais e, ao mesmo tempo, fosse bem construída racionalmente se propagaria nesse mundo de então. O cristianismo, porém, acreditava na igualdade de todos os homens e rejeitava os cultos religiosos tradicionais de então.

Os homens pneumáticos, ao acreditarem na sua natureza incorruptível, não viam possibilidade nenhuma de degradação neles.<sup>154</sup> Por isso, como testemunhou Irineu, os gnósticos, diferentemente dos cristãos, praticavam todas as obras proibidas pelas Escrituras.<sup>155</sup> À medida que avançamos, percebemos o quanto os gnósticos se afastavam do ensinamento cristão e do testemunho que os cristãos davam da sua fé. Por tal razão, os gnósticos deviam ter provocado confusão no interior da Igreja e naqueles que conheciam o cristianismo apenas exteriormente. Com relação à terceira raça de homens que os gnósticos acreditavam existir, os chamados carnisais ou terrenos, estes eram, em sua opinião, todos aqueles que se entregavam aos prazeres deste mundo. Na visão do gnosticismo, esses homens eram fruto da degradação.

Os homens carnisais ou terrenos foram homens como Caim e Abel e, na opinião dos gnósticos, tinham como fim a condenação ou corrupção.<sup>156</sup> Ou seja, os homens pertencentes a essa raça não tinham chance alguma de salvação ou progresso, enquanto o homem psíquico, se escolhesse um caminho que fosse melhor, acabaria de volta ao Pleroma, transformando-se em um elemento intermediário. Porém, se escolhesse o caminho pior, acabaria como os homens

---

<sup>153</sup> Basta conferir a carta a Diogneto que é uma informação sobre o modo de vida dos cristãos de então. Esta obra já foi citada por nós no primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>154</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 95, Vol. I.

<sup>155</sup> IBDEM.

<sup>156</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 111, Vol. I.

terrenos.<sup>157</sup> Percebemos que ainda existia uma chance de salvação para os psíquicos. No entanto, aqueles que eram chamados de terrenos não tinham nenhuma chance de salvação. Tal afirmação entrava em confronto direto com o anúncio cristão. Os cristãos acreditavam nessa salvação para todos os homens e não na salvação para um grupo escolhido, e nem tampouco viam os homens como nascidos para condenação eterna, e sim apontavam Cristo como caminho de salvação para todos os seres humanos. Percebemos o escândalo que o gnosticismo por si só se constituía para as comunidades cristãs de então. Cristo, segundo a fé professada pelos cristãos, se fez carne para ressuscitar toda a carne e todo o gênero humano, ou seja, para salvar todos os homens.<sup>158</sup> Essa era a fé da Igreja antiga, professada pela comunidade da qual Irineu era bispo e professada por toda a Igreja espalhada pelo mundo antigo.<sup>159</sup> Era impensável para os cristãos uma fé que fosse diferente.

Por que então uma fé divergente por parte dos gnósticos? Simplesmente porque, além da tentativa de racionalizar a fé cristã, os gnósticos baseavam sua crença e seu modo de ler e interpretar as Escrituras nos mitos gregos e orientais (Egito e Pérsia). Os gnósticos não seguiam o modo de ler as Escrituras como a Igreja cristã da época lia e interpretava as mesmas. O gnosticismo colocava-se ao lado do cristianismo como sendo portador dos verdadeiros ensinamentos de Jesus e de uma verdade que Jesus havia revelado apenas a alguns e não a todos os homens. Tal verdade, como afirmamos anteriormente, foi escondida da Igreja e dos demais cristãos. O gnosticismo pensava e concebia a si mesmo como sendo esse caminho autêntico para se chegar à verdade escondida e revelada desde o início dos séculos. Eram eles os portadores de tal verdade, pois não traziam em si a semente da corrupção, mas as sementes de Acamot.

É nas origens do mundo, na saída da Mãe Acamot<sup>160</sup> do Pleroma, da sua paixão em querer voltar para o Pai e da sua semente jogada no Demiurgo que podemos compreender a ideia que os seus membros tinham acerca de si mesmos.

---

<sup>157</sup> IBDEM.

<sup>158</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 157, Vol. I.

<sup>159</sup> Ibidem.

<sup>160</sup> Para entender a Mãe gnóstica em particular Acamot ou Sofia recomendamos as páginas da seguinte obra: Pétrement..., op. cit., p. 127- 136. A nosso ver Pétremente é a melhor fonte histórica para compreender o gnosticismo, pois ela ao escrever a respeito do movimento, escreve com muita imparcialidade e ao mesmo tempo apresenta com clareza o que diz respeito ao gnosticismo e é muito honesta na apresentação do seu trabalho procurando apresentar aquilo que os gnósticos acreditam sem tomar partido.

Os pneumáticos eram aqueles que estavam destinados à perfeição. E por que tal destinação? Simplesmente porque as almas dos pneumáticos geradas pelo Demiurgo traziam a semente de Acamot.<sup>161</sup> Tais almas, desde sua geração, eram perfeitas. Elas, que estavam neste mundo presas ao corpo, deveriam apenas descobrir o caminho da gnose para retomarem a consciência da sua origem e voltarem para junto da mãe Acamot. A retomada de tal caminho consistia no conhecimento dessas verdades esquecidas no início de tudo. Por isso, a salvação era um conhecimento salvífico. E tal caminho podia ser retomado pelos psíquicos. Embora não fossem perfeitos, estes podiam atingir o meio termo ou o intermediário, enquanto os considerados terrenos se corromperiam, acabando na morte eterna. Por tantas coisas ditas acima, percebemos que, por mais que o gnosticismo parecesse um caminho de crescimento para o homem, ele era um caminho apenas para alguns, pois o seu conhecimento salvífico era destinado somente àqueles que tinham a semente de Acamot. Mesmo os chamados psíquicos não chegavam à perfeição como os pneumáticos, pois viviam apenas em um estado de mediação.

Acreditamos que a visão gnóstica do ser humano é bastante pessimista, embora ela se apresente como racional. Na fé cristã, todos os homens serão salvos pela encarnação do Verbo, sua vida, paixão e ressurreição. O homem não é fruto de um acidente, de um pedaço da divindade, mas é uma obra de amor pensada desde a origem do mundo. Por que não dizer uma obra de mãos de artista? Se o homem se afastou disso, foi porque estava em estado de infantilidade.<sup>162</sup> Porém, o Verbo tomou a nossa condição humana para elevar toda a humanidade a esse estado de “perfeição”, para a qual todos os homens, enquanto peregrinos deste mundo, caminham. Em Irineu, o progresso humano não era apenas para alguns, mas para todos os homens. No cristianismo, não existe uma raça perfeita destinada à salvação e outra à condenação. No seu seio, todos os homens têm a salvação garantida, pois o Verbo se fez homem para nos salvar e nos ensinar a viver conforme o projeto do Pai.

Deus criou tudo por amor e não está dividido em várias partículas divinas, Ele criou por meio de seu Filho e do Espírito, por um ato de amor imenso. Também não delegou a um deus inferior ou a anjos a tarefa de criar, mas criou diretamente, por

---

<sup>161</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 107, Vol. I.

<sup>162</sup> No próximo capítulo, veremos a ideia de Irineu a respeito da queda dos primeiros pais e do papel da encarnação do Verbo para a plenitude de toda a humanidade.

meio de suas duas mãos, o mundo inteiro.<sup>163</sup> Da mesma forma, o Verbo não tomou apenas aparência de carne e habitou temporariamente em um homem chamado Jesus. O Verbo em Jesus de Nazaré encarnou-se assumindo em si duas naturezas: humana e divina. E o motivo de tudo isso foi o desejo apaixonado que Deus tem de que todo o mundo e a humanidade voltem à vivência do projeto original que Ele sonhou desde o princípio dos tempos para todos. Por causa dessa visão a respeito do ser humano, presente no cristianismo, o gnosticismo se tornou incompatível com a fé cristã, por mais que ele fosse uma tentativa fantástica de racionalizar e até mesmo inculturar a fé cristã no mundo grego.<sup>164</sup> Porém, tal tentativa afastava a fé de sua pureza original e da beleza desse projeto salvífico, do qual o cristianismo, pela sua fé, tornou-se portador.

A teologia gnóstica, ao racionalizar a fé cristã e ao tentar inculturá-la no mundo grego, acabou por fugir do ideal cristão e começou a levantar certos voos que, a nosso ver, são perigosos. Pois a fé cristã não vive de devaneios intelectuais, mas a partir de uma proposta histórica feita e vivida por uma pessoa concreta chamada Jesus de Nazaré. Tal pessoa é, para os cristãos, o Filho de Deus feito homem, não apenas aparência ou o filho de uma segunda ou terceira divindade, mas sim Filho de Deus. Também não é filho de Deus adotado e sim filho legítimo. E tal filho veio para salvar o mundo com toda a humanidade que nele habita. Esse mesmo filho de Deus, além de assumir a condição humana, viveu no meio dos homens, por amor se entregou a eles e foi pelo Pai ressuscitado para testemunhar aos homens que, por sua ressurreição, todos os homens serão salvos da condenação eterna. A ressurreição de Jesus é o ápice do progresso humano. Jesus ressuscitado é o modelo do fim para o qual todos os homens um dia chegarão.

Por tudo isso que afirmamos acima, percebemos que o Cristianismo tem uma proposta inegociável e da qual não pode se afastar na sua pregação: a salvação de todos os homens sem exceção. Por tal motivo, percebemos e afirmamos mais uma vez que a visão de mundo, de Deus, da criação e do homem no gnosticismo, por mais bem racionalizada e inculturada que seja, está completamente incompatível com a fé cristã e sua proposta para o homem. O gnosticismo, como muitas teologias

---

<sup>163</sup> Essa expressão usada por Irineu mostra a presença do Verbo na criação desde o começo do mundo. O Pai cria por meio do Verbo e do Espírito. O mesmo Verbo que se encarna é o mesmo que estava presente no mundo desde a sua criação.

<sup>164</sup> Sabemos muito bem que o mundo gnóstico tem elementos positivos, um deles é essa tentativa de inculturação do pensamento cristão e essa racionalização da fé.

de hoje, é uma tentativa, sem dúvida, de resolução ou até mesmo de diálogo com alguns problemas suscitados pelo anúncio cristão. Porém, ao tentar responder tais problemas, acaba gerando outros, pois se afasta do núcleo central da fé cristã e de tudo aquilo que é anunciado pelas Escrituras e pelas primeiras comunidades cristãs. Por isso, o gnosticismo talvez nos seja um lembrete de que certas divagações teológicas a respeito do mistério, por vezes, não contribuem muito para o crescimento e o avanço da fé cristã. No próximo capítulo, vemos como Irineu pensou o ser humano ao desenvolver a sua doutrina teológica a respeito da salvação. E também como ele, por meio do seu pensamento teológico baseado nas Escrituras e na Tradição da Igreja, respondeu aos problemas suscitados pelo gnosticismo.

## CAPÍTULO III

### **3 UMA VISÃO OTIMISTA DO HOMEM E DO MUNDO: A SOTERIOLOGIA E A ANTROPOLOGIA IRINEANA**

Neste item, expomos a doutrina da salvação apresentada por Irineu e dentro dela os elementos antropológicos desenvolvidos por ele dentro da sua reflexão. Sabemos que Irineu, ao apresentar a sua doutrina da salvação, desejou responder às questões levantadas pelos gnósticos apresentadas por ele nos livros I e II da sua obra. Irineu, ao responder os questionamentos feitos pelos gnósticos nos livros IV e V, desenvolveu uma doutrina da salvação baseada no testemunho das Escrituras. Tal doutrina foi desenvolvida tendo em vista a história da salvação. Foi percorrendo a história da salvação que Irineu demonstrou a razão da encarnação do Verbo e da sua presença no seio do Pai desde o começo do mundo. Ao mesmo tempo, Irineu mostrou a importância do ser humano e a sua vocação real no plano da Salvação. Irineu desenvolveu, assim, o que chamaríamos hoje de uma antropologia teológica na sua obra. O homem e mesmo toda a Criação foram criados por Deus para um fim específico e não por uma divisão da divindade ou queda da mesma. A criação e o ser humano foram criados por Deus com vistas a um fim maior, a Glória de Deus. A seguir, vemos como Irineu desenvolveu tal doutrina.

#### **3.1 Deus autor do homem e da matéria**

No presente item, apresentamos a ideia de Irineu acerca da criação e como ele desenvolveu a sua doutrina teológica sobre a mesma. A partir da sua reflexão teológica, percebemos a riqueza com que Irineu pensou o ser humano. O ser humano, nessa doutrina, ganhou um destaque todo especial, pois ele é portador de uma vocação única na história, como também o mundo material é um lugar bom e desejado por Deus. E ainda acompanhamos Irineu na sua reflexão sobre o papel do Filho (Verbo) e do Espírito na obra da criação.

##### **3.1.1 O homem e a matéria, obra criadora de Deus**

Vamos agora refletir sobre a visão de Irineu a respeito da criação do homem e do mundo, e perceber como Irineu desenvolveu a doutrina da criação e a importância da mesma e de tudo que existe no plano de amor de Deus para os homens. Apresentamos ainda a visão positiva de Irineu acerca da carne e da matéria. Diferente do gnosticismo e dos seus ensinamentos, a criação para Irineu não foi fruto de uma confusão ou acidentes divinos. Ela foi, antes de tudo, um ato livre do amor de Deus.<sup>165</sup> Deus não criou porque precisa criar ou tem necessidade desse ato, e nem por uma divisão interna ou briga com uma divindade saída dele. Ele criou unicamente porque é livre e ama.<sup>166</sup> Irineu lembrou que, desde o começo do mundo, ou mais especificamente, desde sempre, Deus vivia uma relação intensa de amor. Tal relação se dava na intimidade dele com o seu Verbo e do seu Verbo com ele. O Verbo glorificava o Pai e o Pai glorificava o Verbo. Assim, não existia nem uma carência em Deus ou algo que lhe motivasse a fazer alguma coisa para preencher essa carência. Vale lembrar de relance que, no mundo pagão, os homens e as coisas criadas eram feitas pelos deuses para preencher alguma lacuna sua ou era fruto de alguma confusão. Nas Escrituras judaico-cristãs, Deus cria livremente. Por isso, Deus não precisa do serviço dos homens ou do serviço de qualquer outra criatura.<sup>167</sup>

Também nesse seu ensinamento sobre a criação, Irineu demonstrou que, além da total gratuidade de Deus ao criar, Ele já destinou o homem à salvação. O que muito nos lembra os axiomas teológicos modernos: Deus cria salvando e salva criando. Em sua bondade, Deus já concedeu ao ser humano a vida e a incorruptibilidade.<sup>168</sup> Assim, segundo o pensamento de Irineu, se em algum momento Deus chamou o homem ao seu serviço, não foi porque precisava dele ou quisesse escravizá-lo, mas o chamou a seu serviço porque deseja que o ser humano participe de sua glória. O homem encontra, dessa forma, nos ensinamentos do bispo de Lião e da própria fé cristã, um destino glorioso, a saber: sua salvação. Salvação essa que começa no hoje da criação e culmina no grande escaton.<sup>169</sup> Uma vez entendendo que, em Irineu, a criação é um grande dom de Deus e do seu amor, vamos agora, a partir de Irineu, perceber como Deus criou o homem e a matéria.

<sup>165</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 539, Vol. IV.

<sup>166</sup> SESBOUÉ, Bernard. *Tout Récapituler Dans Le Christ – Crhistologie et Sotériologie d'Irénée de Lyon*. Desclée: Paris, 2000 . p. 84.

<sup>167</sup> Ibidem

<sup>168</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op . cit., p. 541, Vol. IV.

<sup>169</sup> Nos próximos itens aprofundaremos melhor a doutrina da salvação apresentada por Irineu.



A obra da criação, além de ser gratuidade de Deus, foi obra direta dele; Deus não criou através de anjos ou de outra divindade. Deus é o único criador de tudo. E a própria criação aponta aquele que é o seu criador.<sup>170</sup> Então, percebemos que não existe na criação nada que seja degradante ou ruim; sendo assim, a matéria e tudo que forma este mundo é bom e convida o ser humano ao louvor de Deus. Deus não precisa do reconhecimento do homem, e não criou por obrigação, mas gratuitamente; porém o homem é convidado ao seu plano de amor. Deus sempre deseja beneficiar ao homem dando-lhe em tudo o bem e chamando-o ao progresso no caminho da salvação.<sup>171</sup> Por isso mesmo é Deus quem plasma o homem com suas próprias mãos e faz isso unicamente porque deseja que o homem participe dos seus benefícios. A obra da criação e o homem são a grande prova da soberania de Deus sobre tudo que existe e a sua autoria.

Deus, ao criar o universo, o fez como quem compõe uma sinfonia, uma verdadeira obra de arte, e deu forma e vida a tudo que existe para que tudo o aponte como criador.<sup>172</sup> Deus criou do nada. Isso significa que, antes de tudo que existe, Deus já estava presente. E se Deus já estava presente, tudo que há foi feito por suas mãos.<sup>173</sup> Foi ele quem criou tudo o que existe, tanto nas águas como na terra e no ar, e quem modelou o universo com o seu amor. Portanto, Deus é o autor desse mundo e o governa, e a humanidade e tudo que faz parte da sua obra criadora devem voltar para ele.

Como observamos no capítulo anterior, a matéria era vista pelos gnósticos como algo negativo. A matéria era fruto da degradação de Acamot. Irineu, seguindo a tradição judaico-cristã, baseando-se no livro do *Gênesis*, demonstrou que nada existia antes do ato criador de Deus. Logo, a matéria é obra das mãos de Deus, foi ele quem a criou.<sup>174</sup> A matéria, assim como o homem, decorreu de um ato livre da vontade de Deus. Nesse argumento usado por Irineu, a matéria e o mundo físico foram vistos como algo positivo. Na sua reflexão sobre a origem do mundo, Irineu lançou a seguinte pergunta: se Deus é o criador do mundo e da matéria, onde ele foi buscar o modelo para a sua obra? Tal pergunta, embora pareça insensata aos nossos ouvidos, era comumente usada pelos mestres gnósticos para causar

---

<sup>170</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p.268, Vol. II.

<sup>171</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 501, Vol. IV.

<sup>172</sup> SINGLES, op. cit., p. 28.

<sup>173</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p.89, Vol. II.

<sup>174</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 91, Vol. II.

confusão entre os cristãos, sobretudo entre os mais piedosos. Os mestres da gnose costumavam usar argumentos e questionamentos, como o acima citado, como um meio de dar plausibilidade e racionalidade ao seu discurso. Para Irineu, tal argumento não tinha razão de ser, pois não estava baseado na Escritura, mas em especulações puramente humanas.

Frente a tais especulações, Irineu se voltava para as Escrituras e a Tradição, visto que elas eram a fonte do seu método teológico e o fundamento da fé e do ensinamento cristão. Irineu respondeu o argumento acima de forma simples, afirmando que Deus não precisava de nenhum modelo fora dele ou de uma divindade inferior. Deus retirou dele mesmo o modelo e a forma de todas as coisas por ele criadas.<sup>175</sup> Embora tal resposta parecesse simplória, Irineu fundamentou-a na Escritura e Tradição cristãs, e, ao mesmo tempo, desejou demonstrar com elas a liberdade de Deus ao criar e a sua superioridade frente ao universo e a tudo que nele existe. Os gnósticos, com intuito de mostrar a sua superioridade intelectual frente aos cristãos mais piedosos, lançavam mão de outros argumentos do tipo: o que Deus fazia antes da criação? Ao que Irineu respondeu, em sua obra, com a mesma simplicidade do primeiro argumento: a resposta de tal pergunta está em Deus mesmo.<sup>176</sup> Para Irineu, tais argumentos não tinham razão de ser; o importante na sua doutrina da criação era percebê-la como um grande dom do amor de Deus.

Como dizíamos, para Irineu o homem devia olhar para a grande sinfonia que é a criação, e diante dela louvar e glorificar seu artista.<sup>177</sup> Diante dos questionamentos feitos pelos gnósticos, não pensemos que Irineu era um fanático religioso, que era contra qualquer tipo de questionamento à fé ou uso da razão para a sua compreensão. Muito pelo contrário, a prova se encontra na alusão feita à sinfonia para se entender a criação. Na alusão à sinfonia, Irineu dizia que, aqueles que a escutam, deviam admirar os vários sons provenientes dela e, ao fazer isso, deviam tentar perceber qual a ideia que tais sons transmitem e quem lhes motivava. A partir disso, podemos concluir que Irineu não era contrário ao uso da razão para compreender melhor a fé, uma vez que os gnósticos pareciam usá-la para explicar as suas teorias. O que Irineu defendia era a superioridade do autor da obra da criação, como ensinam as Escrituras e a fé cristã. Tal ensinamento vai contra as

---

<sup>175</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op . cit., p. 155, Vol. II.

<sup>176</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op . cit., p. 255, Vol. II.

<sup>177</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op . cit., p.253, Vol. II.

especulações racionalistas e filosóficas dos gnósticos; era contra essas especulações que Irineu colocava-se em dissidência com os gnósticos. Não por questionarem alguma coisa ou tentarem racionalizar a doutrina da criação, e sim por fugirem do que a Escritura e a Tradição cristã ensinaram.

O que Irineu ainda desejava era chamar a atenção dos gnósticos para a verdade do Deus criador, ou seja, que a criação tem um único autor, que é Deus. Porém, para os gnósticos, com suas especulações diversas, que fugiam totalmente da compreensão da criação, cujo relato está contido nas Escrituras Cristãs, não existia clareza a respeito do autor da criação. Aqui estava o erro dos movimentos gnósticos: eles preferiam suas especulações racionais à verdade contida na regra da fé das primeiras comunidades. Dessa forma, criavam uma doutrina a respeito da criação totalmente estranha à fé cristã; assim, acabavam por compreender a criação como as religiões pagãs de seu tempo entendiam. Negavam, então, a onipotência de Deus e reduziam o seu projeto salvífico a uma mera compreensão especulativa.

Na doutrina da criação de Irineu, o homem ganhou um destaque todo especial. É verdade que o autor do homem é o mesmo autor de todas as criaturas. Porém, o homem é a única criatura dotada de inteligência para reconhecer a grandeza da criação e, ao mesmo tempo, a única das criaturas vivas que é convidada a participar de maneira toda especial do desígnio salvador de Deus. Podemos, assim, afirmar que, na doutrina de Irineu, o homem era o centro da criação, ou seja, entre todas as obras saídas das mãos de Deus, o homem era aquela que ganhava destaque. Todas as criaturas foram criadas por Deus. O homem, no entanto, era a única a participar da sua glória e, ainda mais, a única criatura que foi feita à imagem e semelhança de Deus. O próprio Deus plasmou o homem à sua imagem e semelhança, modelando-o.<sup>178</sup> Como afirmamos anteriormente, o homem e as outras criaturas tiveram sua origem no mesmo autor, mas o homem é a única criatura que foi convidada a progredir. As outras criaturas não foram chamadas ao progresso, porém o homem foi convidado a progredir até chegar à participação na glória de Deus.<sup>179</sup>

Dessa forma, percebemos que, no pensar de Irineu, o homem não estava destinado simplesmente a uma existência sem sentido e a um fim em si mesmo.

---

<sup>178</sup> ORBE, op. cit., p. 21.

<sup>179</sup> No final do nosso trabalho em que vamos falar da vocação escatológica do homem explicaremos melhor essa participação da glória de Deus

Essa condição de progresso indicava a especificidade da existência humana. O homem não é uma espécie chamada a um estado estático, mas é sempre convidada a uma evolução. Por isso, na opinião de alguns estudiosos de Irineu, o homem, nesse progresso, não somente deve transformar-se a si mesmo, como deve ultrapassar o seu próprio ser.<sup>180</sup> As outras espécies, que foram criadas por Deus e são fruto da sua bondade e amor, serão sempre o que foram desde o começo da criação, o homem não; ele deve ir além do seu estado original. Assim, Deus não modelou o homem para fins egoístas ou porque precisava de seus serviços, mas o modelou porque o quis destinar para participar de seus dons, como já havíamos afirmado.<sup>181</sup> Aqui percebemos a diferença radical existente entre o cristianismo e o gnosticismo acerca da compreensão do ser humano. No gnosticismo, apenas um grupo de homens eleitos (os espirituais)<sup>182</sup> tinha direito à salvação. No pensamento de Irineu, todos os homens tinham direito a essa salvação. Toda a humanidade estava, assim, destinada a algo maravilhoso, que é a participação da glória de Deus.

O homem é, em Irineu, a única criatura que traz essa marca, ou seja, ele é imagem e semelhança de Deus. Deus, quando criou, imprimiu esta marca no ser humano: a Sua imagem. No pensamento dos primeiros Pais da Igreja, havia uma interpretação bem peculiar dos dois relatos criacionais contidos em Gênesis (Gn 1 e Gn 2). Para alguns Pais da Igreja,<sup>183</sup> os relatos criacionais contidos nas Escrituras Sagradas eram entendidos como dois momentos distintos da criação, ou mesmo duas criações diferentes. Para eles, o primeiro relato do livro do *Gênesis* diz respeito a um primeiro momento da criação, em que foi criada somente a alma humana e, em um segundo momento, em que foi criado o ser humano corpóreo.<sup>184</sup> Irineu não se perdeu em especulações teológicas e, para ele, foi Deus quem criou o homem. Os dois relatos do livro das origens diziam respeito à única e mesma criação. Sendo

---

<sup>180</sup> SINGLES, op. cit., p. 35.

<sup>181</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 543, Vol. IV.

<sup>182</sup> Tais homens eleitos eram aqueles que haviam aderido aos ensinamentos dos gnósticos e suas seitas e os compreendido. Os outros grupos como: os psíquicos e carnis não estavam destinados a salvação. Embora os psíquicos ainda pudessem se salvar eles participavam de uma espécie de céu gnóstico inferior. Nas páginas 63 e 64 do nosso trabalho explicamos melhor a ideia das três raças sustentada pelo gnosticismo.

<sup>183</sup> Alguns destes pais são: Hilário, Ambrosio estes herdaram tais ideias de Orígenes.

<sup>184</sup> Não é nosso objetivo neste trabalho discutir o problema das duas criações nos Pais da Igreja. Apenas mencionamos este problema para mostrar a diferença entre o pensamento de Irineu e dos outros padres latinos e Orígenes. Para um maior aprofundamento desse problema, a quem interessar, recomendamos as seguintes páginas da obra de Orbe: a Antropologia de Santo Irineu p. 8-24

que, nessa única e mesma criação, Deus criou o ser humano dando-lhe um destino e, ao mesmo tempo, origem única.

Para Irineu, Deus criou o homem à sua imagem, tendo como fim a encarnação do Verbo. Assim, o ser humano nada menos é do que a imagem que o Verbo quis para si desde o começo.<sup>185</sup> Por isso, essa marca de Deus é indelével e nada pode tirá-la do ser humano. No dizer de Singles, uma das grandes estudiosas do pensamento de Irineu, essa imagem é a marca de Deus na carne do ser humano. Deus marcou para sempre a carne do homem.<sup>186</sup> Nem mesmo o pecado tirou do homem essa marca única de Deus em seu corpo. O homem poderia até chegar a perder a semelhança com Deus, porém jamais a imagem. Então o que seria esta semelhança? A semelhança seria o estado de perfeição desejado por Deus para o homem, desde o começo da criação. O homem, por infantilidade, perdeu esse estado ao cair no pecado e o Verbo, com a sua encarnação, devolveu ao homem tal estado. Foi essa semelhança devolvida ao homem pelo Verbo feito carne que deu à imagem de Deus impressa no ser humano o dinamismo necessário para que o homem fosse recapitulado por meio desse mesmo Verbo.

A partir de nossa exposição sobre a doutrina da criação, pode-se concluir que o mundo criado por Deus é bom. Sendo bom o mundo criado por Deus, percebemos que os ensinamentos gnósticos sobre o mundo e a carne eram completamente contrários à doutrina cristã ensinada por Irineu. O mundo, como já afirmamos, não foi feito por anjos ou por uma divindade inferior a Deus, tampouco foi criado porque Deus desejava obrigar o homem ao seu serviço. O mundo é obra das mãos de Deus (o Filho e o Espírito)<sup>187</sup> e fruto do seu amor. O mundo não é uma prisão e nem algo degradante, mas uma grande sinfonia feita por Deus. Esse mesmo mundo avança para a consumação, ou melhor, transformação. Ele caminha para ser transformado nos últimos tempos pelo Verbo, que um dia se encarnou e que voltará pela segunda vez, para inaugurar o Reino de Deus sobre a terra.<sup>188</sup> Por meio da encarnação do Verbo, Deus colaborou para o crescimento do mundo e do homem.

A Criação é esta sinfonia, dom do amor de Deus para todos nós que participamos dessa obra das mãos de Deus e somos também obra de arte das suas mãos. Para nós, a alusão que Irineu faz da criação de Deus como sinfonia é a

<sup>185</sup> ORBE, op. cit., p. 117.

<sup>186</sup> SINGLES..., op. cit., p. 31.

<sup>187</sup> No item seguinte aprofundaremos o tema da ação do Verbo e do Espírito na criação

<sup>188</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op .cit., p. 443 – 445, Vol. V.

melhor descrição da obra da criação. De fato, se o ser humano cristão voltasse os olhos para o mundo criado e tudo o que nele existe, perceberia tudo isso como uma grande obra de arte. Também a maneira como o ser humano avança, cria, renova e transforma todas as coisas nesse mundo é o sinal claro da liberdade que Deus, na criação, deu ao homem de colaborar com Ele no seu projeto salvador. Ao longo do nosso trabalho, aprofundamos mais esse papel do homem na obra criadora de Deus. No próximo ponto deste nosso capítulo, vamos aprofundar a participação do Filho e do Espírito na criação do mundo, pois são eles as duas mãos do Pai na criação.

### **3.1.2 As duas mãos do Pai na criação: o Verbo e o Espírito**

Esta é uma das páginas mais belas de Santo Irineu: a criação por parte do Pai com o Filho e o Espírito Santo. É verdade que Irineu não usou a palavra “Trindade” para designar o dinamismo das três pessoas em Deus. Irineu usou várias fórmulas ternárias e binárias<sup>189</sup> para descrever a ação salvífica das três pessoas divinas; portanto, Irineu professou a fé nas três pessoas divinas. Ao mesmo tempo, não estava muito preocupado com os problemas que essas fórmulas trariam posteriormente e nem tampouco com a curiosidade gnóstica. Irineu também não entrou na discussão da geração do Verbo, ou seja, a respeito do momento exato em que Deus o gerou. Irineu procurou responder a tais especulações com a mesma simplicidade de sempre. Para Irineu, o Verbo sempre existiu juntamente com o Pai, assim como é identificado com o *logos*, e o Espírito, com a sabedoria. Na obra de Irineu, a criação era uma ação trinitária. Como o próprio Irineu descreveu no livro IV de sua obra *Contra as Heresias*:

Assim, Deus é superior a tudo e todos, porque só ele é incriado, só ele é anterior a tudo, só ele é causa do ser para todas as coisas. E todas as coisas são inferiores a Deus e lhes estão submetidas, mas esta submissão é para elas a incorruptibilidade, a permanência da incorruptibilidade e a glória do incriado. Esta é a ordem, o ritmo e o movimento pelo qual o homem criado e modelado adquire a imagem e a semelhança do Deus incriado: o Pai decide e ordena, o Filho executa e forma, o Espírito nutre e

---

<sup>189</sup> O termo ternário se aplica a fórmula de fé que aplicada às três pessoas divinas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O termo binário se refere às fórmulas aplicadas às duas pessoas divinas: o Pai e o Filho.

aumenta; o homem paulatinamente progride e se eleva à perfeição, isto é, se aproxima do incriado, perfeito por não ser criado, e este é Deus.<sup>190</sup>

Como podemos perceber, no momento em que o homem foi criado, o Pai, com o Filho e o Espírito, modelou o homem e também tudo o que existe. Irineu, dessa forma, procurou demonstrar a procedência do Verbo, ou seja, ele procedeu do Pai desde sempre. Da mesma forma, o Espírito, identificado com a sabedoria, sempre esteve junto com o Pai.<sup>191</sup> Irineu, demonstra, assim, o dinamismo divino da criação do mundo e do homem. Portanto, a criação não era obra de várias divindades que criaram escondidas uma da outra, mas fruto do dinamismo das pessoas divinas, que sempre estiveram unidas antes mesmo que tudo existisse. A criação é, na obra de Irineu, ato dinâmico e cheio de amor. Deus, com suas duas mãos (o Filho e o Espírito), tudo modelou segundo o seu desígnio salvífico, para manifestar a sua glória.

A criação foi, dessa forma, manifestação da grandeza do Pai com o Filho e o Espírito. Ela não foi fruto de divisão ou acidente, e sim obra de um Deus totalmente amor, que deseja apenas direcionar o homem de forma toda especial para a sua glória, juntamente com tudo o que existe. Pai, Filho e Espírito inauguraram uma economia salvífica na história para direcioná-la para um futuro transfigurado. Um futuro em que toda a terra e o homem também participarão do dinamismo do Pai com o seu Filho e o Espírito. Tal participação das três pessoas na criação não somente mostra a coexistência das três pessoas divinas, mas ainda é uma demonstração do amor de Deus por toda a sua criação. Irineu, com a doutrina das três pessoas desde o início da criação, a nosso ver, quis ainda combater a concepção gnóstica de Deus. Sabemos que, para o gnosticismo, Deus estava como que dividido em vários seres divinos e, ao mesmo tempo, nele existiam dois princípios: um masculino e um feminino.

Irineu, ao demonstrar a presença do Filho e do Espírito no começo da criação, desejava combater certa concepção de Deus que, segundo os gnósticos, existia nas Escrituras. Ele apresentou não somente a unidade entre o Pai e o seu Filho, que é o Verbo pelo qual tudo criou, e a presença do Espírito, seu sopro de vida, mas desejava provar, à luz da fé cristã, que tal concepção de Deus tida pelos gnósticos fugia das Escrituras Sagradas radicalmente. Ao identificar o Verbo com o Filho e o

<sup>190</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 953-957, Vol. IV.

<sup>191</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 633, Vol. IV.

mesmo com o homem Jesus, o nosso teólogo desejava demonstrar a veracidade da encarnação. Esse Verbo, de fato, fez-se carne na humanidade para salvar a todos. E tudo isso estava, desde a criação, planejado por Deus. Em suma, podemos afirmar que as três pessoas divinas participaram do desígnio salvífico do mundo desde o princípio. As três pessoas inauguraram, na criação, uma economia salvífica, que visa envolver o homem e o mundo.

Tal economia das três pessoas inaugurou na história o que ousamos chamar de tempo salvífico. O mundo criado por Deus com o Filho e o Espírito, embora por vezes tocado pelo pecado humano,<sup>192</sup> é chamado constantemente a essa renovação transformante pelo Verbo. E como tal ação se dá? Quando o homem assume com a sua vida o projeto do Verbo. Dessa forma, o ser humano, centro da criação, torna-se um parceiro de Deus na criação deste mundo que continua até o grande dia em que o Verbo virá uma segunda vez para transformar tudo. O homem entra nessa relação de amor das três pessoas não pelo acaso de um destino por ele desconhecido, e sim por um convite de Deus por meio do seu Verbo, lembrando que as duas mãos de Deus, o Filho e o Espírito, como já observamos há alguns parágrafos anteriores, modelaram o homem. O Filho modelou o homem e o Espírito nutriu o mesmo. Também tal doutrina ensinada por Irineu quis enfatizar, a nosso ver, a importância do homem nesse projeto salvífico de Deus na história concreta.

Acreditamos ainda que Irineu, com esse capítulo bonito de sua teologia, demonstrou a beleza existente na unidade das três pessoas, que ordenam tudo para o bem. Deus, que sempre existiu com o Filho e o Espírito, como afirmamos várias vezes, criou por amor. E esse mesmo Deus se engajou por inteiro na salvação do mundo. Deus se envolveu por inteiro na criação do mundo e na sua história, e, ao mesmo tempo, concedeu a esse mundo e ao homem a liberdade de dizer sim ou não ao seu projeto salvador. Isso é incompatível com os ensinamentos gnósticos. Para o gnosticismo, o mundo é mal e nem todos os homens estão destinados à salvação. Nas Escrituras judaico-cristãs, percebemos o contrário: Deus deseja salvar a todos, e o mundo é o lugar que aponta para a sua glória. Assim, a doutrina das duas mãos de Deus na criação é uma das grandes provas do amor de Deus pelo mundo e o ser humano.

---

<sup>192</sup> Lembrando que em Irineu não encontramos uma doutrina do pecado original como em Agostinho. Apesar de Irineu no livro IV e III comentar a queda de Adão e Eva reconhecendo a presença do pecado desde o começo do mundo. O Verbo, para Irineu, através do sim da Virgem vem até nós para nos ensinar a viver. O primeiro casal humano peca porque se encontra em estado infantil.



## 3.2 O Verbo, significado da sua encarnação

No presente item, vamos expor as razões pelas quais o Verbo se fez carne, segundo a concepção de Irineu; a importância dada por Irineu para as economias salvíficas e sua manifestação ao longo da história; também procuramos entender como Irineu entendeu a recapitulação do homem feita pelo Verbo.

### 3.2.1 Por que o Verbo se faz carne?

Os gnósticos, como vimos em algumas páginas anteriores do nosso trabalho, não conseguiam acreditar na encarnação do Verbo, sobretudo devido a sua visão negativa da carne e do corpo humano. Irineu, no livro III de sua obra *Contra as Heresias*, afirmou, acerca do Verbo, que ele sempre esteve próximo de todo o gênero humano e que assumiu a carne humana, sofreu, morreu e ressuscitou para dar a salvação a todos os homens. Tal afirmação de Irineu foi um ataque direto aos ensinamentos dos mestres gnósticos, que negavam a encarnação do Verbo e concebiam a salvação apenas para alguns grupos particulares. A encarnação, para Irineu, era uma das economias mais belas de Deus na história da humanidade. O termo “economia”, segundo o pensamento de Irineu, era uma ação organizadora por parte de Deus na história que consistia em direcionar todas as realidades temporais segundo o seu desejo. No pensamento de Irineu, existiam duas economias na história da salvação. A primeira delas era a ação de Deus na história, ou seja, a criação e a sua autocomunicação aos homens, e a segunda economia era a encarnação do Verbo no fim dos tempos. Enfim, as economias eram a ação de Deus na história humana, tendo em vista a salvação do homem. Por outro lado, alguns estudiosos de Irineu identificam em sua obra várias economias, sendo que a maior delas se dá na encarnação.<sup>193</sup>

Assim, a economia do Antigo Testamento<sup>194</sup> era uma preparação para a grande economia da salvação: a encarnação. A encarnação era, assim, a grande economia, pois ela era nada menos do que a realização da salvação na história. O

<sup>193</sup> FANTINO, Jacques. *L'Économie, Realization Du Desein De Dieu* in: *Connaissance des Pères de L'Église*. Montligion, N. 82, p.18-34. Junh/ Agos 2001

<sup>194</sup> Irineu percebe, dentro da grande economia do Antigo Testamento, várias outras economias ao comentar alguns fatos dos tempos vétero-testamentários.

Verbo de Deus assumiu por inteiro o ser humano, fazendo-se homem e vivendo no seio da humanidade. Irineu fez uma belíssima leitura alegórica das Escrituras, encontrando nelas a economia salvífica, indo desde a criação, passando pelos profetas e chegando a Jesus Cristo. Toda a história da humanidade, desde o momento da criação até a encarnação, foi orientada para o projeto salvífico de Deus. Vale lembrar que Irineu identificou o Verbo com o homem Jesus, ele é o filho de Deus feito carne. Sendo que tal explanação era uma forma de mostrar que os gnósticos estavam errados quanto a sua doutrina, visto que para eles a encarnação não aconteceu e o Verbo habitou de forma aparente em Jesus de Nazaré.

Para Irineu, a encarnação foi o maior acontecimento de todos os tempos, pois o Cristo, profetizado nas Escrituras, veio habitar no meio dos homens nos últimos tempos; logo, a encarnação foi um acontecimento real e não aparente. Para Irineu, o Verbo veio até nós tornando-se uma pessoa concreta e histórica, chamada Jesus de Nazaré. Ele assumiu, assim, a condição carnal para dela expulsar o pecado e ensinar o homem a viver, para que, por meio Dele, o homem veja o Pai.<sup>195</sup> Podemos, aqui, já entender um dos primeiros motivos da vinda do Verbo a este mundo: o desejo do Pai de salvar o homem. Salvação essa que consiste na comunhão com Deus. Irineu foi bem claro na sua exposição de que o Verbo veio ensinar os homens a viver como ele, ou seja, viver em intimidade com Deus e ter uma vida semelhante à de Jesus. Dessa forma, Jesus de Nazaré convidou o homem a viver sua vida e devolveu ao homem a semelhança perdida. Como percebemos adiante, a salvação em Irineu levou o ser humano a um progresso no aqui e agora, culminando na parusia. O homem foi levado pelo Verbo a uma vida de comunhão com Deus. Ele, o Verbo, levou o homem a reconhecer o Pai e a deixar Deus habitar no coração do homem.

Irineu, ao expor a sua doutrina da encarnação, desenvolveu uma belíssima teologia acerca do sinal da Virgem. Para Irineu, o sinal da Virgem foi a grande prova da encarnação, a prova mais contundente da encarnação por ser um cumprimento das Escrituras.<sup>196</sup> O nosso autor, através do sinal da Virgem, não somente comprovou a encarnação do Verbo no seio da humanidade, como combateu os inimigos da encarnação. É sabido, e o próprio Irineu o cita em sua obra, que os

<sup>195</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p.329-331, Vol. III.

<sup>196</sup> Não esqueçamos que para os pais da Igreja as Escrituras do Antigo Testamento são um anúncio do Novo Testamento. E dessa forma o Novo Testamento é uma confirmação do Antigo Testamento.

inimigos da encarnação não somente negavam tal acontecimento, como acreditavam ser a concepção virginal um mito inventado pelos discípulos de Jesus. Para alguns mestres gnósticos de seitas aparentadas com o ebionismo, como Teodocião de Éfeso e Áquila de Ponto, Jesus era filho natural de José.<sup>197</sup> Para estes era impossível um parto virginal.

Irineu, como já afirmamos, não se perdeu em especulações; para ele, a tradição transmitida pelas Escrituras e as primeiras comunidades era o que valia. Para o santo, o fato de Jesus ter nascido de uma mulher e de forma virginal foi de suma importância por dois motivos: o primeiro deles porque a encarnação era obra direta de Deus, e o segundo, porque Jesus havia de tal modo assumido a condição humana que havia até mesmo se feito criança, como qualquer ser humano. O fato de Jesus se fazer criança significava muito para Irineu, pois o Verbo havia percorrido todas as etapas da existência humana. E percorrer todas as etapas da condição humana significava que a encarnação foi um acontecimento real e que Jesus viveu a nossa vida para nos devolver a comunhão com o Pai.<sup>198</sup> Também a economia da Virgem era o sinal de que Jesus tinha origem divina, ao mesmo tempo em que foi homem como os outros. Sabemos bem que as seitas gnósticas ora negavam a encarnação ora negavam a divindade de Jesus. Irineu, usando pedagogicamente o sinal da Virgem, pareceu responder às duas questões.<sup>199</sup>

Ainda com relação ao sinal da Virgem, Irineu, ao interpretar o texto de Isaías sete, tentou demonstrar que Jesus é o menino anunciado pelo profeta. Para Irineu, as palavras textuais de Isaías<sup>200</sup> tanto se referem à humanidade de Jesus como à sua divindade. O nascimento virginal e o nome “Emanuel” traziam para Irineu o sinal de que este menino veio de Deus, pois para Irineu significavam a sua geração divina e, ao mesmo tempo, a condição humana. O menino de Isaías também é homem e como ser humano tem a liberdade de escolher entre o bem e o mal (Ele vai comer coalhada e mel até aprender a rejeitar o mal e escolher o bem). Tanto a concepção virginal como o nome “Emanuel” significavam a divindade do Verbo, e a liberdade em escolher entre o bem e o mal, demonstrava que esse Verbo foi, de fato,

<sup>197</sup> Não podemos nos esquecer de outras tradições sustentadas pelos apócrifos como a de que Jesus nem filho de José seria e sim filho de um oficial romano que teria estuprado sua mãe. Tais boatos eram divulgados por todo o mundo antigo como uma forma de ridicularizar a fé dos primeiros seguidores de Jesus na sua pessoa.

<sup>198</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p.427-431, Vol. III.

<sup>199</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p.293-395, Vol. III.

<sup>200</sup> Eis as palavras de Isaías7, 14-17 : “Eis que a Virgem conceberá e dará a luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel. Ele vai comer coalhada e mel até aprender a rejeitar o mal e escolher o bem”.

homem.<sup>201</sup> Em outras palavras, para Irineu, a economia da Virgem era o grande sinal da encarnação do Verbo. Qualquer pessoa que tentasse negar a encarnação ou, do contrário, concebesse Jesus apenas como um ser humano comum estaria negando o cumprimento das Escrituras em Jesus, conforme a maneira de pensar de Irineu.

Na sua explicação do sinal da Virgem no livro III de sua obra *Contra as Heresias*, Irineu tentou demonstrar que, na encarnação, o Verbo recebeu a natureza da Virgem. Para os inimigos da encarnação, Jesus não poderia ter recebido nada da Virgem. Logo, ele só tinha aparência humana. E se ele tinha somente aparência humana, não haveria, conforme a lógica deles, encarnação. Irineu combateu, veementemente, tal ideia, demonstrando que Jesus se alimentou como os outros mortais; teve tristezas, como a que teve ao ver seu amigo Lázaro morto; lembrando também que, na sua morte na cruz, quando o soldado abriu-lhe o lado, jorraram-lhe sangue e água do corpo. Tais sinais, nas narrativas dos Evangelhos, são a prova de que Jesus tinha sim a mesma natureza de Maria. E, se tinha a mesma natureza da Virgem, era homem e, se era homem, então a encarnação era algo verídico.<sup>202</sup>

Irineu, ao defender a encarnação com tantos argumentos, não desejou fazer outra coisa senão fundamentar a sua doutrina da salvação. O Verbo se fez carne para recapitular o homem, em outras palavras, para salvar o gênero humano. É sabido, por todos os estudiosos de Irineu, que a motivação primeira da encarnação não foi a queda do paraíso.<sup>203</sup> Porém, Irineu não negou o pecado das origens. No pensar de Irineu, o pecado entrou no mundo devido ao estado infantil de Adão e Eva.<sup>204</sup> O ser humano, no começo da criação, ainda era criança, por isso se deixou seduzir pela serpente. O Verbo, quando veio a este mundo e viveu a vida dos homens, ensinou o homem a viver. Percebemos, a partir de tudo que foi explanado, que o Verbo veio a este mundo para dar ao homem a salvação, ou seja, recapitulá-lo em todas as suas dimensões.

O pecado teve, sem dúvida alguma, suas consequências desastrosas na história humana. Porém, não foi a motivação primeira da encarnação do Verbo e de sua economia. Irineu chegou até a tirar exemplos da Escritura para dar razão a sua fala. Para demonstrar as consequências do pecado sobre o mundo, falou-nos de

<sup>201</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p.399, Vol. III.

<sup>202</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 435, Vol. III.

<sup>203</sup> SINGLES, op. cit., p. 86.

<sup>204</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 451, Vol. III.

Adão, que teve de trabalhar para sobreviver, e de Eva, sua esposa, que teve de lhe ser submissa para sempre, e ainda da maldade de Caim ao matar seu irmão.<sup>205</sup> Dessa forma, o pecado causou um caos na criação de Deus. No entanto, apesar do pecado de Adão, Deus se compadeceu do homem e odiou aquele que o seduziu, a antiga serpente.<sup>206</sup> Assim, Deus expulsou o homem do paraíso, não para castigá-lo, mas para salvá-lo. No pensamento de Irineu, se Deus não tivesse expulsado o homem do paraíso, ele jamais poderia ser curado pelo Verbo. Quando Deus expulsou o homem do paraíso e lhe deu a dimensão de limite, foi para libertá-lo da sua culpa, para que, na condição de ser humano limitado, pudesse reconhecer a Deus. Aqui, Irineu nos deu uma chave positiva acerca do pecado e do limite humano, mesmo apesar de o pecado ter entrado no mundo e de o homem ser limitado e colher as consequências da sua queda. Deus utilizou a queda do homem para perdoá-lo e prepará-lo para acolher o seu Verbo.

Assim, em Irineu, como já afirmamos anteriormente, a razão primeira da vinda do Verbo não foi outra que a salvação do homem. No dizer de Singles, grande estudiosa do pensamento de Irineu, o pecado e sua presença na terra ilustravam o combate de Jesus contra o mal. Jesus de Nazaré, com a sua vida de fidelidade ao projeto do Pai, pôs-se em luta contra o mal. Tal combate foi um verdadeiro drama, pois Jesus, o Verbo de Deus, não fazia ideia de como tal combate iria terminar. A perseverança de Jesus até o final no cumprimento da vontade do Pai foi um drama único na história da humanidade. Jesus, o Verbo feito carne, o Filho de Deus, perseverou até o fim nesse combate. Sua morte de cruz e ressurreição foram a vitória de toda a espécie humana, pois um dos homens venceu o maior limite humano: a morte.<sup>207</sup> Essa compreensão da morte de Jesus, a nosso ver, é a grande novidade do pensamento de Irineu. Jesus não morreu somente para reparar ou satisfazer a vontade de Deus que foi ofendida, e sim para libertar o ser humano. Dessa forma, não somente a cruz, e sim toda a vida de Jesus ganhou um caráter redentor.

O Verbo se fez carne para recapitular o homem e a criação; assim, poderíamos afirmar que o Verbo se encarna para salvar o homem e devolver à criação, por meio desse homem salvo, a sua originalidade perdida. Lembremos que

<sup>205</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p.354-355, Vol. III.

<sup>206</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 357, Vol. III.

<sup>207</sup> SINGLES, op. cit., p. 87.

Deus tinha desde o começo da criação um projeto salvífico para o homem. Infelizmente, o homem se desviou dele indo por um projeto diferente. Deus, apesar de tudo, quis sempre salvar esse homem e, no linguajar de Irineu, usou várias economias para salvá-lo. Sendo que a grande economia foi a encarnação do Verbo, o Verbo de Deus entra na história humana, se faz criança e passa por todas as fases evolutivas do homem. Vive tudo isso para ensinar o homem a viver e atraí-lo para o Pai. O Verbo de Deus e sua encarnação é a grande economia usada por Deus para demonstrar o seu amor pela humanidade. Lembrando ainda que tal recapitulação não tem nem outra motivação a não ser salvar o homem. É como um martelo a soar nas páginas de *Contra as Heresias* esse propósito de Deus para o homem. Essa gratuidade da salvação é espantosa e comovente nas páginas de Irineu. Uma vez percebendo as motivações primordiais para a encarnação, poderemos agora aprofundar o significado da recapitulação do homem em Irineu e o que ela significa. No seguinte ponto desse item, vamos expor a doutrina de Irineu sobre a recapitulação e a compreensão de salvação que Irineu tinha em seu modo de conceber a fé.

### **3.2.2 O homem e sua salvação: a recapitulação do homem pelo Verbo**

Como já percebemos ao longo da nossa explanação, temos notado que a encarnação do Verbo junto com as outras economias sempre visou à salvação do homem. Dessa forma, percebemos que a salvação do homem faz parte do plano primordial do Pai. Por tal motivo, o Verbo de Deus se faz carne para libertar o homem do pecado e da morte e ainda do poder do maligno, como cita em sua obra *Demonstração da pregação apostólica*:

Por esta razão, Nosso Senhor tomou uma corporeidade idêntica a da primeira criatura para lutar em favor dos primogênitos e a vencer em Adão a quem em Adão nos havia ferido.<sup>208</sup>

Assim, percebemos que a obra do Verbo é uma obra também redentora. Ao assumir a carne humana, ele, o Verbo, também vence aquele que havia ferido a

---

<sup>208</sup> IRINEO DE LIÓN. *Demonstración de La Predicación Apostólica* (Edición preparada por Eugenio Romero Pose). Madrid: Editorial Ciudade Nova, 2000. p. 121.

humanidade. A luta do Verbo contra o maligno não é uma alegoria.<sup>209</sup> O Verbo, ao vencer a morte de cruz, vence Satanás. A grande vitória do Verbo na cruz não está no sofrimento, mas na perseverança de Jesus até o final. A ressurreição é o grande cume dessa vitória, pois ela garante que o mundo foi enfim libertado e o homem e a história foram recapitulados. Em outras palavras, Jesus, pelo seu sim ao projeto do Pai, por sua vinda a este mundo e pela vitória sobre a morte e o mal, se torna cabeça da história. A história ganha agora um novo sentido e um novo rumo. Com Cristo, cabeça da história, o homem percebe que, mesmo com a queda de Adão, Deus, por meio de várias economias, preparou o mundo para um grande resgate. Tal resgate sempre esteve nos planos de Deus. Apesar do pecado do homem, que infantilmente se deixou ser seduzido pela serpente, a obra de Deus não estava perdida.

Anteriormente, havíamos falado que Irineu, no seu pensamento, acreditava que Deus na queda do homem havia se compadecido deste. Por isso, havia decidido expulsar o homem do paraíso para que este, reconhecendo sua culpa, aceitasse as economias de Deus na história e acolhesse a grande economia do Verbo. Percebemos que a história e o homem, feridos pelo pecado, são transformados pela vinda do Verbo. Também a vinda do Verbo não é uma surpresa de Deus na história ou ainda intromissão deste na história. Deus prepara o mundo ferido e a história para acolher o Verbo por meio das economias ou da grande economia do Antigo Testamento. Irineu, como os outros Pais da Igreja antiga, encontra no Antigo Testamento a confirmação da economia do Verbo.<sup>210</sup> Irineu, ao ler as Escrituras vétero- testamentárias, percebe o anúncio do Verbo. Por exemplo, ao ler a exortação de Moisés em Deuteronômio 32 ao povo acerca da sua estultice, Irineu vê a teimosia do povo em não reconhecer as obras de Deus em seu favor e o plano salvífico por meio do Verbo para a salvação da humanidade. Assim, para Irineu, Moisés tinha consciência da vinda do Verbo.<sup>211</sup> Para Irineu, era o Verbo quem falava a Moisés e preparava a humanidade para a sua vinda.

Irineu, ao comentar Ex 33, 18-22, o episódio em que Moisés pede para ver a face de Deus e recebe de Deus a resposta de que não poderá ver o seu rosto,

---

<sup>209</sup> SINGLES, op. cit., p.80-81.

<sup>210</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 495, Vol. IV.

<sup>211</sup> Não podemos esquecer que os pais da Igreja não conheciam as modernas ferramentas da exegese atual e a leitura do Antigo Testamento era sempre em função do Novo Testamento para contemplar a sua prefiguração nas páginas veterotestamentárias.

entende tal passagem como um sinal de que é impossível ao homem ver a Deus e que somente por seu Verbo feito carne isso será um dia possível. Irineu vê nisso uma economia preparatória para a vinda do Verbo e confirmação das Escrituras. Dessa forma, Irineu vai entendendo que Deus, por meio do Verbo, já se comunicava à humanidade. Para Irineu, o Verbo sempre esteve à procura da amizade dos homens antes mesmo da sua vinda; por isso, se comunicava com eles e, no fim dos tempos, ao se encarnar, veio demonstrar de forma significativa essa amizade com o homem<sup>212</sup>. Irineu reconhece a busca do Verbo pela amizade dos homens também no chamado de Deus a Abraão<sup>213</sup>. Em suma, na opinião de Irineu, antes da vinda do Verbo para a humanidade, ele já procurava estabelecer com o homem uma relação de amizade tendo em vista até mesmo o seu aparecimento no seio da humanidade.<sup>214</sup> Vale lembrar ainda que, para Irineu, esta amizade do Verbo conosco também é solidária, pois ele passa por todas as etapas da nossa vida: infância, mocidade e vida adulta, chegando até o maior limite do homem, que é a morte.<sup>215</sup>

Irineu, ao refletir sobre as economias do Antigo Testamento, vê nos oráculos proféticos, por exemplo, um anúncio da vinda do Verbo. Irineu entende, por exemplo, a própria lei judaica como uma preparação para a vinda do Verbo.<sup>216</sup> A partir de tudo isso, percebemos que, para Irineu, a história caminha para ser encabeçada pelo Verbo. O Pai prepara a história para a encarnação do Verbo falando por meio dele à humanidade. Assim, os eventos do Antigo Testamento e a própria lei judaica é vista e entendida como algo positivo para Irineu. O nosso autor compreende a lei de Moisés como uma atitude pedagógica do próprio Deus. Deus deu a esse povo a lei como seu ensinamento para que aprendesse a viver e, ao mesmo tempo, se preparar para as coisas futuras<sup>217</sup>. Irineu vai entender a rigidez da lei do Antigo Testamento dada a Deus por Moisés<sup>218</sup> como uma resposta de Deus à dureza do coração do homem.<sup>219</sup> Ainda com relação à lei, Irineu chega a percebê-la,

<sup>212</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 211- 213, Vol. V.

<sup>213</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 535-537, Vol. IV.

<sup>214</sup> SINGLES, op. cit., p. 75-76.

<sup>215</sup> IBDEM

<sup>216</sup> Lembrando que tal concepção de Irineu para a sua época era um verdadeiro avanço pois uma espécie de anti-judaísmo devido a conseqüências históricas no relacionamento judeu cristão era bem presente no seio das primeiras comunidades.

<sup>217</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit, p. 549, Vol. IV.

<sup>218</sup> Sabemos que Irineu, ao encontrar no Antigo Testamento a economia salvífica, ou as várias economias salvíficas, procura demonstrar a unidade entre os dois testamentos. Uma forma de corrigir Marcião e seus discípulos que negavam as Escrituras do Antigo Testamento.

<sup>219</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit., p. 555-559, Vol. IV.



em sua obra, como um anzol salvador que, mordido pelos homens, os atraía para Deus e os mantinha longe da idolatria. Assim, notamos que Irineu percebe o Antigo Testamento como uma grande preparação para a redenção a ser operada pelo Verbo.

Alguém, diante deste nosso discurso, pode achar Irineu e sua leitura da história como ingênuos. Porém, Irineu é consciente do livre arbítrio do homem. Ao perceber a lei judaica como esse anzol, reconhece que muitos que naquele tempo a seguiam não lhe eram fiéis. Ao reconhecer isso, Irineu percebe que não é a lei judaica que era imperfeita, como pensavam os inimigos do Antigo Testamento, e sim o homem com sua liberdade que não era fiel a Deus. Por esse motivo, nota que, mesmo com a vinda do Verbo, muitos não creem em Deus. Dessa forma, Deus respeita o homem e o julga conforme as suas escolhas<sup>220</sup>. Embora Deus se comunique com os homens ao longo da história e prepare esta para a vinda do Verbo, Deus ainda concede liberdade ao homem para fazer suas escolhas. Por isso, o esforço de Deus para salvar a humanidade respeita a liberdade de cada um. O homem é livre para dizer sim ou não ao projeto de Deus.

A grande revelação do projeto salvífico de Deus se dá na encarnação do Verbo, passando pela sua luta na cruz até a ressurreição. O Verbo, ao entrar na história, começa sua obra redentora, vive como um de nós e passa por todas as etapas da vida humana. Tudo isso para remir o homem em todas as suas fases e levá-lo à uma vida de comunhão com o Pai. Essa é a primeira característica dessa recapitulação do homem: a comunhão com o Pai. E qual seria o caminho para tal comunhão? O caminho seria assumir a vida do Verbo. O Filho de Deus, Jesus de Nazaré, o Verbo feito carne na história leva o homem a essa comunhão. O Verbo foi criança, adulto e até passou pela morte, o maior limite do homem. Em suma, tocou todas as realidades do homem para que o homem vivesse em comunhão com Deus.<sup>221</sup> Deus, por meio de Jesus, toca todas as realidades do ser humano levando-o à união com o Pai.

No pensar de Irineu, o Verbo, ao tocar as realidades do homem, o leva a um progresso. Não devemos esquecer que o próprio Jesus evoluiu e que seu nascimento não põe fim ao mistério da encarnação, como nos lembra Gonzalez

<sup>220</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 559, Vol. IV.

<sup>221</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 637, Vol. IV.

Fauz no seu estudo sobre o tema da encarnação em Irineu.<sup>222</sup> Jesus, o Verbo de Deus encarnado, também evoluiu e foi aos poucos assumindo a sua missão. Então, da mesma forma que o Verbo evoluiu, o ser humano é chamado no Verbo a uma evolução. A recapitulação consiste, então, nessa vida do homem unida ao Verbo<sup>223</sup>. O homem, unindo-se ao Verbo, assume a vida desejada por Deus para ele, que é essa vida de comunhão com ele, ou seja, uma vida plenificada pela amizade do homem com o Verbo para viver na comunhão com Deus. A morte de Jesus, como dissemos, também remiu o homem, mas, na perspectiva de Irineu, não somente ela. Embora tenha sua importância porque por meio dela um de nós, Jesus de Nazaré, a vence e nos dá a certeza do fim da morte e do mal.

O homem, vivendo em comunhão com Deus através do Verbo, também obtém a vitória sobre a morte e chega, por meio de Jesus, à ressurreição. A ressurreição, para Irineu, é o grande progresso ao qual o homem está destinado. Mas, para isso, o homem deve configurar sua vida à vida do Verbo. E tal configuração consiste em uma educação na vida do homem operada pelo Verbo. O Verbo educa o homem para assumir a sua vocação. Por isso, Irineu lembra que o homem, no começo da humanidade, se encontrava em estado infantil. Os seres humanos são tirados do estado infantil pelo Verbo e por ele são educados a fim de assumirem a sua vocação. Sendo que tal vocação será compreendida nessa educação feita pelo Verbo. O homem é assim criado por Deus em um determinado estado, porém é levado a um progresso contínuo por meio do Verbo.

A ideia dessa autoeducação do homem, operada em sua vida pelo Verbo, é justificada por Irineu pela ideia do estado infantil. Segundo os argumentos de Irineu. Deus não deu ao homem a perfeição desde o começo porque este não tinha capacidade de compreender em que consistiria essa perfeição. Por isso, para que o homem compreendesse esse chamado à perfeição dada por Deus, Jesus veio como um de nós para que compreendêssemos o seu plano de amor por toda a humanidade.<sup>224</sup> E, como um de nós, recapitulou toda a humanidade, tornou-se cabeça dela para levá-la ao estado de perfeição sonhado por Deus que consiste na participação da sua glória e que tem seu cume na ressurreição.

---

<sup>222</sup> Gonzalez, Fauz José Ignacio. *Carne de Dios – Significado salvador de la Encarnación en la teología de San Irineo*. Barcelona: Editorial Herder, 1969. p.103-104.

<sup>223</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 831, Vol. IV.

<sup>224</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p.945, Vol. IV.

Assim, por causa do homem, o Verbo se faz criança e ao mesmo tempo assume a mesma capacidade inteligível do homem. Com a inteligência igual a do homem, se comunica com ele e se faz compreensível pela mesma compreensão que o homem tem das coisas. Aqui, percebemos em Irineu uma rejeição a qualquer tipo de docetismo, ou qualquer compreensão equivocada da natureza humana de Jesus. Mesmo Jesus de Nazaré, o Filho de Deus e o Verbo sendo a mesma pessoa, esse Verbo feito carne não é um homem diferente com poderes superiores aos demais. Mesmo as curas de Jesus são compreendidas por Irineu como um sinal do desígnio salvífico de Deus para a humanidade. Nunca são vistos e compreendidos como um ato mágico ou uma faculdade sobrenatural dado pelo Pai a seu Filho. Da mesma forma que também Jesus não está em nada isento das mesmas dificuldades pelas quais os homens normais passam. No contexto histórico em que Irineu estava inserido, tal visão era um escândalo tanto para a mentalidade grega quanto para a mentalidade judaica. Irineu reconhece em Jesus profundamente a sua humanidade, mas ao mesmo tempo reconhece nele a sua origem divina. Irineu tem uma visão equilibrada de Jesus que responde tanto aos que negavam a sua divindade como àqueles que negavam a sua humanidade. Em Irineu, a encarnação é fato real como também a concepção virginal, para demonstrar que em Jesus encontramos aquilo que será posteriormente assumido pelos concílios da Igreja: Jesus Cristo verdadeiro homem e verdadeiro Deus.

O Verbo, por meio de sua vida, educa o homem e, à medida que ele se deixa educar pelo Verbo, vai sendo recapitulado em todas as suas dimensões. Assim, a salvação na vida do ser humano não é algo apenas para o futuro; no Verbo, o homem compreende que sua salvação se concretiza aqui na história em que está inserido, “*pois a glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus*”.<sup>225</sup> Tal expressão cunhada por Irineu é, a nosso ver, o pano de fundo para se entender a recapitulação do homem em Cristo. O homem configurado ao Verbo é, por meio dele, levado aqui a esse progresso humano. Embora limitado pela velhice, enfermidade e morte, o homem, por meio de Cristo, é levado à incorruptibilidade que consiste na visão plena de Deus. E tudo isso na vida do homem se dá por meio de Cristo Jesus. É ele que com sua vida recapitula o homem e garante aos seres mortais esta vida já aqui gloriosa que culmina na sua ressurreição. O homem que

---

<sup>225</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 649, Vol. IV.

aceita o Verbo na sua vida é levado a um estado de perfeição maior que culmina na ressurreição. Ele, o Verbo, com sua vida, nos ensina a viver e entrar em comunhão com o Pai e os outros seres humanos, enfrenta a morte a fim de nos devolver a esperança e superar o maior dos limites humanos e ressuscita para nos devolver a visão de Deus e nos garantir a vida plena no dia do grande escatón da existência.

Assim se realiza a recapitulação do homem no pensamento de Irineu em Cristo Jesus. Como afirmamos antes, Jesus não deixou em nada de viver a vida e o limite humano; porém, com sua ressurreição, ultrapassa tudo isso para elevar o ser humano a esse estado de plenitude. A recapitulação do homem consiste, em suma, nessa elevação do homem ao estado perfeito sonhado por Deus e perdido pelo pecado do primeiro homem Adão. Assim, o homem salvo em todas as suas dimensões é elevado a esse estado de perfeição e obtém a verdadeira visão de Deus. Lembrando que com isso não somente o homem, mas toda a criação é conduzida a esse estado de perfeição com a vinda do Reino de Deus à terra. Então, mundo e humanidade caminham para um progresso sem fim, pois Cristo, novo Adão, encaminha a história e todos os viventes para essa plenitude. Ele, como nos lembra Ef 1, 9-10, é a cabeça de todas as coisas visíveis e invisíveis. Tudo foi por ele recapitulado e caminha para ele.

### **3.3. A concretização da salvação**

No presente item, vamos expor alguns exemplos da Escritura comentados por Irineu que demonstram a salvação do homem concretizada pelas ações do Verbo em favor do mesmo. Vamos tentar perceber como Irineu lê em algumas parábolas essa concretização da salvação do homem. No segundo ponto, vamos apresentar a vocação escatológica do homem vista e entendida por Irineu. Na obra de Irineu, vamos percebendo que o homem tem uma vocação única destinada a um futuro glorioso. Neste ponto segundo, vamos tentar perceber como Irineu entende essa vocação.

#### ***3.1.1 A salvação no hoje do homem: comentário das parábolas usadas por Irineu (uma exegese de cunho soteriológico)***

Como já temos notado ao longo da nossa pesquisa, Irineu baseia a sua teologia inteiramente nas sagradas Escrituras. As Escrituras, juntamente com a tradição da Igreja, são a fonte do método teológico de Irineu. A Escritura é a base de todo o seu pensamento e a tradição é a maneira como Irineu interpreta em comunhão com a Igreja as Escrituras. Nada melhor para fundamentar a sua compreensão de salvação do que os exemplos tirados da Escritura. Assim, como vê no Antigo Testamento várias economias ao comentá-lo, como já pudemos observar, faz a mesma coisa com trechos do Novo Testamento. Contempla por meio de suas páginas a concretização da salvação na vida do homem e na história. Vamos agora perceber essa concretização da salvação a partir da sua reflexão sobre esses textos do Novo Testamento.

Para nós, o comentário que Irineu tece das parábolas de Jesus é o melhor exemplo dessa sua exegese de cunho soteriológico, pois tal exegese dos textos neotestamentários visa confirmar toda a sua compreensão acerca da economia do Verbo. Irineu, ao comentar a parábola dos vinhateiros de Mt 21, 33-43, compreende o chefe dos vinhateiros como o Pai do céu e os vinhateiros como todos os homens que compõem a humanidade, sejam eles bons ou maus,<sup>226</sup> sendo que reconhece nos vinhateiros maus aqueles que rejeitaram os profetas e depois o seu próprio Filho. A partir dessa parábola, faz uma leitura da história da salvação. Entende a vinha plantada pelo Pai como a obra da criação saída das mãos de Deus com a criação de Adão e também com o chamado dos patriarcas. Depois, confiou essa vinha aos vinhateiros, por meio da lei judaica, e o campo por ele plantado seria Jerusalém. E, nesse lugar por ele escolhido para enviar o seu espírito, enviou vários profetas antes e depois do exílio para exortá-los a fazer frutificar a vinha dada pelo Senhor.<sup>227</sup> O fruto da vinha seria a prática da justiça e o cuidado com o estrangeiro, o órfão e a viúva. Porém, como os vinhateiros não deram atenção aos apelos do Senhor por meio de seus servos (os profetas), enviou nos últimos tempos o seu próprio Filho. Sendo que seu Filho foi morto e rejeitado pelos maus vinhateiros.

Assim, por meio da rejeição dos maus vinhateiros, Deus entrega a sua vinha ao mundo inteiro para ser cuidada pelos bons vinhateiros. E quem são os bons vinhateiros? Os bons vinhateiros são os cristãos que vão dar seus frutos no tempo devido. Talvez, para alguns, essa seja uma leitura simplista que Irineu faz das

<sup>226</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 881, Vol. IV.

<sup>227</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 883-885, Vol. IV.

Escrituras. Porém, essa é uma leitura feita por um homem de fé que reconhece no Novo Testamento o cumprimento do Antigo. Irineu não pode fazer uma leitura diferente, pois segue a leitura de outros Pais do seu tempo, como: Justino, Inácio de Antioquia e outros. Seria muito pedir de Irineu uma leitura diferente desse contexto. A nossa intenção com tal explanação é mostrar como ele entendia essa obra da salvação nas Escrituras neotestamentárias. Irineu não conhecia os modernos métodos de exegese aos quais estamos acostumados. O objetivo da apresentação dessa leitura é procurar perceber como Irineu percebe a concretização dessa salvação na história e na vida do homem, como já afirmamos anteriormente.

Encontraremos na obra do nosso teólogo outros exemplos de concretização dessa salvação querida e operada por Deus na história da humanidade. Ao comentar a parábola dos operários da última hora de Mt 20, 1-16, afirma que tais operários são enviados a trabalhar na vinha do Senhor desde os primeiros tempos. E ainda entende que Deus continua chamando tais operários nos fins dos tempos<sup>228</sup> até a implantação definitiva do reino de seu filho.<sup>229</sup> Tanto antes do tempo do Verbo como agora nestes novos tempos é o próprio Deus quem chama os operários para trabalhar na sua vinha. Irineu, com tal explicação, nos vai demonstrando que entende a história da salvação como uma grande continuidade. Não existe separação entre os tempos do Antigo Testamento e os tempos do Novo Testamento. O Antigo Testamento prepara os tempos para a vinda do Verbo e o Novo Testamento concretiza os tempos do Verbo dando continuidade à ação salvífica de Deus na história. Seguindo essa linha de pensamento, as ideias de Marcião a respeito dos dois testamentos caem por terra. Irineu não somente mostra uma unidade salvífica na história da salvação como uma unidade intrínseca entre os dois testamentos.

Nessa exegese salvífica, outra parábola interessante é a da figueira infrutífera de Luc 13, 1- 9. Nessa figueira, que por um período de três anos não deu fruto, Irineu parece enxergar o povo de Israel. Para Irineu, o homem que de tempos em tempos visita a vinha é o Senhor que fala ao seu povo por meio dos profetas. O povo é exortado, por meio dos profetas, a dar muitos frutos e, por meio destes mesmos, o Senhor procurou os frutos no seu povo e não o encontrou. Uma vez não

<sup>228</sup> Os fins dos tempos em Irineu não tem nada a ver com o fim do mundo como alguns grupos cristãos às vezes pensam. Para Irineu, os fins dos tempos são esses tempos em que o Verbo assumiu a nossa humanidade e encaminha a história para o seu reinado definitivo.

<sup>229</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit., p. 911-913, Vol. IV.

os encontrando, cortou tal figueira.<sup>230</sup> Não é objetivo nosso, nesse trabalho, comentar as polêmicas de Irineu e de outros Pais com o judaísmo, visto que Irineu reconhece o povo judeu como povo de Deus e a lei mosaica como salutar. Irineu parece, a nosso ver, querer dar uma explicação para a negação do Verbo por parte do povo judeu. Sabemos bem que Irineu, em sua obra, reconhece a lei judaica como boa para ajudar os homens a se manterem fiéis ao projeto de Deus e não caírem no pecado da idolatria. Como também reconhece a comunicação de Deus com os homens na história, concretamente, por meio do povo de Israel.

Para comprovar o que falamos, Irineu continua na sua leitura da história da salvação confirmando que Deus falou na história ao povo de Israel após seu comentário sobre a parábola da vinha infrutífera. Ele continua afirmando que Deus visitou Israel por meio dos profetas e falou por meio do seu Verbo ao povo de Israel<sup>231</sup>. Irineu reconheceu nesse mesmo trecho que o Deus que falou aos patriarcas como Abraão, Isaac e Jacó é o mesmo Deus que é anunciado pelos apóstolos e que atrai os pagãos para si. Logo, os pagãos vão participar da mesma festa dos patriarcas no Reino dos Céus. Assim, por meio das parábolas, Irineu enxerga o desenrolar da história da salvação. Irineu vai percebendo nelas a gratuidade de Deus que oferece aos homens constantemente a salvação e também a liberdade do homem em dizer sim ou não à salvação trazida pelo Verbo. O importante, ao passar em nossa pesquisa por tais comentários feitos por Irineu sobre as parábolas, é que ele quer mostrar claramente, a nosso ver, que toda a história, desde o começo, caminha para a grande recapitulação operada pelo Verbo na história concreta.

Com relação às parábolas, Irineu também tece um comentário bastante interessante sobre a parábola da boa semente e do joio e do trigo em Mt 13, 18 – 31: reconhece o mundo como sendo esse campo. Porém, reconhece que, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo e semeou o joio no meio do trigo. Tal joio para Irineu é a semente da apostasia. E nesse comentário sobre a parábola, mais uma vez, Irineu afirma que Deus se compadeceu do homem e se voltou contra o autor do joio, vencendo-o por meio do fruto da Virgem.<sup>232</sup> Irineu nos lembra o que havíamos falado nos parágrafos anteriores que Jesus por meio da sua vida, morte e

<sup>230</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 915-917, Vol. IV.

<sup>231</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 917- 919, Vol. IV.

<sup>232</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 979 -983, Vol. IV.

ressurreição derrota o autor da inimizade, devolvendo ao homem a amizade com Deus. Assim, lemos nessa exegese de Irineu a sua compreensão da história da salvação e a concretização da mesma na vida do ser humano. Sendo que a história e o homem são vistos de forma muito positiva.

A partir de tudo o que vimos nessas parábolas ou, como gostamos de chamar, nessa exegese de cunho soteriológico, percebe-se um aspecto da soteriologia de Irineu que salta aos nossos olhos nas linhas de sua obra. A salvação oferecida por Deus se concretiza na história do homem. É nessa história concreta que Deus se revela e chama o homem por meio de seu Verbo à vida de comunhão com ele e recapitula toda a sua existência. Esse acolhimento do Verbo traz sobre o homem a salvação ou a condenação. Não se trata de uma opção somente para amanhã, mas de uma opção concreta no hoje do ser humano. O homem, quando foi criado por Deus, recebeu a capacidade de escolher entre o bem e o mal. Se escolhe o bem, que é essa vida de obediência a Deus e observância de seus mandamentos, ganha a vida; porém, se escolhe o mal, já opta de imediato pela morte.<sup>233</sup> Então, a aceitação da amizade com o Verbo por parte do homem e observância do plano de Deus na vida do homem o leva a uma evolução que culmina na ressurreição, como temos afirmado tantas vezes ao longo deste trabalho. Podemos dizer, sem medo de forçar os textos de Irineu, baseando-nos tanto nos seus comentários sobre as parábolas como em outros trechos de sua obra citados em nosso trabalho, que a salvação dada ao homem o leva a uma qualidade de vida do ponto de vista ético, social e espiritual. As Escrituras são, por assim dizer, a confirmação do projeto soteriológico inaugurado por Jesus na história dos homens.

### **3.3.2 O homem e sua vocação escatológica**

Ao longo desta reflexão, vamos percebendo que a doutrina da salvação pensada por Irineu tem o homem como seu principal destinatário. Quando Deus cria, ele cria o homem de forma diferente das outras criaturas. Ele plasma o homem com as próprias mãos e o modela tendo em vista a encarnação do Verbo<sup>234</sup>. O homem é modelado para que o Verbo de Deus assuma a sua carne para remi-lo. Por isso, a expressão usada por Singles é correta ao afirmar que o homem traz na carne a

<sup>233</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 961, Vol. IV.

<sup>234</sup> ORBE, op. cit., p. 117.



marca de Deus. Esse mesmo homem plasmado por Deus através do seu Verbo é a única espécie que evolui, ou seja, que abandona o seu estado de origem e progride. Usando o vocabulário irineano, o homem é criado infantil e por tal razão acaba por cair no pecado. Porém, tal estado não compromete o plano de Deus para ele. Por isso, Deus encaminha a história para a grande economia do Verbo e por meio do mesmo se comunica aos homens e oferece sua amizade a eles. O objetivo de tudo isso é levar o homem a um progresso constante. Quando o Verbo entra nessa história, convida o homem a sair do estado em que se encontra e lhe aponta a sua vida como caminho de progresso. O homem, por sua vez, corresponde a esse plano de Deus acolhendo o Verbo em sua vida e conformando sua vida à dele. Conformando a própria vida à do Verbo, ele chega ao grau máximo de perfeição que é a ressurreição.

Percebemos em tudo isso que o homem encontra-se no centro do desejo salvífico de Deus. O Pai quer de todas as formas salvar o homem. Mesmo o homem tendo caído no pecado, Deus se compadece desse homem e envia o seu Filho para derrotar aquele que o feriu. Poderíamos afirmar, talvez incorrendo em anacronismo, que Irineu poderia ser chamado de um verdadeiro humanista cristão. Para Irineu, o homem tem uma vocação e destino único na história da humanidade: a visão da glória de Deus por meio do Verbo no dia da ressurreição. A morte, então, não é o fim do homem, mas a plenitude da vida nova assumida na existência humana e que culmina na ressurreição e na renovação do mundo, no grande escaton. A história recapitulada pelo Verbo é encaminhada para a instalação do Reino definitivo de Deus na terra, a grande recapitulação. Assim, a criação também é remida. Segundo Sesboué, a recapitulação compreende três fases: a primeira delas é a própria criação, a segunda é a encarnação do Verbo com sua vida, morte e ressurreição, e a terceira seria o retorno definitivo de Cristo à terra. A recapitulação, segundo o autor citado, seria a consumação total da história da salvação, a concretização do desejo salvífico de Deus.<sup>235</sup>

Assim, o homem assume, em tudo isso, uma vocação escatológica na história. Vale lembrar que o homem é ainda salvo em todas as suas dimensões: corpo, alma e espírito. O homem, então, é salvo por inteiro, nenhuma dimensão fica fora da salvação porque todas elas foram doadas por Deus. Com relação a essas

---

<sup>235</sup> SESBOUÉ, op. cit., p. 131.

dimensões, é bom entendê-las um pouco mais: uma das coisas já observadas ao longo destas páginas é que o corpo não é ruim e mal para Irineu, o corpo, inclusive, é modelado por Deus pelas suas próprias mãos tendo em vista a encarnação do Verbo<sup>236</sup>. É assumindo a carne humana que o Verbo, com sua vida, vem remir o homem. Acreditar que Deus assumiu a carne humana é um verdadeiro escândalo para os gnósticos em seus sistemas variados. E mais escandaloso é aceitar a ideia de que esse corpo vai ressuscitar. Mas, o que Irineu pretende dizer ao usar as categorias corpo, alma e espírito? Vamos agora procurar entender essas categorias antes de refletirmos no destino escatológico do homem.

Segundo Sesboué, carne e corpo, em Irineu, se referem à mesma categoria e são sinônimos do mesmo objeto expressado por Irineu. No fundo, carne e corpo querem expressar a constituição principal do ser humano por ele mesmo.<sup>237</sup> Tal constituição, como já percebemos, lendo o prefácio do livro IV de *Contra as Heresias*, é querida por Deus e modelada por ele; logo, não é ruim. Tal carne é ainda modelada por Deus e recebe a sua imagem e semelhança e, como afirmamos anteriormente, é feita tendo em vista a encarnação do Verbo. O Verbo vem a este mundo por meio de um corpo, ele toma esta forma. Partindo desse princípio, o que percebemos? O corpo é algo querido por Deus que traz a marca das suas mãos e da sua obra criadora e é por meio de um corpo humano que o Verbo se faz carne para remir o homem. O Verbo toca, dessa forma, a constituição principal do ser humano que é seu corpo, valorizando, assim, essa constituição tão importante para a vida do homem. Para Irineu, essa carne é assim transformada e libertada pelo Verbo. Sendo que no último dia o homem ressuscitará nessa carne.<sup>238</sup>

E o que dizer das categorias alma e espírito? Ainda, segundo Sesboué<sup>239</sup>, tais categorias têm um significado bem peculiar em Irineu. A categoria espírito, por exemplo, se confunde tanto com espírito entendido como espírito de Deus no homem ou com o espírito do homem mesmo. Afinal, como Irineu entende a categoria espírito? Espírito, para Irineu, seria a ligação entre a alma e o corpo, é um

<sup>236</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op .cit., p. 391, Vol. IV.

<sup>237</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op .cit., p. 91, Vol. V.

<sup>238</sup> É importante lembrar que Irineu pensa as categorias corpo, alma e espírito de acordo com a mentalidade de seu tempo. Não podemos cobrar de Irineu a compreensão destas categorias com as pensamos hoje tanto na filosofia como em algumas compreensões teológicas da escatologia modernas.

<sup>239</sup> Optamos em seguir neste aspecto as linhas do estudo de Sesboué por acreditamos que a compreensão que faz destas categorias é feita a partir da leitura do próprio Irineu.

princípio que integra o corpo e a alma no homem.<sup>240</sup> Também, neste mesmo estudo, a categoria espírito ainda pode ser entendida, outras vezes, como essa capacidade presente no homem, concedida por Deus de participar da sua vida. Aqui percebemos que é bem diferente da noção de espírito da cultura grega. E o que dizer da categoria alma? A alma, em Irineu, é entendida como uma categoria mediadora entre o corpo e o espírito. Algumas vezes, a alma segue o espírito e com ele se eleva e, outras vezes, segue os desejos carnis e com ele cai no pecado.<sup>241</sup> A alma é, por assim dizer, essa faculdade afetiva presente no homem. A salvação se dá na vida do homem, portanto, nessas três dimensões. O homem é dessa forma salvo por inteiro.

Irineu nos demonstra a salvação do homem como uma obra progressiva que o resgata em todas as suas dimensões, cura-o da ferida do pecado e o leva a um progresso constante que culmina, como afirmamos, na ressurreição da carne. Irineu é categórico em afirmar que a salvação do homem acontece na carne como uma forma de combater àqueles que desprezam o corpo e valorizam só o espírito em detrimento da carne. Para fundamentar a sua doutrina da ressurreição, Irineu desenvolve uma visão da eucaristia muito interessante. A carne e o sangue do Senhor que comemos e bebemos na Eucaristia é a garantia da nossa ressurreição. Para Irineu, o Senhor alimenta-nos com sua carne e sangue para fortificar nossos corpos.<sup>242</sup> E para que fortificar o nosso corpo? O corpo é fortificado tendo em vista a vida eterna.<sup>243</sup>

O homem, ao comer e beber do corpo e do sangue do Senhor recebe o alimento para a vida eterna. Poderíamos dizer que, seguindo o pensamento de Irineu, notamos que o homem que participa da Eucaristia é, por assim dizer, eucaristizado. A carne do homem passa a ser importante nessa concretização da salvação em sua existência, pois ela é alimentada pelo próprio Filho de Deus. O Verbo, humanado por meio de tal alimento, torna o ser humano participante do seu corpo. Ao participar de seu corpo, o homem recebe esta vida que vem de Jesus. Uma vez já aqui recebendo a vida do Senhor, passando pela morte como ele passou, alimentado por este santo pão e por este cálice, também participará da ressurreição do Senhor. A condição para isso é alimentar-se do pão do Senhor e

<sup>240</sup> SESBOUÉ, op. cit., p. 97.

<sup>241</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 107, Vol. V.

<sup>242</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 33, Vol. V.

<sup>243</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 34, Vol. V.

beber do seu cálice. Também o homem que vai ressuscitar não é um homem especial, mas o homem limitado e fraco que, comendo e bebendo do Senhor, vai participar da glória da ressurreição, como afirma o nosso autor:

Como a cepa de videira plantada na terra frutifica no seu tempo e o grão de trigo caindo na terra, decompondo-se, ressurge multiplicado pelo Espírito de Deus que sustenta todas as coisas e que, pela inteligência, são postas ao serviço dos homens e, recebendo a Palavra de Deus, se tornam eucaristia, isto é, o corpo e o sangue de Cristo, da mesma forma, os nossos corpos, alimentados por esta eucaristia, depois de ser depositos na terra e se terem decomposto, ressuscitarão, no seu tempo, quando o Verbo de Deus os fará ressuscitar para a glória de Deus Pai, porque ele dará a imortalidade ao que é mortal e a incorruptibilidade ao que é corruptível, pois o poder de Deus se manifesta na nossa fraqueza.<sup>244</sup>

A doutrina eucarística de Irineu está, dessa forma, profundamente associada à salvação do homem. O homem que come do corpo e do sangue do Senhor é o mesmo que vai ressuscitar para a vida eterna. Esse corpo e Sangue do Senhor são a associação do homem a sua vida. Da mesma forma que Jesus assume a vida do homem, enfrentando os limites da condição humana e, enfim, a morte, o Verbo feito carne, fazendo-se comida e bebida, desejou associar o homem ao seu corpo, para que este, alimentando-se dele, participasse de sua vida e, enfim, da sua ressurreição. O homem se torna eucaristizado e por que não dizer cristificado por essa vida que brota da Eucaristia. A participação dos cristãos na Eucaristia é antecedência das coisas que estão por vir daquilo que o Senhor preparou para toda a humanidade.

Irineu, ao longo do livro V do *Contra as Heresias*, faz questão de ressaltar a importância do corpo do homem. Ele reconhece que essa carne que o ser humano porta traz limite e fraqueza. Porém, é essa carne que Deus escolhe para enviar o seu Verbo e é por meio dessa mesma carne que Deus deseja manifestar o seu poder. Também é importante para Irineu que o homem reconheça seus limites, pois foi nesse corpo cheio de fraquezas que o Verbo de Deus o remiu e o eleva à plenitude. Apesar dos limites do corpo, é essa carne, arte das mãos de Deus, que receberá o seu poder. Tudo o que existe no corpo do homem é obra das mãos de Deus. Assim, Irineu reconhece o corpo com todos os seus membros como um grande dom de Deus para o homem e o vê como obra da arte e sabedoria de

---

<sup>244</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 37-38, Vol. V.

Deus.<sup>245</sup> Irineu em sua obra procura combater os adversários da carne, mostrando que o corpo é bom e é criado por Deus. O homem é portador de um destino glorioso. E tal destino como viemos afirmando ao longo dessa exposição, se consuma na realidade concreta do homem: sua história e constituição humana (corpo, alma e espírito). Para os gnósticos, o corpo era uma prisão e a encarnação do Verbo era apenas uma aparência. Também acreditavam que a humanidade era formada por três raças distintas: psíquicos, espirituais e carnis. Irineu, com sua doutrina, vai contra tal concepção. Para Irineu, a priori, todos os homens foram criados por Deus. Portanto, destinados à salvação e à ressurreição no último dia.

Na doutrina de Irineu não existe homem destinado à condenação, embora ela seja uma possibilidade real ocasionada pelas opções tomadas pelo mesmo. Para Irineu, a morte faz parte da existência humana. Todos os homens devem passar por ela, e se ela é fraqueza e limite máximo do ser humano, ela não o é para Deus. Pois será devido a ela que Deus irá ressuscitar o ser humano. Também para Irineu a morte não é o fim. Na opinião do nosso santo, o homem continua a viver por meio da alma e do espírito.<sup>246</sup> Para Irineu, o corpo que morre é a decomposição daquilo que existia no começo da existência. Irineu, ao falar de alma e espírito, reconhece que a vida é maior do que o que aparenta ser e identificar essas duas categorias acima com a vida que habita no ser humano. Acredita que após a morte ainda existe vida e que no final esse homem que vive ressuscitará. Assim, todos os homens estão destinados à ressurreição no último dia e à participação do Reino de Deus.

A partir de tudo que foi explanado acima, notamos que o ser humano integral (corpo, alma e espírito) é portador de um projeto maior que ele mesmo, com um fim glorioso. Tal projeto começa na criação, passa pela história do Antigo Israel, se concretiza na história com a encarnação do Verbo, que ensina o homem a viver e vence a morte, e culmina na instalação definitiva do Reino de Deus na terra e ressurreição do homem. O ser humano é o grande destinatário de todo esse projeto amoroso de Deus. Como afirmamos algumas páginas atrás, ele é a única espécie da criação que progride rumo a um destino único e ao mesmo tempo eterno. A vida do homem que assume tal projeto é plenificada já aqui nesse chão e culmina na ressurreição. Porém, o homem é livre em aceitar ou não esse projeto.

---

<sup>245</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies*, op. cit., p. 49, Vol. V.

<sup>246</sup> IRÉNÉE, *Contre les Hérésies* op. cit., p. 85-87, Vol.V.

E o que o homem deve fazer para aceitar tal projeto? Irineu, ao comentar a carta aos Efésios, exorta os seus leitores a viver uma vida de docilidade à ação do Espírito de Deus. Tal docilidade consiste numa vida conformada à do Verbo, longe das chamadas obras da carne. Enquanto os que não têm essa docilidade ao Espírito se entregam aos prazeres da carne sem nenhum limite, aqueles, que por sua vez, caminham para o Pai e o Filho, foram dóceis à ação desse Espírito e se dedicam às boas obras. Assim, estes estão garantindo a sua participação na vida eterna. Embora todo homem traga em si a imagem e semelhança de Deus, a possibilidade e a capacidade do homem dizer não ao projeto de Deus são reais. Irineu não a exclui e é bem consciente de que, apesar da grande economia salvífica em favor da humanidade, nem todos os homens aceitam essa economia e essa vocação única da qual o homem é portador: viver para a Glória de Deus. Mas, apesar da rejeição do ser humano a tal projeto, Deus continua chamando o homem, por meio de seu Verbo, a essa vida de amizade com Ele, tendo em vista a participação do mesmo na sua glória. O homem é o centro desse amor de Deus na sua criação, e Deus, na sua bondade, encaminha toda a história para a sua salvação.

## CONCLUSÃO

Concluimos com esta nossa pesquisa que Irineu, ao refletir sobre a salvação, não a pensa como um projeto distante ou além-túmulo. A salvação é algo concreto que começa no hoje do homem e culmina no grande escatón na consumação dos tempos. Ao lermos esse Pai, a sua doutrina nos chamou a atenção porque nela existem traços antropológicos que saltam aos olhos do leitor moderno e que muito lembram os humanistas de nossos dias. Dentro da sua soteriologia, o homem ganha um destaque todo especial. De forma alguma, isto é fazer uma leitura tendenciosa de Irineu ou querer ainda colocá-lo nos esquemas teológicos e antropológicos atuais e sim, ao descobrir Irineu, perceber que ele em sua reflexão parece responder ou dar pistas para a solução de alguns problemas relacionados ao homem de hoje, tanto em âmbito eclesial quanto social.

Em tempos de modernidade ou hipermodernidade<sup>247</sup>, observamos em nossa sociedade uma desintegração de valores e, ao mesmo tempo, a afirmação, por vezes, de posturas rígidas consideradas ultrapassadas. Apesar da distância entre o nosso tempo e o de Irineu, percebemos alguns problemas muito parecidos. Nos tempos de Irineu, no seio das primeiras comunidades, já começam a surgir problemas relacionados às duas naturezas de Jesus Cristo, com relação à unidade da Igreja e sua autoridade e ainda no que diz respeito ao conteúdo da fé e a inspiração das Escrituras. O mundo atual parece exaltar cada vez mais o ser humano, seja através do desenvolvimento de ideologias sociais e políticas ou por meio de uma liberdade que não leva em conta limites. Ao mesmo tempo em que observamos essa supervalorização do ser humano, por outro lado vemos milhares de indivíduos vivendo em uma situação de miséria extrema. Em meio a todos esses dramas, o cristianismo, na opinião de muitos, parece ter colaborado para o aparecimento de tantas crises em meio à sociedade moderna. Para alguns, o cristianismo tornou o homem fraco e medroso, para outros, colaborou com o surgimento de uma série de preconceitos existentes na sociedade e no homem. E, ainda, na opinião de terceiros, o cristianismo não contribuiu em nada para a melhoria do ser humano. Os clérigos cristãos teriam, segundo a opinião destes últimos, ao

---

<sup>247</sup> Tal termo é cunhado pelo filósofo polonês Gilles Lipoverstsky. Para esse pensador, a humanidade e a sociedade saíram do paradigma moderno e vivem em nossos dias a hipermodernidade que é esse tempo de negação ou afirmação radical de valores e práticas do passado. Para um maior aprofundamento, recomendamos a seguinte obra e suas seguintes páginas: LIPOVERSTSKY, Gilles. *Os Tempos Hipermodernos*. Barcarolla: Pinheiros, 2004 . p. 56-57.

longo da história, colaborado muitas vezes com a opressão do homem, oferecendo a este uma religião conformista em troca de um paraíso.

A adesão a essa fé, por vezes conformista, colaborou em alguns momentos da história para a justificação da opressão por parte de certos indivíduos. Dessa forma, na opinião dos críticos da fé cristã e da religião, em muitos momentos da história, o cristianismo e a religiosidade em geral, foram uma espécie de tranquilizante para a mente de classes dominantes, e sonífero para os oprimidos. Hoje, muitos movimentos religiosos novos levantam a bandeira de um cristianismo que visa apenas à salvação individual e não despertam no crente o seu papel como colaborador na construção do Reino. O cristianismo desses movimentos visa o bem-estar pessoal de seus adeptos; para os indivíduos desses grupos uma vida financeira e amorosa bem sucedida é a concretização da salvação pessoal e familiar. Além do cristianismo, o crescimento de outras experiências religiosas também serve para alimentar essa religiosidade individualista.

Notamos, nos diversos centros urbanos espalhados pelo globo, uma vida contrastante entre os diversos grupos humanos. Alguns desses grupos vivem uma vida farta com todo tipo de regalia a que têm direito. Enquanto que outros grupos, nos mesmos centros, vivem em extrema pobreza e não têm nem mesmo acesso aos seus direitos básicos. Os membros desses grupos abastados, em geral, gastam milhões para manter o estilo de vida a que estão acostumados, explorando até o fim os recursos naturais do planeta, não levando em conta as necessidades gerais da humanidade. Além desse tipo de exploração dos recursos naturais, tendo como fim o bem-estar de poucos, o homem moderno presta um culto desproporcional a si mesmo. Existe um culto ao corpo, uma espécie de propaganda do ser humano ideal. Os indivíduos que não se encontram nos padrões desse homem ideal são simplesmente descartados. O ser humano, sem nenhum escrúpulo, descarta o seu próximo de forma espantosa. O outro não é seu semelhante, mas um produto que fornece algum tipo de serviço. Assim, se cria uma mentalidade utilitarista entre os indivíduos.

Além dos problemas citados, saímos de um século marcado por tragédias humanas. Em geral, constatamos que tais tragédias foram, por vezes, forjadas pelo homem. No século XX, tivemos duas grandes guerras mundiais que dizimaram milhares de vidas. Essas guerras foram feitas em um continente cristão, ou seja, homens de fé, que professavam basicamente as mesmas verdades do cristianismo



criaram o ódio e a dor entre si. Atrás dessas guerras, não podemos esquecer os horrores das cortinas de ferro e bambu que levaram à morte milhares de seres humanos. Somando a tudo isso, tivemos a tragédia dos campos de concentração que tinham como objetivo o extermínio do povo judeu e de outros indivíduos tidos como desprezíveis por um determinado modelo de sociedade ideal, pregado por membros de certa ideologia social e política. Mesmo os membros desses grupos dominantes, ao promoverem tais horrores, acreditavam estar colaborando com a criação de um ser humano e sociedade ideais.

No entanto, como já afirmamos algumas linhas atrás, a doutrina de Irineu é viva e atual. E, a nosso ver, embora a linha do tempo entre nós e Irineu seja longa, percebemos que os mesmos problemas do tempo de Irineu parecem voltar aos nossos dias com um novo rosto e uma nova roupagem. Também percebemos problemas novos próprios de nossa época. Mas, apesar de tudo, Irineu e sua doutrina soteriológica, para nós, parecem nos apontar, em alguns momentos, respostas para alguns problemas relacionados ao ser humano e, em outros momentos, pistas para outros problemas de nosso tempo. Em um tempo em que o homem ora é máquina ora é escravo das suas paixões, e em outras situações presta a si mesmo um culto doentio ou torna seu semelhante um produto descartável, ou ainda, em outros momentos, baseando-se em ideologias ou correntes religiosas, desumaniza-se, acreditamos que a doutrina da salvação apresentada por Irineu é rica e atual e tem muito a iluminar, tanto a reflexão teológica como a mais alta reflexão humanista por vezes desenraizada de qualquer sentimento religioso. O homem apresentado por Irineu, à luz das Escrituras e da Tradição cristã, não é fruto de um acaso ou ainda um brinquedo nas mãos da divindade. Esse homem, como afirmamos, em algumas páginas deste nosso trabalho, está no centro de toda a obra criadora do amor de Deus. E é criado unicamente por amor e com uma vocação única na história.

Irineu começa sua reflexão sobre a doutrina da salvação a partir dos relatos da criação contidos na Escritura. Para o nosso autor, Deus, por meio das suas duas mãos, o Filho e o Espírito Santo<sup>248</sup>, dá vida a todas as coisas, em especial ao ser humano. O homem, para Irineu, aparece de forma destacada na criação e é obra direta das mãos de Deus que recebe a sua imagem e semelhança. Nenhuma outra

---

<sup>248</sup> IRÉNÉE DE LYON. *Contre les Heresies* - Livre III Rousseau, Adelin et Doutreleau, Louis. Paris: Les éditions du Cerf, 1979. p. 235. Sources Chrétiennes n.210

criatura tem essa característica, somente o homem. E por que esse ser recebe essa característica? Unicamente porque está destinado, desde o momento em que Deus o modela, para a salvação. Salvação esta que, como afirmamos anteriormente, começa na criação e tem sua consumação na encarnação do Filho de Deus. O homem é assim criado e modelado por Deus, tendo em vista a encarnação do Verbo e a concretização do seu projeto salvífico na história. Percebemos, dessa forma, que para Irineu o homem é destinado, desde a criação, à salvação. Muitos críticos de Irineu o questionam por sua visão demasiadamente otimista do homem e da história. Para Irineu, a causa primeira da encarnação é o querer salvífico de Deus.

Acreditamos que tal visão acerca do ser humano tem muito a nos dizer e nos leva a ver o homem não como uma máquina biológica ou uma espécie mais evoluída que as demais. Tal visão nos ajuda a superar tanto as concepções maximalistas como minimalistas a respeito do homem que temos encontrado em moda nos nossos tempos. Muitas dessas visões são frutos tanto de ideologias de cunho sociológico e filosófico como de cunho religioso, e até mesmo algumas destas últimas, por vezes, se baseiam nas Escrituras cristãs para dar respaldo a seu discurso. Porém, a reflexão de Irineu rompe com toda e qualquer visão distorcida do homem. O homem não é para Irineu nem um deus e nem um ser sem rumo e destino. O humano é, para Irineu, alguém criado por Deus com o destino glorioso, pois como afirma o próprio Irineu no *Contra as Heresias*: “a glória de Deus é o homem vivo”. Ou como outros preferem: a glória de Deus é o homem feliz. A primeira tradução sem dúvida é a que mais corresponde ao texto da tradução francesa utilizada por nós como o da tradução latina<sup>249</sup>. No entanto, ambas as traduções, no fundo, querem expressar a grande novidade do pensamento de Irineu e, por que não dizer, do cristianismo nascente. Ou seja, que em Jesus Cristo o ser humano conhece a sua vocação na obra da salvação. E mais ainda, que esse homem é o grande contemplado no plano salvífico.

---

<sup>249</sup> Em nosso trabalho tivemos que usar a edição crítica de *Contra as Heresias* da coleção Sources Chrétiennes. Esta edição francesa da referida obra de Irineu, bilíngue, é considerada uma das melhores edições críticas do *Contra as Heresias*. Na edição francesa, a tradução correspondente ao texto latino é a Glória de Deus é o homem vivo. Na edição portuguesa do texto de *Contra as Heresias* (Irineu de Lião, [Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa] São Paulo: Paulus, 1995. Patrística Vol IV), a tradução da frase está de acordo com a tradução francesa e latina. Apesar disso, os livros I e II da edição portuguesa não possuem uma boa tradução. Os livros III, IV e V correspondem melhor à tradução francesa. No entanto, ainda não possuímos uma tradução crítica do *Contra as Heresias* em língua portuguesa.

A partir de Irineu e de sua doutrina da salvação, é impossível ao teólogo cristão ou a qualquer crente que reflita à luz da fé o papel do homem na nossa história cair em extremos na concepção acerca do mesmo. Também acreditamos que o cristão que se depara com santo Irineu não compreende mais a encarnação com a mesma concepção que tinha antes e nem tampouco deixa de se perguntar sobre o homem e seu papel neste mundo. À luz de Irineu, percebemos o homem como essa esplendorosa obra das mãos de Deus tão misteriosa e fascinante como o próprio Deus. O ser humano, obra de Deus, que tanto é capaz de chegar até o seu Senhor como de praticar o bem, é também capaz de praticar o mal e destruir a própria criação por Ele oferecida. Mesmo assim o homem é alguém que existe para ser salvo. Também em Irineu somos levados a compreender a palavra salvação com mais profundidade. Infelizmente, quando falamos de salvação, esquecemos que esta salvação não é somente da alma e reservada apenas para a vida após a morte, mas é para o hoje do homem e da humanidade. Cristo vem assim revelar de forma concreta essa salvação.

Em que consiste então essa salvação? À luz da compreensão de Santo Irineu, percebemos que essa salvação consiste em um progresso pessoal do ser humano configurado a Cristo. Em outras palavras, o homem assumindo Cristo e sua proposta, é levado a um progresso, configurando sua vida a de Jesus em todas as etapas, chegando até o cume desse progresso que é a ressurreição. As etapas vividas por Jesus são as etapas da vida humana: nascimento, infância, adolescência, vida adulta. O homem vivendo sua vida nessas fases, configurado ao Verbo, deixando-se educar por Ele, chegará ao progresso último que é a ressurreição. Porém, nesta vida, o homem vai progredindo, aprendendo com o Verbo a viver sua existência segundo o plano de Deus. Por isso, para Irineu, a queda do homem é fruto da infantilidade: o mesmo pecou por não estar maduro. O Verbo feito carne ensina o homem a viver e o eleva a um estado de progresso constante. Assim, diferente de algumas concepções cristãs presentes na história, Irineu não enxerga o homem como alguém decaído e condenado, mas como um ser único na criação com uma vocação única na história. O homem não é, para Irineu, alguém condenado a este mundo, como pensavam os adeptos do gnosticismo, e nem um semideus como algumas concepções filosóficas dos séculos XIX e XX pensavam.

Percebemos em Irineu uma atualidade incrível para o mundo teológico que tanto tem se esforçado para responder à luz da fé aos desafios lançados hoje ao homem. Irineu nos ensina que a salvação começa no hoje da história e termina no novo céu e na nova terra (Ap 21,1 ) transformados por Cristo na nova criação que se aproxima. Também percebemos, em Irineu, que podemos prestar um serviço ao homem à luz da fé sem esquecer os fundamentos da mesma. Irineu ensina-nos a refletir a fé e os problemas atuais sem nos afastarmos dos pontos que demarcam a nossa identidade cristã. Assim, concluímos este nosso trabalho afirmando que a doutrina soteriológica de Irineu lança pistas para solucionarmos alguns problemas relacionados ao homem, e mais, responde a alguns dramas relacionados ao homem de hoje. Ainda percebemos ao longo deste trabalho que a doutrina da salvação desenvolvida por Irineu nos ajuda a compreender de forma correta o papel do homem na história da humanidade à luz da fé cristã.

E se, em algum momento da história, a reflexão cristã ou a compreensão da doutrina cristã não ajudou o homem a progredir na sua existência é porque simplesmente este se afastou dessa herança da Igreja antiga. Pois, a partir de Irineu, acreditamos que a compreensão do homem existente nas escrituras e refletida por ele e outros teólogos da Idade de Ouro da patrística foi uma grande novidade que fez com que muitos aderissem ao querigma cristão das primeiras gerações da Igreja. Esperamos que através deste nosso humilde trabalho muitos se voltem para essa herança da Igreja e se coloquem a estudar Irineu e outros Pais da Igreja para perceber a beleza do homem apresentada pelo cristianismo e que por nós deve ser atualizada e oferecida mais uma vez aos homens de boa vontade de nosso tempo.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

IRÈNÉE DE LYON. *Contre les Herésies*- livre I. Rousseau, Adelin et Doutreleau, Louis. Paris: Les Éditions du Cerf, Paris, 1979. Sources Chrétiennes n.263

\_\_\_\_\_. *Contre les Herésies*- livre II. Rousseau, Adelin et Doutreleau, Louis. Paris: Les Éditions du Cerf, 1982. Sources Chrétiennes n.294

*Contre les Herésies* - livre III. Rousseau, Adelin et Doutreleau, Louis. Paris: Les Éditions du Cerf, 1974. Sources Chrétiennes n. 210

\_\_\_\_\_. *Contre les Herésies*- livre IV- Tome I e II. Rousseau, Adelin et Doutreleau, Louis. Paris: Les Éditions du Cerf, Paris, 1965. Sources Chrétiennes n.100

\_\_\_\_\_. *Contre les Herésies*- livre V- Tome I e II. Rousseau, Adelin et Doutreleau, Louis. Paris: Les Éditions du Cerf, 1969. Sources Chrétiennes n.152

SAN IRINEU LYON. *Contra los Herejes- Exposicion y refutacion de la falsa gnosis*. Gonzalez, Carlos Ignacio. México: Conferencia del episcopado mexicano, 2000.

\_\_\_\_\_. *Demonstración de La Predicación Apostólica* (Edición preparada por Eugenio Romero Pose). Madrid: Editorial Ciudad Nova, 2000.

### Bibliografia Secundária

ALAND B. Marcião e marcionismo in: Di Berardino, Angelo. *Nuovo Dizionario Patristico e de Antichità Cristiane*. Genova : Casa Editrice Marietti, 2007.

BIHLMeyer, Karl – TUECHLE, Herman. *História da Igreja*- Antiguidade Cristã. São Paulo: Edições Paulinas, 1963.

DANIÉLOU Jean - MARROU Henri. *Nova História da Igreja* – Dos Primórdios a São Gregório Magno. Vol. I. Petrópolis : Editora Vozes Limitada, 1966.

DUFOURCQ, Albert. *Saint Irénée*. Paris: Librairie Victor Lecoffre, 1904.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica* (tradução monjas beneditinas do mosteiro de Santa Maria Mãe de Cristo) São Paulo: Paulus, 2000( Patrística vol 15).

FANTINO, Jacques. *L' Économie, Realization Du Dessen De Dieu* in: *Connaissance des Pères de L' Église*. Montligeon , n. 81, p. 18-34. Junh/ Agos 2001.

FILORAMO, G. Gnose e Gnosticismo In: Di Berardino, Angelo. *Dictionnaire Encyclopedique Du Christianisme Ancien*. Belgique: Du Cerf, 1990. Tome I

GONZALEZ , Fauz José Ignacio. *Carne de Dios – Significado salvador de la Encarnación en la teología de San Irineo*. Barcelona:Editorial Herder , 1969.

GIANOTTO C. Valentim-gnostico In: Di Berardino, Angelo. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

GRIFFE, Élie. *La Gaule Chrétienne a L' époque Romaine – Des Origines Chrétiennes a La fin du IV Siécle* . Paris: Letouzey et Ané, 1964.

GROSSI, V. Heresia-heretico in: di Berardino, Angelo. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Hoeller, Stephan .A. *Gnosticismo- Tradição Oculta*. Porto Alegre: Editora Nova Era, 2007.

JEDIN, Hubert. *Manual de Historia de La Iglesia*. Barcelona: Editorial Herder, 1980.

LIPOVERSTSKY, Gilles. *Os Tempos Hipermodernos*. Pinheiros : Barcarolla , 2004 .

KOESTER, Helmed. *Introdução ao Novo Testamento -1 Cultura e religião do período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005.

ORBE, Antonio. *Antropologia de San Ireneo*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos – BAC, 1969.

\_\_\_\_\_. *La Teologia dei secoli II e III- Il confronto della grande chiesa con lo gnosticismo*. Roma: Edizione Pimi/ Editrice Pontificia Università Gregoriana,1985. Vol. I.

*Padres Apologistas: Carta a Diogneto ( Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo )* São Paulo: Paulus, 1995. Patrística Vol.1

PÉTREMENT, Simone. *Le Dieu Separe – Les Origines Du Gnosticisme*.Paris : Les Éditions Du Cerf,1984.

RAMELLI . J. Gnosi e Gnosticismo In: Di Berardino, Angelo. *Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*. Genova: Casa Editrice Marietti, 2007.

REALE, Giovanni, *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. Vol. I.

SESBOUÉ, Bernard. *Tout Récapituler Dans Le Christ – Crhistologie et Sotériologie d'Irénée de Lyon*. Desclée: Paris, 2000 .

SINGLES, Donna. *A Glória de Deus é o homem vivo: A profissão de fé de Santo Irineu*. São Paulo: Paulus, 2010.

TILLESSE, Minette Caetano. *Extra-canônicos do Novo Testamento- Evangelhos*. Fortaleza: Editora Nova Jerusalém, 2003. Volume. I.

VILA NOVA, Evangelista. *História de la Teologia Cristiana – De las origines al siglo IV*. Barcelona: Editorial Herder, 1987